



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ANGELINO TCHINDOMBE KAMATI

O Sentido do Sofrimento Humano
À luz da Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*»

Dissertação Final
sob orientação de:
Profª Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2014

DEDICATÓRIA

Este trabalho dedicámo-lo com ternura e saudade à saudosa memória dos meus pais: Domingos Gongo e Adriana Nené que desde pequeno incentivaram-me a estudar, enquanto cultivavam o solo e pastavam o gado com o suor do seu rosto, para pagarem os meus estudos. Depois de fazerem parte dos sofrimentos de Cristo, agora encontram-se no “paraíso” onde já não há penas nem morte e nem sofrimento. Glória à eles cujo amor transmitiu a vida, por Deus criada, que o Senhor retribua, com a vida Eterna.

AGRADECIMENTOS

Às minhas irmãs pelo carinho dado;

Ao Senhor Arcebispo do Lubango (Angola) – Dom Gabriel Mbilingi, pela amizade e confiança;

Ao Senhor Arcebispo Primaz, Dom Jorge Ortiga, pelo carinho e acolhimento nesta Igreja particular de Braga;

À Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, minha querida orientadora, que com empenho e mestria soube direccionar esta dissertação;

Aos amigos Pe. António Rodrigues, Pe. Carlos Lopes, Vítor e Ana;

Aos Padrinhos Jorge Sanches e Emília Sanches;

Aos professores e funcionários desta instituição;

A todos vós por motivos invocados manifesto a gratidão hoje e sempre.

SIGLAS

SD – <i>Salvifici Doloris</i>	Job – Job
MPLA – Movimento popular de libertação de Angola.	Jos – Jossué
UNITA – União nacional para independência total de Angola	Jdt – Judite
HIV – human immunodeficiency vírus/ Vírus da imunodeficiência humana.	Mac – Macabeus
ARC – Complexo relacionado com a Sida.	Eclo – Eclesiástico
SIV – Virus de imunodeficiência simiana	Dan – Daniel
AIS – Ajuda a Igreja que sofre.	Dt - Deuterónimo
A.T. – Antigo Testamento	Os – Oseias
E. S. – Espírito Santo	Ez – Ezequiel
Gn – Genesis	Mt – Mateus
Ex– Êxodo	Lc – Lucas
Sl – Salmo	Mc – Marcos
Sab – Sabedoria	Jo – João
Sam – Samuel	At – Atos
Jer – Jeremias	1 Jo – 1ª de João
Nm – Numero	1 Cor – 1ª Coríntios
Lv – Levítico	2 Cor – 2ª Coríntios
Prov – Provérbios	1 Ped – 1ª Pedro
	2 Ped – 2ª Pedro
	Rom – Romanos
	Ef – Efésios
	Heb – Hebreus
	1Tim – 1ª Timóteo
	2ª Tim – 2ª Timóteo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da investigação científica que marca o fim do curso do Mestrado Integrado em Teologia. O mesmo tem como objetivo fundamental o aprofundamento do estudo sobre o sentido cristão do sofrimento humano e da dor nas suas diversas formas (física e espiritual). É um tema muito atual e atuante, de interesse teológico e também humano o qual sempre acompanha a vida e a história da humanidade.

O aprofundamento do sentido cristão do sofrimento e da dor nas suas diversas vertentes é exatamente o desafio colocado neste trabalho. Com a ajuda da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* do papa João Paulo II de 11 fevereiro de 1984, como obra principal, vamos procurar atingir o objetivo pretendido.

O trabalho estrutura-se em três capítulos: I – Para uma fenomenologia do sofrimento com a sua ramificação em cinco subtítulos e seis alíneas; II – Problematização e sentido cristão do sofrimento. Este capítulo estende-se em sete subtítulos; e o III capítulo procuramos falar de sofrer por compaixão. Olhemos para aqueles que de coração e alma participaram consciente e inconscientemente no sofrimento de Cristo e por Cristo.

Para o estudo deste tema no seu todo e particularmente dos pontos constantes no corpo do presente trabalho, para uma melhor compreensão, inicialmente vamos procurar o conceito do sofrimento e o sentido que a Bíblia lhe atribui. Depois da viagem pelo Antigo e pelo Novo Testamento, vamos deter-nos no testemunho de vida deixado por algumas pessoas que foram e sem sombra de dúvida participantes oculares e auriculares dos sofrimentos de Cristo e dos que ainda hoje continuam a vivê-los na fidelidade e na esperança do Cristo Pascal.¹

O ser humano sofre por causa de um bem do qual não participa, excluído ou seja do qual ele se privou. Esse tipo de sofrimento que atinge o Homem em todos os quadrantes da sua vida, tem algum sentido? Há alguma razão que justifica tal existência uma vez que Cristo

¹ Cf. Francisco Senra COELHO, «O sofrimento e a dor à luz do mistério pascal», in *Quereis oferecer-vos a Deus? Movimento da mensagem de Fátima*, Boletim nº8 2012, 211.

morreu e ressuscitou para a salvação da humanidade? Onde está a base do sofrimento? Estas são algumas perguntas as quais procuraremos responder no decurso deste trabalho.

Quanto ao método, serão usados dois para o trabalho a que nos propomos:

- o *método ascendente* (do texto para Cristo) e o *descendente* (de Cristo para o texto e consequentemente para a vida do sofredor). O pressuposto em que se fundamentam é este: compreender o texto, vivê-lo e procurar ajudar.

CAPÍTULO I – PARA UMA FENOMENOLOGIA DO SOFRIMENTO

Neste capítulo, depois de apresentação da carta *Salvifici Doloris*, na qualidade de ser obra primária e principal de consulta para este trabalho e da biografia do papa João Paulo II, vamos abordar a noção do sofrimento no geral, suas formas, passando pela solidariedade humana na vivência e convivência, origem do mal, a visão do mistério do sofrimento na Sagrada Escritura e finalmente refletir sobre a universalidade do sofrimento.

1. Apresentação da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* é o documento pontifício que oficialmente melhor indica o sentido do sofrimento humano na sua perspectiva cristológica, por isso é aí onde se coloca a razão da sua escolha para iluminar a nossa reflexão. A carta é da autoria do papa João Paulo II, ela parece estar integrada profundamente no contexto do Ano da Redenção, o Jubileu extraordinário da Igreja. Isto é, no sexto Ano do seu Pontificado, junto de São Pedro, na memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes, a 11 de fevereiro de 1984 em Roma. Ano em que o mundo, mormente os cristãos foram convidados de maneira mais instantânea a reconhecerem-se filhos do mesmo Pai, a esquecerem todas as divisões e lutarem pela reconciliação fraterna na liberdade, na justiça e no respeito mútuo.

O papa abriu em 25 de março, a "Porta Santa", da Basílica de São Pedro no Vaticano, dando início ao Ano Santo comemorativo dos 1950 anos decorridos sobre a morte de Jesus Cristo (1983/1984). É a segunda vez na história da Igreja que a morte de Cristo é comemorada com um Ano Santo. A primeira comemoração da Redenção foi decretada pelo papa Pio XI em 1933, décimo nono centenário da morte de Cristo. Isto não significa - salienta-se nos circuitos religiosos de Roma - que Pio XI (1933), e João Paulo II (1983), pretendam tomar partido

quanto à discussão que se trava há séculos sobre a tradição cristã quanto à idade que Cristo teria quando foi crucificado.

O que importa, do ponto de vista do Vaticano, não é a data exata da Redenção, mas a Redenção em si mesma, o cumprimento da promessa, o acontecimento que se evoca: a morte e ressurreição de Jesus.² Ainda dizia o papa João Paulo II, na *Salvifici Doloris* que desejamos viver este ano da Redenção em união especial com todos os que sofrem. Sublinhou que era necessário que se congreguem em espírito, junto à Cruz do Calvário, todos os que sofrem e acreditam em Cristo; e de modo particular aqueles que sofrem por causa da sua fé n'Ele, Crucificado e Ressuscitado a fim de que o oferecimento dos seus sofrimentos apresse a realização da súplica do mesmo Salvador pela unidade de todos.³

É exatamente para lá onde se encaminham também os seres humanos de boa vontade, porque na Cruz está o Redentor da humanidade, o homem das dores, que assumiu sobre Si os sofrimentos físicos e morais dos humanos de todos os tempos, para que encontrem no amor, na cruz, o sentido salvífico dos próprios sofrimentos e respostas válidas a todas as suas interrogações.⁴

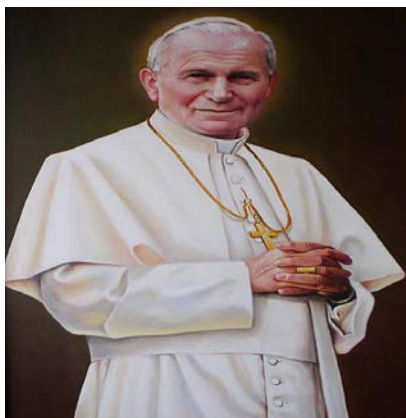
Finalmente, é nesta carta que me vou inspirar como obra principal conforme referi anteriormente para abordar este tema de grande importância para todos os seres humanos que têm passado pela experiência do sofrimento.

²Cfr.:[http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA\(A\)ANO%20SANTO%20DA%20REDECAO%20!.PDF](http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA(A)ANO%20SANTO%20DA%20REDECAO%20!.PDF).

³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº31.

⁴ Cf. *Ibidem*, nº31.

2. Resenha Biográfica do papa João Paulo II (1920-2005)



(Figura 1: Karol Józef Wojtyła, Papa João Paulo II)

João Paulo II nasceu a 18 de maio de 1920 na pequena cidade de Wadowice a cerca de 50 quilómetros de Cracóvia. Filho de Karol Wojtyła e de Emília Kaczorowska. Foi batizado com o nome de Karol Józef Wojtyła dois dias depois. É o terceiro filho na ordem do nascimento. Não conheceu a sua irmã Olga falecida aquando do seu nascimento. O outro irmão era médico morreu no ano de 1932 e sua mãe morreu em 1929, ano da sua primeira comunhão. Aos dezoito anos (1938) celebrou o Sacramento da Confirmação. Seu pai antigo oficial do 53º regimento de infantaria do Império Austro-húngaro, veio a morrer em 1941 vítima de ataque cardíaco.⁵

⁵ Cf. Monsenhor Francesco FOLLO, *Meditações com o Beato João Paulo II*, Paulus Editora, Lisboa, 2011², 7.



(Figura 2: Karol Wojtyła e de Emilia Kaczorowska, pais de Karol Józef Wojtyła)

Quanto à formação cultural, Karol Józef Wojtyła, após ter terminado os estudos secundários na escola Marcin Wodowita, de Wodowice, se inscreveu em 1938 na Universidade Jaguielónica de Cracóvia. Por esta altura iam-se acumulando por toda a Europa as tristes e ameaçadoras nuvens do nacional-socialismo e do comunismo, duas ideologias que marcaram indelevelmente o clima político e cultural em que se formou. Foi forçado a interromper a formação por ordem das forças de ocupação nazis em 1939 tendo fechado as portas das universidades. O Jovem para poder ganhar a vida viu-se obrigado a trabalhar na pedreira e depois numa fábrica de produtos químicos Solvay durante 4 anos (1940-1944).

Ainda dentro do clima de guerra sentiu vocação para o sacerdócio e foi admitido com mais nove companheiros a frequentar os cursos de formação num seminário clandestino na Cracóvia dirigido em pessoa pelo Arcebispo, o Cardeal Adam Sapieha. Terminada a Guerra, continuou abertamente os estudos na Faculdade de Teologia da Universidade de Jaguielónica. Foi ordenado Sacerdote no dia 1 de novembro de 1946, dia de todos os Santos, pelo seu protetor, o Arcebispo de Cracóvia Adam Sapieha. Completou o curso universitário em Roma «na Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, onde ele conseguiu a sua licenciatura e, posteriormente, o doutorado em Teologia (o primeiro), isto é, em 1948 com a tese «A

Doutrina da Fé segundo São João da Cruz». ⁶ Em 1954 Karol Józef Wojtyła obteve o seu segundo doutoramento, em Filosofia, com uma tese sobre «*avaliando a viabilidade de uma ética católica baseada no sistema ético do fenomenologista Max Scheler*» na Universidade Católica de Lublin. ⁷ Foi nomeado Bispo de Ombo e auxiliar de Cracóvia a 4 de julho de 1958 pelo papa Pio XII, recebeu a imposição das mãos do Arcebispo Eugeniusz Baziak, capelão universitário e professor de Teologia Moral e de Ética do Seminário de Cracóvia e da Faculdade de Teologia de Lublin. Foi eleito Arcebispo de Cracóvia a 13 de janeiro de 1964 pelo Papa Paulo VI. Decorridos apenas três anos, a 26 de junho de 1967, Paulo VI anunciou a promoção do Arcebispo Karol José Wojtyła ao colégio de cardiais. Wojtyła foi nomeado Cardeal-Padre do titulus de San Cesareo in Palatio e participou no Concílio Vaticano II, representou igualmente a Polónia em cinco assembleias internacionais de Bispos entre 1967 e 1977.

Em agosto de 1978, após a morte do papa Paulo VI, o Cardeal Józef Wojtyła votou no conclave papal para a eleição do papa João Paulo I. Este morreu após 33 dias, precipitando assim o segundo conclave de 1978 que começou em 14 de outubro, dez dias após o funeral do papa João Paulo I. Foi dividido entre dois fortes candidatos ao papado: Cardeal Giuseppe Siri, o conservador Arcebispo de Génova e o liberal Arcebispo de Florença, Cardeal Giovanni Benelli, um colaborador próximo de João Paulo I. Os defensores de Benelli estavam confiantes de que ele seria eleito, pois que no início da votação, Benelli estava com nove votos. Entretanto, a magnitude da oposição a ambos significava que possivelmente nenhum deles receberia os votos necessários para ser eleito, e o cardeal Franz Konig, Arcebispo de Viena, individualmente sugeriu a seus colegas eleitores um candidato de compromisso.

⁶ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_Paulo_II.

⁷ Cf. *Ibidem*.

Assim, para presidir à verdade e à caridade, e tomar sobre os ombros a salvação de todos os seres humanos, sem distinção de raça e cultura foi eleito Karol Józef Wojtyła na oitava votação no segundo dia, de acordo com a imprensa italiana, com 99 votos dos 111 eleitores participantes, isto no dia 16 de outubro de 1978. Em seguida, escolheu o nome de João Paulo II em homenagem ao seu antecessor e a tradicional fumaça branca informou a multidão reunida na Praça de São Pedro, que um papa havia sido escolhido. Ele aceitou a sua eleição com essas palavras: ‘Com obediência na fé em Cristo, meu Senhor, e com confiança na Mãe de Cristo e da Igreja, apesar das grandes dificuldades, eu aceito. Quando o novo pontífice apareceu na varanda, quebrou a tradição, dizendo a multidão reunida:

«Queridos irmãos e irmãs, todos estamos ainda tristes com a morte do querido papa João Paulo I. E agora os eminentíssimos Cardeais chamaram um novo Bispo de Roma. Chamaram-no de um país distante... Distante, mas sempre muito próximo pela comunhão na fé e na tradição cristã. Tive medo ao receber esta nomeação, mas fi-lo com espírito de obediência a Nosso Senhor e com a confiança total na sua Mãe, a Virgem Santíssima. Não sei se posso expressar-me bem na vossa e na nossa língua italiana. Se eu cometer um erro, por favor corrijam»⁸.

O papa João Paulo II tornou-se o 264 papa de acordo com a ordem cronológica na lista dos papas e o primeiro papa não italiano em 455 anos. Com apenas 58 anos de idade, foi o mais jovem papa eleito desde Pio IX em 1846, que tinha 54 anos. Assim como o seu antecessor imediato, João Paulo II dispensou a tradicional coroação papal e, em vez disso, recebeu a investidura eclesiástica que simplificou a cerimónia, em 23 de outubro de 1978. Durante a sua posse, quando os Cardeais estavam a ajoelhar-se diante dele para tomar seus votos e beijar o anel do pescador, levantou-se quando o prelado polaco, Cardeal Stefan Wyszyński se ajoelhou, interrompeu-o e simplesmente deu-lhe um abraço.

⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_Paulo_II.

Abri as portas a Cristo! - Foram as palavras que dirigiu aos fiéis reunidos na Praça de São Pedro. Ele mesmo, com efeito, abriu toda a sua vida ao Evangelho da vida, a Cristo, Senhor da humanidade e da história. Eis o testemunho que nos deixou durante o seu Pontificado: 147 visitas pastorais em diferentes cidades italianas; visitou mais de 300 paróquias romanas (de um total de 334); 104 viagens apostólicas por todo o mundo, incluindo Angola, sendo o primeiro papa a visitar esta terra onde teve início a evangelização da Igreja Católica a nível do continente africano, pelos missionários portugueses e também conhecida por País do primeiro Bispo negro da história.

Documentos Pontifícios

11 Constituições Apostólicas; 14 Encíclicas; 15 Exortações Apostólicas; 28 *Mutus Próprio*; 38 Cartas Apostólicas;⁹ 5 Livros e proferiu cerca de 20 mil discursos. É autor de um grande número de mensagens, tais como: 1 para o Jubileu dos Cárceres; 9 para o Dia Mundial da Vida Consagrada; 12 para o dia Mundial do Turismo; 13 para o Dia Internacional da Alfabetização; 14 para o Dia Mundial do Enfermo; 18 para as jornadas Mundiais da Juventude; 25 para o Dia Mundial da Alimentação; 25 para o Dia Mundial do Emigrante; 27 para o Dia Mundial das Comunicações Sociais; 27 para o Dia Mundial pelas Vocações; 27 para o Dia Mundial das Missões; 27 para o Dia Mundial da Paz; 27 para a Quaresma e 36 *Urbi et Orbi*.¹⁰

A 13 de maio de 1981 foi atingido por uma bala e gravemente ferido durante uma tentativa de assassinato quando entrava na Praça de São Pedro, no Vaticano. O papa João Paulo II teve o terceiro maior pontificado que iniciou em 16 de outubro de 1978 e terminou em 2 de abril de 2005 quando Nossa Senhora o acolheu para sempre na casa do Pai, tendo

⁹ Cf. Monsenhor Francesco FOLLO, *Meditações com o Beato João Paulo II*, Paulus Editora, Lisboa, 2011², 10.

¹⁰ Cf. Nuno Jorge Monteiro de CASTRO, *Comunicação Social e Evangelização, Leitura das Mensagens do Papa João Paulo II e do Papa Bento XVI para o Dia Mundial das Comunicações Sociais*, Dissertação apresentada na Faculdade de Teologia em Braga, para obtenção do mestrado integrado em Teologia, 2012, 9.

permanecido 26 anos como soberano da Cidade do Vaticano. De origem polaca foi o único papa não italiano depois do holandês Adriano VI em 1522. Sabia falar vários idiomas. Visitou 129 países durante seu pontificado. Exerceu influência para melhorar as relações entre a religião católica e outras religiões.¹¹

No ano de 1992 esteve em Angola, (*de 4 – 10 de junho*) e foi neste ano que o país celebrou as primeiras eleições da sua história em democracia, depois de ter cessado a guerra entre o movimento popular de libertação de Angola (MPLA) liderado por José Eduardo dos Santos e a unidade nacional para independência total de Angola (UNITA) por Jonas Malheiro Savimbi.

Em 1 de maio de 2011, II Domingo da Páscoa, conhecido como o Domingo da Divina Misericórdia, festa litúrgica instituída pelo próprio papa João Paulo II, foi beatificado na Basílica de São Pedro no Vaticano,¹² pelo papa BENTO XVI e com a graça de Deus foi canonizado em 27 de abril juntamente com o papa João XXIII. A canonização dos dois papas em simultâneo já tinha sido revelada. Em declarações aos jornalistas quando regressava a Roma depois da Jornada Mundial da Juventude, no Brasil, o Papa Francisco considerou que “fazer a cerimónia de canonização com os dois juntos é uma mensagem à Igreja, porque estes dois são muito bons”. O papa Francisco teceu elogios a ambos os pontífices, sucessores de Pedro dando ênfase à sua canonização e falando de João XXIII lembrou por ter aberto as portas do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), trazendo ar fresco e renovação à Igreja Católica, sobretudo na sua relação com a sociedade. Ele conservou a imagem de ser um pastor próximo do povo, um pouco como o atual papa. Realçou o seu esforço para salvar judeus durante a Segunda Guerra Mundial. É uma figura do tipo pároco de aldeia, um Padre que ama cada um dos fiéis e fê-lo também como Bispo e fez tantos registos de batismo falsos,

¹¹ Cf. WWW.e_biografias.net/joao_paulo_ii/.

¹² Cf. Monsenhor Francesco FOLLO, *Meditações com o Beato João Paulo II*, Paulus Editora, Lisboa, 2011², 11.

na Turquia, para salvar os judeus; foi um corajoso, com grande sentido de humor e uma grande santidade, manso e humilde.¹³

«Quanto a João Paulo II foi um grande missionário da Igreja, um homem que levou o Evangelho a todo o lado e fez tantas viagens! Sentia o fogo de levar por diante a palavra do Senhor, era um São Paulo! E isto, para mim, é grandioso, dizia o papa Francisco»¹⁴.

3. Noção e considerações gerais

O sofrimento é uma experiência humana fundamental a que ninguém pode escapar, da qual cada um de nós tem a sua própria vivência, seja no campo físico, psíquico ou espiritual. É uma experiência forte e direta, que não deixa ninguém indiferente. Assim situa o problema o papa João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* sobre o sentido cristão do sofrimento humano.¹⁵

No mundo humano encontramos múltiplas causas e manifestações do sofrimento que dependem também da fase da vida, do estado e profissão de cada um, da ausência da fé ou da crença num Deus que dá sentido redentor ao sofrimento: doenças e morte; fome e pobreza; clima e meio ambiente; relações difíceis com os outros e questões temperamentais; calúnias e perseguições; dificuldades espirituais; tentações, desânimo, aridez e muito mais. Para além dessas experiências, é motivo de sofrimento o simples medo de poder vir a sofrer no futuro, ou a memória deprimente de ter sofrido no passado. De facto o sofrimento constitui em si mesmo quase um mundo específico que existe juntamente com os humanos, que aparece nele e passa, e por vezes não passa, mas nele se consolida e aprofunda.¹⁶

¹³ Cf. <http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130930-papa-francisco-anuncia-canonizacao-de-dois-Antecessores>.

¹⁴ http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=29&did=123905.

¹⁵ Cf. Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 2003, 326.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 326.

Realmente, a existência humana é rodeada de muitíssimas indefinições que têm perturbado o ser humano ao longo dos tempos e que estão na base da sua ação, demonstrando a procura em atribuir um sentido à sua própria vida. O mistério inicia-se quando se tenta compreender quem somos, porque vivemos ou porque temos de sofrer e morrer.¹⁷

Na sua dimensão subjetiva, como facto pessoal, encerrado no concreto e irrepetível no íntimo do ser humano, o sofrimento parece algo quase inefável e não comunicável. Daí que a seu respeito se levantam questões de fundo, para as quais se procuram respostas. Não se trata aqui, como veremos, somente de fazer a descrição do sofrimento. Existem outros critérios que estão para além da esfera da descrição, dos quais devemos lançar mão quando queremos penetrar no mundo do sofrimento humano.¹⁸

O sofrimento subjetivamente falando é uma experiência pessoal e só a conhecemos através da comunicação daquele que sofre. Habitualmente é um sinal de alarme, indicador de que algo não está a funcionar bem no organismo.¹⁹ Por outro lado na sua realidade objetiva, é uma coisa, ou seja, realidade que exige ser bem tratada, meditada e concebida, dando ao problema uma forma explícita.²⁰ Não há que pretender fugir-lhes, pois que constituem herança necessária de todos os filhos de Adão. Se os evitamos num ponto, vamos encontrá-los no outro. Deste ou daquele modo, o sofrimento visita-nos e acompanha-nos ao longo da jornada que todos vamos fazendo. Sendo herança necessária dos filhos de Adão, pensar em evitar, é uma tentativa inútil porque o encontraremos na vida. Revoltarmos contra ele, seria o pior e sentiríamos dobrado peso: o do próprio sofrimento e o da revolta em que nos lançamos.

¹⁷ Cf. Ana Lúcia Alves da COSTA, *no fim da linha: o sofrimento do doente em fim de vida e sua Família*, Gráfica Vilaverdense – Artes gráficas, 2011, 19.

¹⁸ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº5.

¹⁹ Cf. Maria Teresa RIBEIRO, «*Que sofrimento? Que morte?*», in *Brotéria, Cristianismo e Cultura*, 3 Vol.160, 2005, 231.

²⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº5.

Mas então? Como resolver o problema? Que dizer ao sofrimento que nos esmaga? Como olhar a cruz pesada que sentimos?²¹

O Apóstolo São Paulo, ao explicar o valor salvífico do sofrimento diz que, completa na sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja. Concretamente, essas palavras parecem encontrar-se no termo do longo caminho que se desenrola através do sofrimento inserido na história do ser humano e iluminado pela palavra de Deus.²²

Na mesma Carta Apostólica (*SD*), o papa João Paulo II, partindo das palavras do Apóstolo Paulo esclarece: ainda que São Paulo tenha escrito na carta aos Romanos que, toda a criação tem gemido e sofrido as dores do parto, até ao presente; e ainda que os sofrimentos do mundo dos animais sejam bem conhecidos e se aproximem dos do Homem; *aquilo que nós exprimimos com a palavra «sofrimento» parece significar qualquer coisa de essencial à natureza humana*. É algo tão profundo como o Homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do ser humano e a seu modo a supera.

O sofrimento parece pertencer à transcendência do Homem; é um daqueles pontos em que o ser humano está em certo sentido, destinado a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a realizá-lo. Em poucas palavras, o ser humano procura libertar-se mas acaba por participar sem saber.²³ Desta forma constatamos que o problema do sofrimento articula-se em diversos planos (corpóreo, psíquico e espiritual) de uma antropologia integral. É exatamente nesta articulação dos diversos planos da antropologia, de uma corporeidade metafísico-transcendental-espiritual, onde se caracteriza especificamente a antropologia teológica, na qual nenhuma dimensão humana é esquecida ou desconsiderada, mesmo se é ao nível do espírito que se concentra o núcleo essencial que diz a experiência humana enquanto tal. Por isso é que se deve procurar aprofundar este nível espiritual, a raiz e a solução de todos os problemas humanos que passam pela indagação esperançosa ou não do sentido, no plano

²¹ Cf. António de Azevedo PIRES, *PIO XII e os grandes problemas do homem*, 1ª Série, Lisboa, 1957, 205-206.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº1.

²³ Cf. *Ibidem*, nº2.

psíquico, mas sobretudo espiritual. Desta forma, consideramos o sofrimento sobretudo neste plano metafísico-transcendental-espiritual, porque é precisamente a este nível que se coloca ou situa, e que tipifica o sofrimento humano enquanto tal.

Relativamente aos animais, neste ponto de vista, são suscetíveis de dor física, mas não de sofrimento ou de dor moral, porque estes se colocam precisamente no plano da consciência, e esta só diz respeito o ser humano enquanto tal. O sofrimento, faz parte da existência humana, portanto é um existencial. Sendo assim, devemos-lo considerar desde logo, na perspectiva do enigma e do mistério.²⁴

Viver implica sofrer, embora as pessoas não estejam preparadas para aceitar o sofrimento como algo que faz parte da vida por ser perturbante, gera instabilidade, incompreensão, revolta, fere a pessoa, põem em causa a identidade e a integridade do indivíduo. Do princípio ao fim da nossa peregrinação na terra, o sofrimento nos acompanha e vai demarcando o seu lugar na vida de cada pessoa nas suas mais diversas circunstâncias, como ainda caracteriza e define a história da humanidade, uma vez que o sofrimento parece ser, e é mesmo quase inseparável da existência terrena do Homem.²⁵

O sofrimento na sua condição de ser um mistério para os humanos, Pascal deu o seu contributo e fez a distinção entre *mistério e problema*, distinção essa que temos tendência a esquecer. Um problema é um obstáculo, um enigma, algo que em princípio pode ser formulado e resolvido. Um mistério é algo totalmente diferente. Está além da nossa capacidade é demasiadamente profundo para a nossa compreensão. Pode penetrar-se nele, explorá-lo, até mesmo viver nele; mas nunca será esgotado ou compreendido. Aqui a ciência desempenhou um papel importante, ao mesmo tempo decifrando mistérios aparentes e resolvendo problemas, e alargando continuamente as fronteiras do conhecimento humano.²⁶

No sofrimento humano, efetivamente está contido a grandeza de um mistério específico. Este

²⁴ Cf. AA.VV. *A Dor e o Sofrimento*, Campo das Letras – Editores, S.A., 2001, 291.

²⁵ Cf. Ana Lúcia Alves da COSTA, *no fim da linha: o sofrimento do doente em fim de vida e sua família*, Gráfica Vilaverdense – Artes gráficas, 2011, 20.

²⁶ Cf. Cardeal Basil HUME, *O Mistério da Cruz*, Paulus Editora, Apelação, 2002², 13.

respeito particular por todo e qualquer sofrimento humano deve ficar assente no princípio de quanto em seguida vai ser explanado e que promana tanto da necessidade mais profunda do coração, como de um imperativo da fé. Estes dois motivos parecem aproximar-se particularmente um do outro e unir-se entre si, quanto ao tema do sofrimento: a necessidade do coração impõem-nos vencer a timidez; e o imperativo da fé – formulado, por exemplo, nas palavras de S. Paulo proporciona o conteúdo, em nome e em virtude da qual ousamos tocar naquilo que parece ser tão intangível em cada um dos homens. Efetivamente o ser humano no seu sofrimento permanece um mistério intangível.²⁷

O sentido do sofrimento é uma realidade verdadeiramente sobrenatural, porque radica no mistério divino da redenção do mundo e profundamente humano, porque nele o ser humano aceita-se a si mesmo, com a sua própria humanidade, dignidade e missão.²⁸ «É, contudo, no sofrimento que o Homem toma conhecimento do que Deus é e do que ele próprio é chamado a ser: amor. Trata-se de uma equação que pode ser sintetizada com esta formulação: Quanto mais se sofre, mais se ama (Jo 15,13) e quanto mais se ama, mais perto se está de Deus, que é amor (1Jo 4,8.16). Assim sendo, a questão do sentido não se resolve nem pela ausência nem pela fatalidade, mas pela integração»²⁹.

No ontem como hoje, perante a evolução atual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o Homem? Qual o sentido da *dor*, do *mal* e da *morte*, que apesar do enorme progresso alcançado, continua a existir? Que há para além desta vida terrena? A encarnação mostra-nos que o Filho de Deus se uniu de certo modo a cada Homem. Nesta união foi ao ponto de assumir o sofrimento e a morte para com a ressurreição dar sentido à vida humana. A novidade absoluta de Cristo é o amor trinitário que na cruz, envolve a humanidade inteira. A existência de todos os humanos, mesmo dos que viveram antes de Jesus, encontra o seu

²⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°4.

²⁸ Cf. *Ibidem*, n°31.

²⁹ Cf. João António TEIXEIRA, «Terá sentido sofrer?», *In Communio, Revista Internacional Católica*, 2003, 557.

fundamento no amor de Deus, no único amor de que Ele é capaz, o amor no qual ama seu Filho unigênito. A esta luz, o sofrimento não é primordialmente a expressão da caducidade da nossa vida, mas afirmação do nosso compromisso com Cristo. Trazemos sempre no nosso corpo os traços da morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. Estando ainda vivos, somos a toda a hora entregue à morte de Jesus, para que a Sua vida se manifeste também na nossa carne mortal.³⁰

A configuração do Homem com Cristo envolve todos os domínios da vida, e Ele disse-nos: não é o servo maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Surge o apelo, dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, façais vós também (Jo 13,15). Hoje como ontem, Deus continua a manifestar-se sob contrário: ontem na cruz de Cristo, hoje no sofrimento humano, sentindo cada vez com maior intensidade. Quanto maiores são as dificuldades, maiores são assim as possibilidades. Porém, é na situação humanamente mais dura (a morte) que o encontro com Deus se torna decisivo. Neste sentido, o ser humano conhece o que significa Deus, Cristo e a sua autocomunicação.³¹ O sofrimento faz parte, certamente, do mistério do ser humano. Talvez não esteja tão envolvido como o mesmo Homem por este mistério, que é particularmente impenetrável.

O Concílio Vaticano II exprimiu esta verdade afirmando que na realidade só no mistério do Verbo Encarnado encontra verdadeira luz o mistério do Homem. Cristo que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, também manifesta plenamente o Homem a si mesmo e descobre-lhe a sublimidade da sua vocação. Como homem trabalhou com as mãos humanas e pensou com a inteligência também humana, agiu e amou com o coração humano. O verbo de Deus encarnou no seio da virgem Maria e habitou entre nós para dar luz tudo o que é trevas.³² Se é verdade que estas palavras dizem respeito a tudo o que envolve o mistério do ser humano, referem-se contudo, certamente e de modo

³⁰ Cf. *Ibidem*, 554.

³¹ Cf. *Ibidem*, 555.

³² Cf. CONCÍLIO ECOMÊNICO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes*, 22.

particularíssimo, ao sofrimento humano. Quanto a este ponto, o revelar o Homem a si mesmo e descobrir-lhe a sublimidade da sua vocação é sobremaneira indispensável. Acontece porém – como mostra a experiência – ser particularmente dramático. Mas quando se realiza totalmente e se transforma em luz para a vida humana, é também particularmente bem-aventurante. «Por Cristo e em Cristo se esclarece o enigma da dor e da morte»³³.

Ainda o papa João Paulo II, na sua visita à Suíça (em 16 de junho de 1984) dizia que, «somente a fé nos pode dar a coragem e a força. Aceite na fé, todo o sofrimento humano pode tornar-se em participação pessoal na oferta salvífica de Cristo que sofreu pelos pecados dos Homens»³⁴. E no mês de maio do ano seguinte em Luxemburgo dizia que «o sofrimento é o caminho obrigatório para a salvação e santificação. Para sermos santos, podemos abdicar deste ou daquele carisma, deste ou daquela aptidão especial; mas não se pode dispensar o sofrimento. Sofrer é um ingrediente necessário à santidade»³⁵.

4. Formas de sofrimento³⁶

A dor e a doença são uma das causas do sofrimento. Sendo assim, na perspectiva teológica, também a dor e a doença, são consideradas de acordo com a constituição metafísica transcendental do ser humano enquanto tal. Neste sentido podemos falar de uma dor, de uma doença física (ligada ao corpo) e uma doença moral e espiritual (ligada à alma). A doença espiritual é o que na tradição teológica se considera como pecado, ou seja, uma ferida ou uma chaga que toca o espírito humano enquanto tal, como uma dilaceração, e esta é a causa mais profunda e dramática do sofrimento humano enquanto tal, mesmo se também se pode sofrer não apenas como consequência de uma ferida do espírito, 'ferida do coração'

³³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», sentido cristão do sofrimento humano, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº31.

³⁴ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *O Rosário com João Paulo II*, Lisboa 2003⁵, 36.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 36.

³⁶ Cf. Maria Teresa RIBEIRO, «Que sofrimento? Que morte?», *In. Brotéria, Cristianismo e Cultura*, 3 Vol.160, 2005, 230.

metaforicamente falando, mas também como ferida do amor, e é precisamente esta dialética do amor e do não - amor (por exemplo: o ódio, nos seus diversos graus, e isto é, precisamente o que se evoca na tradição teológica como pecado) que constitui o mais profundo enigma e mistério do sofrimento enquanto tal. É sobretudo os níveis moral/espiritual que adensam a dramática ou tragicidade do sofrimento, que, nestes dois âmbitos poderão ser consideradas (dor e doença) numa dupla perspectiva como consequência de uma ação que afete o equilíbrio psicossomático e também afetivo, no sentido por exemplo de uma ofensa ou de outra atitude (desprezo, discriminação, exploração, ...) que afete ou lese a dignidade ou os sentimentos de um lado. Por outro, aqui está o inverso, a dor e a doença podem não ter uma causa negativa, mas podem simplesmente acontecer, no plano da dor moral, este pode advir do amor, da saudade e até mesmo do excesso da felicidade.³⁷

O Autor da *Salvifici Doloris* dizia que a medicina, enquanto ciência e, simultaneamente, arte de curar, descobre no vasto terreno dos sofrimentos do ser humano o seu setor mais conhecido; ou seja, o que é identificado com maior precisão e, correlativamente, contrabalançado pelos métodos do reagir, isto é, da terapia. Contudo, este é apenas um setor. O campo do sofrimento humano é muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional. O Homem sofre de diversas maneiras, que nem sempre são consideradas pela medicina, nem sequer pelos seus ramos mais avançados. O sofrimento é algo mais amplo e mais complexo que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade. Quanto a este problema, ele nos remete à distinção anteriormente feita do *sofrimento físico e sofrimento moral*, distinção que toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como imediato ou direto sujeito do sofrimento.³⁸

³⁷ Cf. AA.VV., *A Dor e o Sofrimento*, Campo das Letras – Editores, S.A., 2001, 293.

³⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº5.

Continuando, o mesmo papa João Paulo II afirma que, «ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinónimas as palavras *sofrimento* e *dor*, no entanto, o *sofrimento físico* verifica-se quando, seja de que modo for, *dói o corpo*; enquanto o *sofrimento moral é dor da alma*. Trata-se, de facto, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão psíquica da dor, que anda sempre junta tanto com o sofrimento moral, como com o sofrimento físico. A amplitude do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico, mas o primeiro apresenta-se como algo mais difícil de identificar e de ser atingido pela terapia.³⁹ No campo físico assinalamos desde as doenças passageiras às mais prolongadas e fatais, desde as doenças agudas às doenças crónicas e deficiências diversas, incluindo as provocadas pela fome e pelas guerras. Na dimensão ou no campo psicológico que associa sempre o sofrimento moral com o sofrimento físico, cujas manifestações vemos pelo número crescente de perturbações do comportamento, de perturbações da personalidade, de dependências (álcool, drogas, internet) e daquela que chamam a doença do século – a depressão, o HIV/Sida e não só.⁴⁰ Há também, de uma forma crescente, todo o sofrimento físico e psicológico proveniente das relações entre as pessoas, quase a tornar verdadeira a clássica afirmação de Sartre de que o inferno são os outros. As incompreensões, as intolerâncias, as indiferenças, os maus-tratos – tudo, as faltas de amor – que se manifestam nos conflitos graves entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre gerações, entre colegas, entre comunidades, entre grupos, entre irmãos sobretudo quando se trata das partilhas de herança, e, na escala mundial entre países e continentes. Mais ainda, a perda de afetos, a falta de família, no caso dos pais e irmãos terem falecidos e não só, são realmente premissas básicas da explicação de situações de falta de assistência no sofrimento e na doença a um familiar, um determinado pai que não assume a paternidade do filho, fato frequente hoje em dia com os idosos, os doentes crónicos, os órfãos e não só.⁴¹

³⁹ Cf. *Ibidem*, nº5.

⁴⁰ Cf. Maria Teresa RIBEIRO, «Que sofrimento? Que morte?», *In Brotéria, Cristianismo e Cultura*, 3 Vol.160, 2005, 230.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, 231.

Lembro-me de dois acontecimentos: o primeiro com um colega do Seminário depois da ordenação sacerdotal. Dizia o colega, que os seus pais e irmãos morreram na guerra, já não tinha família, os estudos foram pagos pelas Freiras que exercem o seu apostolado na Paróquia de origem. Depois de estar colocado numa comunidade Paroquial dizia “ hoje e com a graça de Deus, tenho muita família porque da comunidade paroquial para a qual o Bispo me enviou, sou filho, irmão e tudo”. Coisa semelhante e fresquinha aconteceu comigo no ano passado nas comunidades que sirvo pastoralmente (Barbudo, Gondiaes e Mós), precisamente quando me surpreenderam brindando o meu aniversário sacerdotal a 6 de março (pensei na minha família), dizia-lhes “ os meus familiares sóis vós a quem o senhor Arcebispo Primaz, me deu”. Digo isso efetivamente para sublinhar a importância que tem a atenção e o cuidado prestado ao outro.

Olhemos para o filósofo Platão quando dizia que a dor não surge apenas por estimulação periférica, mas também por uma experiência da alma, que reside no coração. A dor pode ser evitada, reduzida, mas o sofrimento não, por ser inerente a condição temporal do ser humano.⁴² De facto, toda a forma de sofrimento, seja física ou moral, mexe o corpo todo e obriga-nos a questionar a nossa identidade e o sentido da nossa existência. Sem uma causa que o explique, sem um sentido que o permita entender, sem um significado que ilumine o seu mistério, todo o sofrimento é de facto para o ser humano um problema insuportável.

O Catecismo da Igreja Católica esclarece da seguinte forma: «A permissão Divina do mal físico e do mal moral é um mistério, que Deus esclarece por Seu Filho Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé dá-nos a certeza de que Deus não permitiria o mal, se do próprio mal não fizesse sair o bem, por caminhos que só na vida eterna conheceremos plenamente»⁴³. Vem a propósito embora de modo breve falar da solidariedade que é muito importante entre os humanos.

⁴² Cf. *Ibidem*, 232.

⁴³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993, nº324, 86.

5. A solidariedade humana

A solidariedade, socialmente falando, é uma coesão de interdependências recíprocas entre duas ou mais pessoas. Constitui na sua essência, uma constelação de valores, de direitos e deveres morais alicerçados na afetividade, nas sensibilidades humanas e nas afinidades perceptivas do real, do mundo evolvente e dos projetos da ação humana. Estas características basilares da solidariedade fazem que, nos grupos humanos primários (família) ou secundário (grupos de trabalho, desporto, ...) no caso da existência de solidariedade quer a nível de objetivos quer de meios, os membros do grupo, apesar das co-naturais divergências, próprias do ser e a atuação participativa de cada elemento, assumam um compromisso atuante, sendo todos por um e um por todos.⁴⁴

É verdade que todos dependemos de todos (*sollicitudo rei socialis*) em todos os aspetos da vida humana, na alegria, na tristeza, na saúde e na doença. Ora, esta interdependência, tão estreita e capital, pode ser suportada como uma coação, ou então aceite e assumida como um dever moral. Quando é interpretada nesta segunda perspetiva – a única digna de vocação humana, individual e social - a interdependência transforma-se, de dado de facto mais ou menos consciente, em valor: *o valor da solidariedade*. Alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram.

Ainda na *Encíclica Sollicitudo rei socialis*, muitas vezes, o papa João Paulo II referiu desta noção fundamental, tendo sublinhado que se trata de uma categoria moral, de uma virtude, e não de um sentimento de vaga compaixão. A solidariedade é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum.⁴⁵ Ainda na mesma ordem de pensamento, João Manuel Duque na sua obra “*O excesso de dom*”, sublinha que «a nossa solidariedade para com os outros é de com-paixão, no sentido originário da palavra (sofrer-com) e não de compaixão no sentido vulgar do termo: de condescendência superior, de mera tolerância. Mas,

⁴⁴ Cf. ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA, Editorial Verbo, Lisboa, 1434.

⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Diálogo com os Homens*, Edições 70, 1990, 192.

mais do que isso, a pertença à condição comum implica que assumamos toda a nossa solidariedade prática – a nossa partilha com os outros, até à partilha de nós mesmos – não como um acréscimo ao que somos, mas como exigência justa da verdade daquilo que, realmente somos: participantes, precisamente, da mesma condição»⁴⁶. A compaixão cristã não é estar de um modo superior em relação ao outro para o achar coitado, mas sim ‘sofrer com’, é o que Deus faz connosco.

Jesus perante a dor da viúva de Naim, ao ver a mulher a chorar no funeral de seu único filho, compadeceu-se dela, ou seja, colocou-se incondicionalmente ao seu lado e disse «não chores» (Lc 7,13). Dirigiu-se imediatamente aos homens que levavam o caixão, tocando nele aqueles pararam e disse: «Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te» (Lc 7,14). Com a sua palavra compassiva e cheia de confiança reanimou o filho da viúva e todos cheios de temor davam glória a Deus dizendo: «surgiu entre nós um grande profeta, Deus visitou o seu povo» (Lc 7,16). Este verbo, levanta-te exprime a ressurreição dos mortos.⁴⁷

O Antigo Testamento atribui a ressurreição dos mortos só a dois profetas: Elias e Eliseu. Aquele encontrava-se em casa da Viúva de Sarepta e o filho que se encontrava doente morreu neste dia. A mulher dirigiu-se ao profeta Elias dizendo: «vieste a minha casa lembrar-me os meus pecados e causar a morte do meu filho?» (1Rs 17,18). Elias preocupado, compadeceu-se da Viúva, pediu que lhe entregasse o filho e tendo levado ao quarto de cima orou invocando o nome do Senhor. Estendeu-se três vezes sobre o menino a clamou ao Senhor dizendo: «Senhor meu Deus, fazei que a alma desse menino volte a entrar nele» (1Rs 17,21). O Senhor atendeu o clamor do profeta, a mulher de Sarepta que significa a perda da esperança e o sentimento de derrota e de procura de um culpado passou a ter outra visão das coisas. E Elias que acredita no Deus da vida, que não abandona o ser humano ao poder da morte, o ressuscitou. O acontecimento iluminou a vida da Viúva e disse: «agora vejo que és

⁴⁶ João Manuel DUQUE, *O excesso do dom, sobre a identidade do cristianismo*, Edição Alcalá, 2004, 75.

⁴⁷Cf. Nuno WESTWOOD – Geraldo MORUJÃO, «Eu te ordeno: levanta-te», in *Celebração Litúrgica, Revista de Liturgia e Pastoral*, Edições Liceal, nº4, Tempo comum, junho-julho, Ano C, Braga, (2012-2013), 850.

um homem de Deus e que se encontra verdadeiramente nos teus lábios a palavra do Senhor» (1Rs 17,24).

Quanto ao profeta Eliseu, conhecemos o acontecimento que se passou com a Chunamita. Sendo mulher sem filho e o marido de idade avançada, ela concebeu e depois o filho veio a morrer. O profeta aqueceu o menino, deitou-se sobre ele, colocou a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele, as suas mãos sobre as mãos dele, o ressuscitou e entregou-o à sua mãe. A Chunamita manifesta uma grande fé: assim como o homem de Deus lhe obteve o dom daquele filho, sem ela o ter pedido, de igual modo também pediu ao profeta a vida para o menino. Todo o modo de falar daquela mulher é um contínuo ato de fé (2Rs 4,35).

«O sofrimento não é bom para ninguém; a cruz permanece crucificante. Mas há grandeza humana e Divina nesse gesto de solidariedade. A opção preferencial pelos pobres contra a pobreza inscreve-se neste arco: alguém que não é pobre faz-se pobre para se identificar com os pobres e, junto com eles, superar a pobreza na direção da justiça e da fraternidade»⁴⁸.

No Novo Testamento precisamente na Carta aos Filipenses (2,6-11), S. Paulo mostra os níveis de solidariedade de Cristo: larga mão de seus atributos divinos para confundir-se com um servo; obedientemente, vai à morte como se fora um condenado, Ele que era inocente, santo e justo. Cristo para se solidarizar com o ser humano, foi até o fundo dos infernos da solidão humana, pôde ser elevado até o mais alto dos céus. Assim Ele se fez senhor da vida e da morte, das alturas dos abismos, porque conheceu a ambos por excelência.⁴⁹ A solidariedade é que salvará o futuro do mundo e da humanidade; é a luta corajosa e tenaz contra o individualismo e contra a lógica do açambarcamento.

Para criar um mundo de justiça e de paz, a solidariedade deve destruir os fundamentos do ódio, do egoísmo, da injustiça, demasiadas vezes erigidos em princípios ideológicos ou em

⁴⁸ Leonardo BOFF, *A cruz nossa de cada dia: Fonte de vida e de ressurreição*, Editora vozes, Brasil, 2012, 37.

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, 48.

leis essenciais da vida em sociedade. É preciso eliminar tendências para a distinção e oposição e levar a descobrir exigências de unidade no seio da comunidade.⁵⁰

Os cristãos sofredores sentem-se unidos a quem mais sofre, a Jesus Cristo. Os Cristos açoitados e torturados de nossa piedade popular mostram a solidariedade e a reciprocidade: por um lado é Cristo que se identifica com os escravos, amarrados ao cepo e torturados, discriminados e oprimidos em todo lado; por outro e por ironia da história, é o povo sofredor que se vê retratado no Cristo sofredor, torturado, oprimido e coroado de espinhos.⁵¹

A situação dos sofredores no seu todo (doentes acamados nos hospitais, os doentes terminais, os idosos, os sem-terra e dos sem teto, por guerras sem sentido e nem razão de ser, por políticas da mal governação, as crianças de rua e na rua), convida-nos, em primeiro lugar, à contemplação e partir desde já a desejada à ação libertadora. O que tem fome grita: Quero viver! Dá-me de comer! E o nosso gesto é e deve ser de solidariedade.⁵² A exemplo de Cristo, devemos sentir compaixão da multidão que padece fome, sofre miséria e vive na ignorância. Olhemos constantemente para os que, desprovidos dos auxílios oportunos, ainda não atingiram um nível de vida digna do Homem.⁵³ Como então podemos invocar Deus como Pai comum de todos, se nos recusamos a tratar como irmãos alguns seres humanos, criados à Sua imagem.

Portanto, carece de fundamento toda a teoria ou o modo de proceder que introduza entre um e outro ser humano ou entre um povo e outro povo qualquer discriminação quanto à dignidade humana e aos direitos que dela derivam. A Igreja reprová, por isso, como contrário ao espírito de Cristo, toda e qualquer discriminação ou violência praticada por motivos de raça ou cor; é preciso deixar de parte os pré-conceitos, o espírito de superioridade para rebaixar o irmão.

⁵⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Diálogo com os Homens*, Edições 70, 1990, 193.

⁵¹ Cf. Leonardo BOFF, *A cruz nossa de cada dia*, Editora vozes, Brasil, 2012, 38.

⁵² Cf. *Ibidem*, 39.

⁵³ Cf. CONCÍLIO ECOMÉNICO VATICANO II, *Mensagem dos Padres Conciliares, a todos os homens*, 1962, 438.

O sagrado Concílio Vaticano II, seguindo os exemplos dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, pede ardentemente aos cristãos que, observando uma boa conduta no meio dos Homens, se é possível, tenham paz com todas as pessoas, quanto delas depende, de modo que sejam na verdade filhos do Pai que está no Céu.⁵⁴ «Do mesmo modo que Deus não criou os humanos para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, assim também Lhe aprove santificar e salvar os Homens não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que O reconhecesse em verdade e O servisse santamente»⁵⁵. O Verbo encarnado quis participar da vida social dos humanos: tomou parte nas bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu, comeu com os publicanos e pecadores. Esta solidariedade deve crescer sem cessar, até se consumir naquele dia em que todos, salvos pela graça, darão perfeita glória a Deus, como família amada do Senhor e de Cristo seu irmão.⁵⁶

Precisamos fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão, o lugar não apenas da reunião mas da união de todos. Precisamos de promover uma espiritualidade de comunhão, elevando-a ao nível de princípio educativo em todos os lugares onde se forma o Homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades. A espiritualidade de comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Significa também sentir o irmão um que faz parte de mim, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para lhe oferecer uma verdadeira e profunda amizade. É ainda a capacidade de ver, antes de mais, o que há de positivo no outro, para o acolher e valorizar como dom de Deus: um «dom para mim», como o é para o irmão que diretamente o recebeu.⁵⁷

⁵⁴ Cf. CONCÍLIO ECOMÉNICO VATICANO II, *Declaração a Igreja e as religiões não-cristãs* (NA), nº5.

⁵⁵ Constituição Dogmática, *Gaudium et Spes*, nº32.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, nº32.

⁵⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Novo Millennio Ineunte*», À entrada do novo milénio, Roma, 6 de janeiro de 2001, nº43.

Infelizmente, muitos seres humanos fazem da solidariedade um interesse de ajudar não os que precisam mas os que têm, para que amanhã em troca, também os possam beneficiar. Nesta vertente o Senhor na escolha dos convidados para o banquete aconselha dizendo: «quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos» (Lc 14,13-14).

Efetivamente o espírito de solidariedade passa por uma escola, uma educação que se imprime na pessoa. Geralmente nos países onde se passaram guerras verifica-se muitas coisas, valores e desvalores.

Em Angola durante esse período, as pessoas eram mortas de um lado ao outro. Umas pelas balas, catanas e facas; outras morreram de fome, por causa de longas viagens fugindo do inimigo. Quem não aguentasse a viagem e morresse pelo caminho, era enterrado mesmo ali e os outros prosseguiam com a viagem. Claro que isto foi se tornando hábito, pois mesmo depois da guerra, ainda se notava alguns tipos de comportamentos menos humanos em termos de solidariedade. Lembra-me de um dia que o administrador do município de Chipindo, Salomão Cangombe, não conseguindo mais suportar a situação, lançou um alerta a que as pessoas de perto “vizinhos” pudessem se associar aos outros, sobretudo nos momentos de óbitos.

6. O mal e sua origem

No livro do Génesis encontra a narração da primeira queda e aí se indicam claramente os fatores constitutivos da culpabilidade originada pelo pecado. Entre estes fatores acentua-se o surgir do mal no ser humano. Agindo contra a vontade de Deus, o Homem é movido pela tentação, força que não conduz necessariamente ao pecado, mas que incita a ele. Entre tantos bens à disposição no Éden, o Homem é atraído antes de tudo pela árvore proibida cujo fruto

de atraente aspeto, desejável e agradável aos olhos para esclarecer a inteligência (Gn 3,6). O mal é e continuará a ser o grande *scandalum*; e o problema da sua origem é o verdadeiro *tormentum* da existência.⁵⁸ Santo Agostinho afirma que, uma vez que o mal não é realidade positiva, não pode ser objeto da vontade. A vontade no que tem de próprio, só pode querer o que é bom. Ora, o mal não sendo algo de efetivo mas tão só defetivo, não pode ser buscado como tal. Ele não seria senão ausência do bem que devia haver. Nos casos em que é querido, não está a ser enquanto mal, mas só na medida em que é tomado como bem. Isto é, visto erroneamente como bem, assim é querido.⁵⁹ Os biblistas ajudam a esclarecer aplicando «a fórmula bíblico-litúrgico *tormentum malitiae* traduz muito bem a realidade do mal e de toda a sua problemática teórica. A nossa razão conserva, porém, sempre uma grande confiança de que o mal tenha um significado no complexo da realidade (SER)».⁶⁰

Quando vemos sofrer alguém e interiorizamos esse sofrimento, não podemos deixar de dizer: “Mas, que posso fazer por ti?”. Precisamos de compreender bem que é o sofrimento do mundo que constitui o sofrimento de Jesus. Não os devemos separar um do outro. O sofrimento do mundo e o pecado do mundo. Pois que para Jesus, o pecado é o mal mais profundo.⁶¹

Sendo o mal uma ameaça à integridade e continuidade da pessoa humana, como que causa do sofrimento, conforme nos diz o papa João Paulo II, «no âmago daquilo que constitui a forma psicológica do sofrimento encontra-se sempre a experiência do mal, por motivo do qual o Homem sofre. Assim, a realidade do sofrimento levanta uma pergunta quanto à essência do mal. Que é o mal?»⁶² Na procura da sua essência, (do mal) «a resposta cristã neste ponto é diversa daquela que é dada por certas tradições culturais e religiosas, para as

⁵⁸ Cf. J. BERNHART, «Mal», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume III, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 217.

⁵⁹ Cf. Sebastião José FORMOSINHO - Joaquim Oliveira BRANCO, *A pergunta de Job, o Homem e o Mistério do Mal*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 545.

⁶⁰ Cf. J. BERNHART, «Mal», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume III, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 215.

⁶¹ Cf. François VARILLON, *A Páscoa de Jesus*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2007, 67.

⁶² JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», sentido *cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº7.

quais a existência é um mal de que é necessário libertar-se. O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas.

O Homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o Homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, em certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando deveria ter participado num determinado bem – segundo a ordem natural das coisas – e não a tem. Por conseguinte, no conceito cristão, a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, tem sempre referência a um bem.⁶³ Afinal como compreender a realidade do sofrimento? O que vem a ser? «O sofrimento é, em si mesmo, experiência do mal; mas Cristo fez dele a base mais sólida do bem definitivo, ou seja o bem da salvação eterna. Com o seu sofrimento na cruz, Cristo atingiu as próprias raízes do mal: as raízes do pecado e da morte. Venceu o autor do mal, que é Satanás com a sua permanente rebelião contra o Criador».⁶⁴ Em abono da verdade, «o mal vive sob milhares de formas; ocupa os vértices do poder e brota do abismo. O amor tem uma única forma: é o teu Filho»⁶⁵.

7. O sofrimento na Sagrada Escritura

O problema do sofrimento é certamente um dos mais sensíveis que percorre toda a Sagrada Escritura e constitui como que uma pedra de toque de toda a cultura bíblica e de toda a espiritualidade universal. Para compreendê-lo e ter uma ideia do que isso significa, há que remontar às suas origens e aos textos mais antigos onde o problema é posto e confrontado. Não é fácil fazer esse recuo no tempo, em parte porque também não é fácil fazer uma distinção clara e determinante entre as tradições orais que estão na gênese de muitos dos

⁶³ Cf. *Ibidem*, nº7.

⁶⁴ *Ibidem*, 26.

⁶⁵ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 2008⁴, 209.

textos que abordam o problema em questão e das tentativas da sua compreensão bem como a época da redação dessas tradições. O problema é complexo e as soluções apontadas constituem uma ajuda para desbravar um pouco o caminho. O biblista afirma que até hoje ainda não há soluções totalmente claras e inequívocas a tal respeito. Por outro lado, neste domínio, como em alguns outros, há muitos pontos de convergência entre o pensamento bíblico e as culturas locais, convergência que se foi esbatendo ao longo dos tempos como resultado da revelação e da própria experiência de Israel.⁶⁶ Porém, a perspectiva teológica do sofrimento não oferece, portanto, uma solução do enigma e do mistério do sofrimento, no sentido da sua superação, em virtude da sua incontornável irrecusabilidade. Os crentes em geral e os cristãos em particular sofrem numa forma diferente em relação aos outros: sofrem por causa da fé e por causa da condição de ser cristão, como acontece na experiência do martírio ou no caso do sofrimento representativo e substitutivo, ou seja, o sofrimento em reparação e pela salvação dos outros.⁶⁷

Num trabalho como este, não podemos ir além, uma vez que o nosso objetivo aqui é apenas e só o de situar o problema diante das linhas gerais sobre a interpretação do sofrimento, das suas causas e consequências.⁶⁸ Assim, tomando o Antigo Testamento, vamos abordar o problema em termos de sumário sob quatro tipificações de sofrimento, que constituem situações-limite paradigmáticas da vivência humana do sofrimento, que no seu conjunto e na sua aparente paradoxalidade oferecem o quadro teológico de conjunto. É através deste quadro que se torna possível manter o enigma e o mistério do sofrimento que tocará não apenas a condição humana, mas também a condição divina, sobretudo na contemplação do mistério do Verbo Encarnado, Jesus Cristo. Isto, significa dizer que na descrição fenomenológica do sofrimento, nas suas variadas dimensões (dor, doença e morte) no quadro da história da salvação, como assim teologicamente diz a Sagrada Escritura no seu

⁶⁶Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 19.

⁶⁷Cf. AA.VV., *A Dor e o Sofrimento*, Campo das Letras – Editores, S.A., 2001, 294.

⁶⁸Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 19.

conjunto, o que aparece é efetivamente uma admirável pedagogia da Encarnação. No A. T. aparece como que profeticamente pressentida e no Novo Testamento plenamente revelada, de um sofrimento que envolve o mistério do Reino de Deus anunciado por Jesus e que envolve igualmente a condição disciplinar e, por conseguinte, a condição peregrina e histórica da Igreja enquanto tal.⁶⁹ Os pontos que serão abordados são estes: o sofrimento e o comportamento humano; o sofrimento como consequência do incumprimento da lei; o sofrimento como um caminho vivencial para a descoberta de Deus e por último, o sofrimento como um elemento educativo e pedagógico.

João Lourenço justifica a escolha destes pontos, dizendo que este tem por objetivo ajudar-nos a refletir sobre um tema que conheceu um notável desenvolvimento em termos teológicos, mas também associa-se a um quadro de referência cultural próprio das religiões semitas do médio oriente. Ao definir estas quatro etapas tomamos como referência outras perspectivas de desenvolvimento do pensamento bíblico e dos diversos movimentos que foram emergindo no interior da própria cultura bíblica.⁷⁰

7.1. O Antigo Testamento

O Antigo Testamento, ainda que seja muito rico de imagens para exprimir o sofrimento na sua profundidade e densidade, não tem para este um termo específico e por isto se serve de termos afins (doença, golpes, penas, amarguras, angustias, etc.). Embora isto seja muito claro, não é, porém, fácil distinguir se se trata de sofrimento físico ou espiritual⁷¹. Desta forma, o Antigo Testamento segundo a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, considerando o Homem um conjunto psicofísico, associa frequentemente os sofrimentos morais à dor de determinadas partes do organismo: dos ossos, dos rins, do fígado, das vísceras e do coração.

⁶⁹ Cf. AA.VV., *A dor e o sofrimento*, Campo das Letras – Editores, S.A., 2001, 294.

⁷⁰ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 19.

⁷¹ Cf. J. SCHARBERT, «Sofrimento», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 259.

Daí afirmamos que os sofrimentos morais têm uma componente física, ou somática, e que frequentemente se refletem no estado geral do organismo.⁷² Ainda na Sagrada Escritura encontramos um vasto conjunto de situações dolorosas, por diversos motivos para o ser humano, porém não esgotam certamente tudo aquilo que sobre o tema do sofrimento disse e constantemente repete o livro da história do Homem (que é provavelmente um livro não escrito); e menos ainda o que disse o livro da história da humanidade, lido através da história de cada pessoa. Afirma-se que, o ser humano sofre quando experimenta o mal.

A relação entre sofrimento e mal, no vocabulário do Antigo Testamento, é posta em evidência como identidade. Pois que esse vocabulário não possuía uma palavra específica para designar o sofrimento. Por isso, definia como mal tudo aquilo que era sofrimento.⁷³ Entretanto, a leitura do sofrimento que encontramos no Antigo Testamento decorre da intuição fundamental que distingue a tradição bíblica, ou seja, o horizonte da eleição e da aliança do povo bíblico com Deus, e que se projeta no tempo e para lá do tempo.

7.1.1. O sofrimento e o comportamento humano

A primeira leitura ou solução do mistério e do enigma do sofrimento é-nos oferecida pelos primeiros capítulos do Génesis que estabelecem uma misteriosa relação entre o sofrimento e o pecado, ou seja, o sofrimento do Homem enquanto tal é consequência do seu pecado. Apareceu o sofrimento, a doença e a morte porque o ser humano pecou.⁷⁴ O livro do Génesis, na narração da criação do mundo, mostra-nos que, o sofrimento não estava nos planos de Deus criador. Deus viu que tudo era muito bom (Gn 2,31). A história do pecado de Adão e Eva (Gn 3) mostra que quem quebrou a harmonia feliz da criação foi o mau uso da liberdade humana, cedendo à tentação do demónio que os enganou, prometendo-lhes que

⁷² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica « *Salvifici Doloris* », sentido cristão do sofrimento humano, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n° 6.

⁷³ Cf. *Ibidem*, n°7.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 295.

seriam como deuses se desobedecessem a Deus. Adão e Eva sentiram-se mal consigo mesmos, envergonhados da sua própria realidade, tendo de se cobrir com folhas de árvores, e escondendo-se de Deus (Gn 3,8). Se não houvesse pecado não haveria sofrimento como disse o papa João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.⁷⁵

A primeira vista, notamos que nas tradições mais antigas não se estabelece aí qualquer diferença ou contraste entre sofrimento físico e mental, já que o ser humano, tanto neste como em muitos outros aspetos, é assumido como uma totalidade. O escritor sagrado não se preocupa muito com a origem do sofrimento, mas antes procura transmitir-nos uma perspetiva sobre a sua razão e o seu sentido. Assim sendo, o Homem do mundo bíblico assume que o sofrimento é invariavelmente um castigo do pecado, uma espécie de causa-efeito, estabelecendo entre os dois (pecado e sofrimento) uma forte relação. Os exemplos apresentados nos livros do Pentateuco são inúmeros. Esta relação entre causa e efeito permite assim à divindade garantir a correta ordem do universo, salvaguardando também por essa via uma justa retribuição do comportamento humano face a essa mesma ordem preestabelecida. São inúmeros os textos que aludem a esta realidade e podemos enquadrá-los não apenas como uma realidade interna ao mundo bíblico, mas também como uma resultante do universo cultural em que o espaço bíblico se encontra integrado.⁷⁶

Referimos aqui apenas alguns a título de ilustração: Adão e Eva são expulsos do paraíso por causa da sua desobediência à ordem Divina (Gn 3,16-22); Caim é amaldiçoado por ter assassinado o seu irmão Abel (Gn 4,11-15); Sodoma é destruída por causa da sua iniquidade (Gn 18,22-25).

Se cada um sofre em detrimento do seu proceder, por causa do mal uso da liberdade, em que sentido podemos compreender o mal da família e dos inocentes? O Dicionário de Teologia, ajuda-nos a responder que o mal da família é mais frequentemente atribuído a uma

⁷⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº15.

⁷⁶ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 20.

falta do pai da família. Assim, a desgraça não é vista como um castigo coletivo mesmo sobre os inocentes, mas como a justa retribuição e conveniente pena do chefe da família ou do próprio rei (Ex 20,5). Esta concepção da história tem por consequência última a etiologia original de todo o sofrimento humano que está exposto no livro de Gênesis (Gn 3,16-19). Todas as penas e sofrimentos são o fruto do pecado original, cometido pelos primeiros pais e que destruiu a relação existente entre a humanidade e Deus. É verdade que por regra geral, as narrações históricas do Antigo Testamento, consideram as catástrofes de importância nacional, como um juízo de punição pela infidelidade do povo inteiro para com o pacto de aliança com Deus, (Nm 14,12; 17,10-15; 21,2-3). Esta regra histórica deriva das ameaças, que sancionaram o pacto do Sinai (Lv 26,21-32; Dt 27,14-26). As catástrofes nacionais deviam, porém, predispor não à ruína, mas à conversão e por ela, à salvação de Israel.⁷⁷

Recorrendo a uma linguagem muito comum à antropologia cultural do Médio Oriente, marcada nas suas diversas formas e expressões por um acentuado cunho fatalista e por uma perspectiva dualista de dependência senhoria – vassalagem, a narrativa do pecado dos pais. Este aparece como uma espécie de parábola justificativa da realidade vivida e experimentada em que o autor do texto se vê envolvido e para a qual procura uma explicação e um sentido. Esta procura de uma justificação encontra no pecado dos pais com as consequentes explicações deduzidas a partir do mesmo, o cenário ideal de causa-efeito que assim explicitaria as origens do sofrimento.

Se, por um lado, esta causalidade fundamentada no pecado dos pais se enquadra perfeitamente no contexto cultural do mundo bíblico ao tempo do nomadismo e se fez eco de paralelos de outras culturas da região em que este se encontra inserido, por outro, também é verdade que essa concepção bíblica a cerca do sofrimento vai conhecendo um certo distanciamento desse ambiente cultural. Nós já temos ecos disso em algumas passagens dos próprios livros do Pentateuco, incluindo textos que remontam certamente à tradições antigas,

⁷⁷ Cf. J. SCHARBERT, «Sofrimento», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 260.

onde se verifica claramente que esta ordem social assim pré-determinada não correspondia à realidade com que quotidianamente o crente bíblico se via confrontado. Por outro lado, o problema do sofrimento também assume uma forte carga *coletiva e social*, tal como a própria narrativa do pecado dos pais o faz notar e depois reforça nas suas consequências imediatas.⁷⁸ Consciente do seu forte vínculo de pertença a um grupo, o crente bíblico sente que o sofrimento é uma componente dessa sua pertença, da sua vida coletiva e social, da sua inserção comunitária, e por isso, ele assume o sofrimento não apenas como consequências dos seus atos, mas também como algo que resulta do comportamento de outros membros do seu povo, mormente daqueles que são considerados como ímpios ou mesmo dos seus ascendentes e dos próprios governantes. Muitos reis mandam aos seus funcionários para matar os outros (1Sm 22,18; 2Rs 21,10-11). Há assim como que uma solidariedade mútua, partilhada e assumida numa culpabilidade anónima que define e limita a pertença e a identidade daquele que sofre. A questão do sofrimento constitui, por isso um dos traços mais característicos da inserção cultural do pensamento bíblico no quadro das religiões tradicionais.⁷⁹

O papa João Paulo II acrescenta, «ainda que há-de haver muita cautela em considerar o sofrimento do Homem como consequência de pecados concretos (como mostra precisamente o exemplo do justo Job), não pode contudo ser separado do pecado das origens, daquilo que em São João (Jo 1,29) é chamado *‘o pecado do mundo’*, nem do pano do fundo pecaminoso das ações pessoais e dos processos sociais na história do Homem. Se não é permitido aplicar aqui o critério restrito da dependência direta (como faziam os três amigos de Job), não se pode também, por outro lado, pôr absolutamente de parte o critério segundo o qual, na base dos sofrimentos humanos, há uma múltipla implicação com o pecado»⁸⁰.

⁷⁸ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 21.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 22.

⁸⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *«Salvifici Doloris»*, sentido cristão do sofrimento humano, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°15.

7.1.2. O sofrimento como consequência do incumprimento da lei (Dt 30,15-20)

Dando sequência ao problema do sofrimento humano, vamos ver o contributo que a literatura deuteronomista oferece para esta questão. Para este ponto vamos nos apoiar no texto de Deuterónimo (30,15-20) como referência.

As proibições ainda continuam neste texto conhecido como o da proposta dos dois caminhos (a vida ou a morte) e olhando para o ponto anterior, facilmente podemos constatar que há uma forte proximidade entre a doutrina que aí é exposta e aquela a que fizemos referência acerca das tradições pré-exílicas no que concerne ao sofrimento e à identificação das suas causas, mormente no que diz respeito à sua justificação. O facto de o Deuterónimo e os escritos que dão continuidade ao espírito da escola deuteronomista terem sido redigidos durante o exílio ou já no período pós-exílio não contribuiu grandemente para uma clarificação dessas tradições, sobretudo no que diz respeito ao facto do sofrimento continuar a ser apresentado aí como uma consequência do pecado. Será, em boa parte, a experiência do exílio que ajudará o pensamento bíblico a alargar as suas perspetivas e a procurar outras motivações ou causas para uma solução deste problema.

A base da reflexão levada a cabo pelos deuteronomistas é, como sabemos, a doutrina do Deuterónimo, sendo a lei (Torah) o epicentro de toda a relação do ser humano com Deus e a sua prática é o objetivo fundamental e único do judaísmo. Sendo a Torah neste caso a norma orientadora do comportamento do crente, a sua prática torna-se o primeiro objetivo de toda a sua vivência.

A Teologia deuteronomista põe em evidência esta relação, desenvolvendo como sendo o seu dogma central a doutrina da retribuição. Mas o quadro de referência dessa reflexão não pode ser dissociado também da catástrofe que o judaísmo enfrenta com a destruição de Jerusalém e a partida das suas elites para o exílio da Babilónia ao tempo do rei Nabucodonosor. É por isso que a questão do sofrimento, principalmente a trágica experiência

do exílio enquanto realidade sentida e vivida pelo crente, assumam aqui uma forte relação com a vivência e a prática da lei enquanto tal.⁸¹

O texto de referência, (Dt 30,15-20), embora tenha algumas semelhanças com a doutrina tradicional anteriormente apresentada, não deixa de nos dar uma novidade na maneira de que o ser humano sofre. Com a sua proposta dos dois caminhos, mostra bem como o contexto de referência deixou de ser o chamado pecado dos pais, passando agora a existir uma razão diferente, muito mais centrada no comportamento do povo como um todo ou nas atitudes dos seus representantes ou de cada um dos crentes. Essa causa não decorre já de uma realidade distante e abstrata, diríamos mesmo anónima, mas deve ser procurada antes nos procedimentos comportamentais e nas atitudes que vão contra os preceitos da lei, entendida esta como o conjunto das normas e preceitos que são propostos ao povo para orientar a sua relação com Deus e os seus comportamentos tanto coletivos como individuais.

É esta a compreensão que percorre todo o cenário da Teologia deuteronomista no que diz respeito ao sofrimento do povo de que a lei é certamente o quadro de referência, pois é em função dela e do seu incumprimento que o sofrimento acontece. A culpabilidade não já transferida para um passado distante e anónimo mas, antes, é o resultado de uma escolha, de uma opção feita por cada um, sendo essa opção posta a reflexão de cada crente através da centralidade que a lei assume na orientação do comportamento tanto coletivo como individual. O sofrimento é assim a indicação clara e explícita das opções erradas que o povo faz e constitui uma ocasião para que este reconheça o seu mau proceder e se converta a Yahwé, o mesmo é dizer, cumpra e ponha em prática a lei.⁸²

⁸¹ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 22.

⁸² Cf. *Ibidem*, 23.

Nota: O livro de Deuterónimo (Dt 30,15-20), aponta os dois caminhos: A Vida ou a Morte. Repara que coloco hoje diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal. Assim, ordeno-te hoje que ames o Senhor, teu Deus, que andes nos seus caminhos, que guardes os seus mandamentos, preceitos e sentenças. Assim viverás, multiplicar-te-ás e o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra em que vais entrar para dela tomar posse. Mas se o teu coração se desviar e não escutares, se te deixares arrastar e adorares deuses estranhos e os servires, declaro-vos hoje que, sem

7.1.3. O sofrimento como um caminho vivencial para a descoberta de Deus

Indo para a literatura profética, na sua Teologia que «constitui por si um momento único na evolução do pensamento bíblico oferece-nos, sem sombra de dúvida, aquilo que podemos considerar de mais genuíno e singular em toda a mensagem do Antigo Testamento. Isto acontece com muitos temas e, no caso da questão do sofrimento, das suas causas e do sentido que pode assumir, temos aqui um primeiro momento que definirá a singularidade da mensagem bíblica face ao estado cultural e social circunvizinho.

Nas primeiras constatações desta evolução remontam mesmo ao período anterior ao profetismo propriamente dito e encontramos-las indiciadas nos livros do Pentateuco, envolvendo a figura de Moisés e de Samuel mais tarde, a sua missão profética de conduzir e orientar o povo.

Relativamente à doutrina tradicional no que concerne às causas do sofrimento, os profetas fazem-no, antes de mais, em nome da bondade de Yahwé e do seu projeto de salvação. Projeto esse que não se confina aos limites geográficos da terra de Israel nem se restringe à identidade étnica do seu povo, mas antes assume uma universalidade sem confins que passa, acima de tudo, pela adesão do coração a esse projeto.

Os primeiros textos proféticos que abordam diretamente a questão do sofrimento, fazem-no numa linha de contraposição direta ao legalismo tão característico da Teologia deuteronomista e têm também como cenário de fundo a própria experiência do exílio da Babilónia, questão esta que não podia deixar ninguém indiferente face a um problema de tão

dúvida, morreres; os vossos dias não se prolongarão na terra na qual ides entrar, passando o Jordão, para dela tomar posse. Tomo hoje por testemunhas contra vós, o céu e a terra; ponho diante de vós a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida para viveres, tu e a tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, escutando a sua voz e apegando-te a Ele, porque Ele é a tua vida e prolongará os teus dias para habitares na terra, que o Senhor jurou que havia de dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacob.

profundas repercussões em toda a experiência do povo de Israel e que marcará para sempre a sua história no que concerne à sua experiência do sofrimento.⁸³

Encontramos muitos textos proféticos que abordam esta temática, porém, vamos limitar-nos apenas a alguns dos mais característicos e que nos podem ajudar a compreender a importância desta nova perspectiva teológica a que o profetismo empresta o seu vigor. Temos neste caso, os textos dos profetas contemporâneos do exílio: (Ez 18,1-4; Jer 31,29-30; Is 53,1-12).

Tanto o profeta Ezequiel como Jeremias contestam a concepção legalista que atribuía ao sofrimento uma dimensão retributiva e, de alguma forma, preparam o cenário para que o problema fosse encarado e assumido numa perspectiva diferente. Por isso, o sofrimento não mais poderá ser encarado numa lógica de *causa-efeito*, apresentando-o como resultado da retribuição punitiva de Deus. Eles passam antes de mais, por acentuar a responsabilidade pessoal em detrimento de uma concepção coletiva que fazia cair a culpabilidade naqueles que nada tinham a ver com atitudes e comportamentos não conformes à vontade de Deus ou padronizados pela lei. Esta visão de ver as coisas, para além de corresponder a uma mentalidade muito tradicional e comum às religiões do Médio Oriente, continua ainda hoje muito presente nos costumes e formas de pensar de muitas culturas.⁸⁴

O texto de Isaias condensa em si as duas perspectivas: a *tradicional*, conforme se pode constatar na interpretação que os interlocutores do Servo fazem do seu sofrimento, e a *novidade introduzida pelo oráculo do profeta*, mostrando-nos que o sofrimento do Servo não é um castigo, menos ainda um castigo pelo pecado, mas sim um momento de graça e de intercessão em benefício dos outros. Todo o contexto do oráculo aponta para à novidade que é anunciada na intervenção direta de Yahwé (Is 53,4-13) em favor do Servo e que provoca o

⁸³ Cf. *Ibidem*, 24.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 26.

espanto e a admiração dos ouvintes. É esta novidade que confere ao texto o seu lugar único no que diz respeito às causas e ao sentido do sofrimento.⁸⁵

Orientando-se pelo oráculo isaiano chegamos ao conhecimento de que a essa novidade, de uma forma clara e decisiva, não só põe em causa a conceção tradicional, a doutrina herdada do passado e tida como ortodoxa no quadro do pensamento judaico, mas também oferece um sentido para o sofrimento, abrindo assim um novo horizonte para a compreensão do problema. O justo toma sobre si os pecados de muitos e sofre pelos culpados. Assim, partindo do oráculo de Isaías, vamos ter uma série de repercussões nos textos subsequentes que ajudaram a descobrir e a consolidar novos horizontes, emprestando ao sofrimento uma dimensão mais profunda e mais teológica: trata-se de um caminho vivencial à descoberta de Deus, tal como nos mostra o livro de Job. «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, agora vêem-te os meus próprios olhos. Por isso, retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza» (Job 42,5).

Nesta breve síntese, é importante aludir à experiência pessoal de sofrimento de Jeremias, tal como é narrada nos seus escritos, mormente aqueles em que assume um carácter mais pessoal e íntimo, como é o caso dos chamados textos de confissões e lamentações. À semelhança do que mais tarde sucederá com Job, Jeremias não faz do sofrimento uma tragédia, embora se lamente dele. Para este profeta, o sofrimento não é imputado a Deus, nem assume qualquer componente retributiva. Ao contrário é imputado ao Homem, ao poder mal exercido e à falta de fidelidade e de atenção à palavra de Deus. Por isso, o sofrimento que Jeremias deve suportar é, acima de tudo, algo que resulta da sua opção pessoal, da sua fidelidade e da sua paixão por Deus e pela sua palavra. Como vemos, o testemunho de Jeremias marcará com profundidade todo o pensamento bíblico subsequente. Para Jeremias, não há qualquer relação retributiva entre pecado e sofrimento de que é vítima. Para além de

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 25.

não se encontrar nos textos do profeta qualquer alusão a uma tal causalidade, Jeremias mostra-nos que o seu ministério é uma paixão, vivida com fidelidade e podemos dizer que essa fidelidade tem um preço que o profeta assume até às últimas consequências. Pelo contrário, o que Deus manifesta para com o profeta e para com todo o povo é um amor único, um amor eterno que Ele jura ao Seu povo que o abandona, correndo atrás de outros deuses.

Para o profeta Ezequiel a tónica aponta para o sentido da responsabilidade pessoal. A consciência da dignidade individual de cada crente pelos seus atos face a Deus assume um valor que poderemos chamar de 'sagrado,' tornando assim cada um como um crente de pleno direito (Ez 18,4s). Desta forma, a tradicional concepção de uma retribuição coletiva, transferida de uma geração a outra é incompatível com a fé de Israel e com a bondade de Yahwé. «Como diz Lewis Bayles Paton, o castigo do povo, por causa do pecado dos seus chefes, ou dos filhos, por causa do pecado dos seus pais, não mais será tido como compatível com a justiça divina»⁸⁶. Jeremias e Ezequiel são unânimes em reafirmar uma nova perspetiva na relação individual com Deus e que terá repercussões importantes no que diz respeito a uma Teologia do sofrimento, tal como o veremos nos escritos sapienciais bem como nos Salmos.⁸⁷

7.1.4. O sofrimento como um elemento educativo e pedagógico

A literatura sapiencial, para além das perspetivas referidas anteriormente, apresenta-nos uma outra, também enriquecedora e importante para a compreensão da questão do sofrimento. Trata-se de algo inovador e que naturalmente assume alguns contornos de influências recebidas da cultura grega: *o sofrimento visto como um elemento educativo e pedagógico na vida dos crentes*. O contexto não diverge muito daqueles que encontramos em textos anteriores, tanto nos códigos legislativos como nos oráculos proféticos. Trata-se sempre de uma espécie de prova e de convite à perfeição. O que aqui assume foros de

⁸⁶ *Ibidem*, 28.

⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 28.

novidade é, acima de tudo, a componente da experiência humana que desempenha um lugar importante, substituindo, muitas vezes, aquilo a que poderíamos chamar o dado revelado.

Antes de mais, convém salientar que, pela sua própria natureza e finalidade, a literatura sapiencial tem uma forte componente pedagógica que faz parte intrínseca da sua identidade específica. Tendo como gênese a experiência da vida, herdada e transmitida de geração em geração, este tipo de escritos tem como primeira finalidade preparar as novas gerações para saberem enfrentar a vida, com tudo aquilo que ela acarreta.⁸⁸

Na perspetiva da literatura sapiencial, a iniquidade dos insensatos causa-lhes preocupações e aflições. A conceção atribuída aos amigos de Job, segundo a qual todo o sofrimento tem um valor pedagógico. Pois que a maldade não nasce do chão, e a iniquidade não brota da terra. É do ser humano que vem a iniquidade como do fogo saem as chispas a voar (Job 5,6s). Daí o alerta da maneira de ver as coisas nos vastos círculos de pessoas. A punição por meio da dor é uma prova do amor Divino que assim entende amansar o pecador para que aprenda e saia do caminho que não o convém. Diz o salmista: feliz o Homem a quem o Senhor não acusa de iniquidade (pecado, culpa), a quem é perdoada a culpa e absolvido o pecado (Sl 32,2). O ser humano instruído e corrigido na lei do Senhor é feliz, pois que será poupado nos dias maus. O Senhor conhece muito bem os pensamentos dos Homens e sabe completamente o seu vazio (Sl 94,11). Tão antigo quanto a crença no caráter punitivo do sofrimento é também o pretexto contra o seu caráter geral e indiscriminado.

Já as antigas tradições orais colocam na boca do Homem acusações contra Deus, onde ele protesta contra a inclusão dos inocentes. O senhor não matará o justo com o pecador, não destruirá a cidade por haver lá algum número de justos (Gn 18,26.20,4) ou do povo inteiro (Jos 7,7; 2Sam 24,17), envolvidos numa condenação ou porque a dor é evidentemente imerecida (Nm 11,11-15). É já uma resposta à questão levantada sobre o sentido do sofrimento imerecido quanto o Antigo Testamento, no momento mesmo do mais amargo

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 28.

sofrimento, faz o Homem invocar Deus e assim O reencontrar, diante deste Deus pode-se na verdade, desabafar o próprio coração. O que nos pode surpreender da parte de Yahwé, é a imensa benignidade de sua repreensão (Jer 12,5; Job 38,2), ou ausência da sua repreensão (no caso de Moisés), chega mesmo a louvar (Job 42,7) os gemidos dos sofredores, gemidos estes que nos aparecem quase blasfêmias. Mas no caso de prova pelo sofrimento, para o Antigo Testamento, não há alternativa: ou suportar com paciência ou impacientar-se veementemente com Deus. A alternativa é: ou reconhecer em Yahwé o senhor infinito e transcendente, que sozinho dispõe do poder de salvar, ou duvidar de seu poder salvífico, ou abandoná-lo por outros deuses, confiando na maior ajuda deles. Neste sentido, Job superou a provação e Satã perdeu sua aposta (Job 1,11; 2,5). Assim superam a prova os que rezam os salmos das lamentações.⁸⁹

Passando a vista pelo primeiro livro da Bíblia Sagrada, (Gn 22,1-19), encontramos uma descrição de modo particularmente sugestiva a cerca do caráter de prova que o sofrimento tem. Os sábios exprimem mais tarde a mesma ideia com a imagem do ouro no cadinho. É preciso obedecer aos mandamentos e aceitar o desafio perante os obstáculos que se opõem à fé. Dizem os sábios que «No fogo prova-se o ouro e os eleitos de Deus, no cadinho da humilhação» (Eclo 2,5; Sab 3,5). O mesmo acontece nas tradições mais antigas do Antigo Testamento, que reconhecem nos sofrimentos dos mais eminentes Homens de Deus o seu plano salvífico, José (Gn 50,20), Moisés (Ex 5,22-23); Ana (1Sam 1,15s) e muitos mais que conhecem sofrimentos, decepções e perseguições porque Deus os tomou para o seu serviço.

Quanto ao sentido de seus sofrimentos, este pode lhes permanecer completamente absurdo ou, não se lhes revelar senão pela visão retrospectiva de suas vidas, ou então, não se manifesta senão dentro do contexto geral de toda a História da Salvação. Para estas personagens, dores e sofrimentos, são acidentais circunstâncias concomitantes ao plano

⁸⁹ Cf. J. SCHARBERT, «Sofrimento», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 262.

salvífico de Deus, (Os 1-3); tiveram ao invés que sacrificar sua felicidade conjugal pelo serviço imediato da pregação. Suas experiências tornaram-se símbolo das relações entre Deus e seu povo (Ez 24,15-24). E ainda o profeta Isaías dá a sua contribuição com a ideia de sofrimento como expiação pelos outros, e diz que: o servo de Yahwé assumiu os nossos pecados como vítima expiatória e assim justificou a muitos. Na mesma linha podemos compreender o profeta Zacarias quando dizia que (Zc 12,10s) era necessário que um misterioso traspassado sofresse uma morte cruel, a fim de que Yahwé diante dos seus pudesse infundir abundantemente o espírito de compaixão e de súplica sobre a casa de David e sobre os habitantes de Jerusalém, obtendo assim a salvação para o povo.⁹⁰ Neste aspeto, a literatura sapiencial é certamente aquela que melhor traduz as próprias limitações da existência humana, entre as quais se inclui o sofrimento e a experiência da dor. Perguntar pelas suas causas e pelo seu sentido, é sem sombra de dúvida uma consequência do próprio método que está na gênese desses mesmos escritos.

Entretanto, a interpretação que os escritos bíblicos dão a cerca do sofrimento como um instrumento pedagógico, não tem uma orientação de carácter antropológico, ético ou filosófico e muito menos fatalista, como acontecia na tragédia grega; pelo contrário, o seu enfoque é mais teológico, soteriológico e religioso. O termo mais comum para traduzir este sentido pedagógico é *musar* que poderemos traduzir por instrução, correção, punição e que se encontra com frequência no livro dos provérbios e em outros escritos, tendo muitas vezes como complemento o instrumento pelo qual essa correção é concretizada. Por vezes, o seu complemento vem explicitado pela referência direta à Torah que era, no fundo, a grande finalidade de toda a instrução e de toda a sabedoria bíblica pois o grande objetivo da sabedoria é o conhecimento da Torah. O sentido desta instrução sapiencial, consistia em fazer

⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 263.

que o crente, ou seja, aquele que era instruído fizesse convergir o centro da sua vivência de uma perspectiva antropológica para uma relação centrada em Yahwé.⁹¹

O sofrimento pode servir para provar a nossa fé, pois que é neste sentido que a Sagrada Escritura alude frequentemente e com certa complacência à prova a que são submetidos o ouro e a prata. Como os seres humanos examinam o valor destes metais sob a ação do fogo, também Deus examina no crisol do sofrimento o valor dos justos.

Na parábola da videira, Jesus Cristo exprimiu o mesmo pensamento, que embora já renda e produza frutos, é podada pelo cutelo afiado do vinhateiro, para que dê mais frutos.⁹² Vindo de Deus, que é bondade infinita, o sofrimento só pode ser um bem. Não será uma grande graça o que nos conduz ao céu e nos dá direito a uma grande recompensa? Temos constatado que quando Deus favorece o ser humano, dando-lhe saúde e prosperidade, este afasta-se dele quando parece que deveria procura-Lo; e quando Deus o fere, aproxima-se d'Ele, quando naturalmente parece deveria afastar-se. É exatamente esta experiência da vida. “Procura-se pelo médico quando se sente dores”. Foi o caso do filho pródigo e de todos os pecadores convertidos.⁹³

O sofrimento faz que o Justo adquira as virtudes que lhe faltam, e aperfeiçoe as que possui. O Senhor declarou a Tobias: Porque eras aceite a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse. É a tribulação que nos diz se nossas virtudes são aparentes ou reais. Como saber se somos humildes, se nunca passámos por uma humilhação? Se somos desapegados, se nunca nos pediram um sacrifício? É no sofrimento que brilha a virtude do justo. Diz S. Vicente de Paulo: «não pode haver aperfeiçoamento sem dor. Um dos sinais certos de que Deus tem grandes desígnios sobre uma alma, é mandar-lhe tribulação sobre tribulação»⁹⁴.

⁹¹ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora Universidade Católica, Lisboa, 2006, 31.

⁹² Cf. António Martins BARATA, *Tu que Sofres, Sentido cristão da dor*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1989², 66.

⁹³ Cf. *Ibidem*, 81.

⁹⁴ *Ibidem*, 81.

No entanto, o que as tradições sapienciais reforçam não é tanto o castigo ou a punição como método, mas antes o sofrimento que suporta aquele que se propõe atingir os fins propostos na instrução, ou seja, o conhecimento de Deus e uma vida conforme aos Seus preceitos. O sofrimento não aparece aqui como um meio e, menos ainda, como um instrumento, mas antes como uma condição para atingir um bem superior ou um objetivo tido como primordial nesse processo de progressão e de caminhada em ordem à perfeição que se visa alcançar. Não há vitória sem luta nem luta sem sacrifício. Por um lado, a ideia de um sofrimento educativo a que tanto se alude na literatura sapiencial, mais do que um método pedagógico em si, é a condição existencial daquele que faz experiência do caminho da sabedoria e que quer atingir o conhecimento de Deus, mesmo que isso implique sacrifício pessoal, sacrifício esse que muitas vezes resulta da necessidade pessoal de alterar atitudes e formas de vida e não tanto da imposição exterior de formas punitivas. Por outro lado, esse sofrimento pode também traduzir uma profunda atitude de confiança e entrega nas mãos de Deus, já que o ser humano que busca a sabedoria confia a sua vida a Deus e coloca n'Ele toda a sua confiança.⁹⁵

Desta forma estamos em condições para igualmente fazermos referência a algumas expressões próprias da literatura sapiencial que aludem o caráter religioso de *musar* e à sua intrínseca relação com o conceito de temor de Deus e de humildade, necessárias aliás para aquele que quer progredir no caminho da perfeição que essa mesma literatura propõe aos justos como processo e como método para alcançar esse desiderato. Assim, a *musar* de que falam os textos sapienciais não é só apenas um recurso pedagógico do pai ou do mestre que instrui, mas encontra-se também referida a Deus (Dt 11,2). «Meu filho, não rejeites a correção do Senhor, nem se irrites quando Ele te repreender, pois o Senhor castiga aquele a quem ama, como um pai ao filho querido» (Pr 3,11). Trata-se do sofrimento como abstração teológica da expressão correção de Deus. Apresenta-se como um instrumento divino de educação,

⁹⁵ Cf. João Duarte LOURENÇO, *O sofrimento no pensamento bíblico*, Editora, Universidade Católica, Lisboa, 2006, 29-31.

incluindo aquilo que poderíamos chamar o seu desígnio na história e que muitas vezes nos passa despercebido. O sofrimento resultante desta experiência aproxima de Deus o coração daquele que se deixa instruir nos seus caminhos e constitui uma nova experiência religiosa e existencial da sua caminhada, apesar de muitas vezes o seu verdadeiro sentido não estar plenamente consciencializado.⁹⁶

Com o sofrimento podemos sentir também a esperança de uma retribuição no além. Aproveite ao Senhor esmagá-lo com sofrimento, para que a sua vida fosse um sacrifício de reparação. Terá uma posteridade duradoura e viverá longos dias, e o desígnio do Senhor realizar-se-á por meio dele» (Is 53,10). Ainda a mesma ideia transpassa nas seguintes passagens bíblicas: (2Mac 7,11.36; Sab 5). Com a ideia de uma expiação e a de esperança no além, formam-se os motivos verdadeiramente eficazes para suportar o sofrimento. O Antigo Testamento, não conhece um sofrimento sem sentido. Constitui excepção os tormentos dos de coração endurecido e dos rejeitados definitivamente por Deus (Dan 12,2; Jdt 16,17; Sab 5,5-14; Is 66,24). As atribulações do juízo são para eles sem significado, como dores de parto, do qual não sucedeu nenhum nascimento (Os 13,13).⁹⁷

Para o africano em geral e para o angolano em particular este dado ainda está muito patente hoje. Encontramo-lo em várias tribos, que não acreditam em doença nem em morte sem ser atribuída alguém como causador. Diante de uma dor não vai ao consultório médico sem primeiro ir ao adivinho (bruxa). Quase chegam ao ponto de ligar tudo com o feitiço e bruxaria. Nisto os mais idosos são vítimas de acusações, considerando-os como autores de tais práticas e vistos como inimigos da nova geração. Em contra partida numa das conversas com um idoso, perguntei-lhe se os feitiços realmente existem. O senhor respondeu: “Meu filho, tudo o que tem nome existe. E atualmente já não são só os idosos que sabem essas práticas, pois que os mais novos também aprenderam durante a guerra”.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 31.

⁹⁷ Cf. J. SCHARBERT, «Sofrimento», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 263.

7.2. O Novo Testamento

O Antigo Testamento não possuía o vocabulário, uma palavra específica para designar o sofrimento. Definia como mal tudo aquilo que era sofrimento. Graças a língua grega e, conjuntamente, o Novo Testamento (e as versões gregas do antigo) serve-se do verbo *pásko*, sou afetado por ..., experimento uma sensação, sofro. Graças a este termo, o sofrimento já não é diretamente identificável com o mal (objetivo), mas exprime a situação na qual o ser humano sente o mal, e sentindo-o, torna-se sujeito do sofrimento, o qual, de facto, possui ao mesmo tempo carácter ativo e passivo. Mesmo quando o Homem provoca por si próprio um sofrimento, quando é seu autor, esse sofrimento permanece como algo passivo na sua essência metafísica.⁹⁸

Por outro, o sofrimento também, em sentido psicológico é assinalado por uma atividade específica. Há de facto, uma atividade múltipla e subjetivamente diferenciada de dor, de tristeza, de desilusão, de abatimento ou, até, de desespero, conforme a intensidade do sofrimento. «No âmago daquilo que constitui a forma psicológica do sofrimento encontra-se sempre a experiência do mal, por motivo do qual o Homem sofre»⁹⁹.

Jesus mostra-se reservado frente à doutrina da retribuição proporcionada aos pecados, aplicada ao problema do sofrimento. Quando curou o cego de nascença respondeu dizendo: «nem pecou ele nem os seus pais, mas isso aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus» (Jo 9,3), mas também segundo as palavras que dirigiu ao paralítico, não a rejeita de modo absoluto. «Vê lá: ficaste curado. Não peques mais, para que não te suceda coisa ainda pior» (Jo 5,14).

A primeira tradição da Igreja fala também de punições sobre os seres humanos culpados sob a forma de graves enfermidades físicas: a primeira vemo-la a quanto ao discurso

⁹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica «Salvifici Doloris»*, sentido *cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n° 7.

⁹⁹ *Ibidem*, n°7.

de Herodes aos habitantes de Tiro e de Sídon. O povo ficou admirado com o seu discurso e gritava: É um deus que fala não é um homem! No mesmo instante, o anjo do Senhor feriu Herodes, por não ter dado glória a Deus. E ruído pelos vermes aspirou (At 12,23).

A segunda diz respeito ao falso profeta Barjesus que Bernabé e Paulo encontraram em Chipre ao serviço do procônsul, Sérgio Paulo. Este sendo justo queria ouvir a palavra de Deus e chamou Barnabé e Paulo. Mas o mago Elimas (seu nome) desviou a fé do procônsul. Tendo sido repudiado por Paulo, no mesmo instante caíram sobre ele o nevoeiro e as trevas, ficou cego, voltava para todos os lados procurando um guia. Vendo o que se tinha passado, o procônsul abraçou a fé, vivamente impressionado com a doutrina do Senhor (At 13,11s). Este sofrimento não é para que estejam perdidos eternamente, mas para que, assim punidos, se convertam. Na sua qualidade de humano, Jesus também sente dor (Mc 3,5; Lc 19,41; Jo 11,35) e se amedronta frente aos próprios sofrimentos (Mc 14,34s; Jo 12,27).¹⁰⁰ Sobre a cruz Ele exprime seu sofrimento com altos gritos, *Eloí, Eloí, lemá sabacháni?*, quer dizer: meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? O grito de Jesus é de dor, não de desespero. O quadro seguinte apresenta o grito de Jesus em diversas línguas.

<i>Mateus 27,46</i>	Eli, Eli, lemá sabacháni ...	Hebraico
<i>Marcos 15,34</i>	Eloí, Eloí, lemá sabachtáni...	Aramaico
<i>Salmo 22,2</i>	Meu Deus, meu Deus...	Português

«Segundo o Novo Testamento, não se pode encontrar soluções para o problema do sentido do sofrimento, senão tendo presente os sofrimentos de Jesus. Na sua vida, o sofrimento não foi só qualquer coisa de accidental, mas pertence essencialmente à sua obra de salvação»¹⁰¹. No primeiro anúncio da paixão, Jesus antecipadamente ensinava que o filho do

¹⁰⁰ Cf. J. SCHARBERT, «Sofrimento», in *DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971, 264.

¹⁰¹ *Ibidem*, 265.

Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias.

São Paulo por sua vez, compartilha a fé da comunidade primitiva de que Jesus sofreu por nossos pecados segundo a escritura (1Cor 15,3). Na primeira carta de Pedro (1Ped 2,22-25), à luz de Isaías (Is 53), encontramos uma clara explicação dos sofrimentos de Jesus como sofrimentos de expiação vicária.

Do ensinamento do Novo Testamento resulta também que os sofrimentos e a morte de Jesus são para a salvação do Homem (At 13,13-19) e para a reconciliação com Deus (2Cor 5,19). Jesus tornou-se assim quase que a expiação em pessoa, em meio de reparação e resgate para os pecados da humanidade. Como se deu na vida de Jesus, segundo as próprias palavras do Mestre, as dos sofrimentos pertencem também à vida de seus discípulos. Quem quiser segui-Lo, deve carregar a sua cruz (Mt 10,38) e beber do cálice do sofrimento para a remissão dos pecados (Mc 10,38s).¹⁰²

8. A universalidade do sofrimento

O sofrimento pode ser definido como uma presença mais assídua e assustadora neste mundo. Diante dele todas as explicações são débeis e todas as línguas parecem inadequadas, é um mistério.¹⁰³ Realmente, estamos – diz o papa João Paulo II – perante um tema universal, que acompanha o Homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre. Em certo sentido coexiste com ele no mundo; por isso, exige ser constantemente retomado.¹⁰⁴ Estamos diante de um tema que leva o nosso olhar para o mundo, não só a partir dos vencedores, mas também dos vencidos e das vítimas e concluir que a história da humanidade

¹⁰² Cf. *Ibidem*, 265.

¹⁰³ Cf. João António TEIXEIRA, «Terá sentido sofrer?», *In Communitio, Revista Internacional Católica*, 2003, 549.

¹⁰⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica «Salvifici Doloris», sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°2.

é, de certo modo, a história da sua paixão.¹⁰⁵ Por isso, o cristianismo dirige a sua atenção para o Deus presente na paixão de Jesus Cristo, como sujeito da história universal. É uma história que parece não ter fim, mas que tem futuro. «A memória cristã insiste em que a história do sofrimento da humanidade não pertence simplesmente à pré-história da liberdade, mas que ela é e permanece um momento intrínseco da história da liberdade»¹⁰⁶.

Falar da universalidade do sofrimento, não se trata apenas de uma recordação constativa, sem implicações na vida de cada um, mas de um desafio permanentemente renovado e sempre presente na existência humana, na vida de cada um.

¹⁰⁵ Cf. José António Pinheiro TEIXEIRA, «O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades», in *Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia* – Lisboa, Fascículo 1, Vol. XXX, 2000, 108.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 108.

CAPÍTULO II - A PROBLEMATIZAÇÃO E SENTIDO CRISTÃO DO SOFRIMENTO

Depois de termos abordado o tema do sofrimento na sua fenomenologia, isto é, procurando o sentido da existência, como um mundo, a sua razão de ser nas diversas formas, origem, sob o ponto de vista bíblico e na sua universalidade, agora neste segundo capítulo, ocupar-nos-emos da problematização e sentido cristão do sofrimento, buscando a causa da razão e da finalidade. Ver este tema em diversas perspectivas tais como: o sofrimento perante Deus; a reação de Job e seus amigos perante o sofrimento; a revelação da misericórdia; o amor de Deus através de Jesus Cristo; a missão salvífica de Cristo, a condenação eterna e finalmente refletir sobre o acontecimento em Getsémani e Gólgota.

1. O sofrimento perante Deus¹⁰⁷

«No fundo de cada sofrimento experimentado pelo Homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: porquê? É uma pergunta a cerca da causa, da razão e também a cerca da finalidade (para quê); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta a cerca do sentido. Esta não só acompanha o sofrimento humano, mas parece até determinar o seu conteúdo humano, o que faz que o sofrimento seja propriamente sofrimento humano»¹⁰⁸.

Na verdade, enquanto a dor em especial a dor física, afeta todo o mundo dos animais (racionais e irracionais), mas só o ser humano, é que ao sofrer, sabe que sofre e pergunta o porquê.¹⁰⁹ E sofre de modo humanamente ainda mais profundo se não encontra a resposta satisfatória a respeito da sua pergunta. Trata-se de uma pergunta difícil, como é também difícil outra muito afim, ou seja, a que diz respeito ao mal. Porquê o mal? Porquê o mal no

¹⁰⁷ *Ibidem*, 98.

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº9.

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*, nº9.

mundo? Quando fazemos a pergunta desta maneira, fazemos sempre também, ao menos em certa medida, uma pergunta sobre o sofrimento. As perguntas são difíceis, tanto quando o Homem as faz ao Homem, como também o Homem as apresenta a Deus. Na verdade, o ser humano não põe esta questão ao mundo, ainda que muitas vezes o sofrimento lhe provenha do mundo, põe-na a Deus, como Criador e Senhor do mundo.¹¹⁰ É importante reconhecer que não é fácil abordar esta questão de uma forma inteiramente objetiva. Tudo depende, com efeito, de uma opção inicial. A questão engloba muitas realidades, muitos pontos de vista e muitas experiências individuais e coletivamente.

Então, será possível haver um sentido para o sofrimento? Poderá então ter o sofrimento uma significação positiva? Será ele uma ocasião para se chegar a um bem maior? Onde procede o sofrimento individual e coletivo cujo clamor, não só chega ao céu, como se ergue contra o céu? Porque é que Deus não protege mais as pessoas? Porque é que o ser humano, pelo menos na aparência, está abandonado à sua sorte?¹¹¹

É do conhecimento de todos que, quando se percorre o terreno desta pergunta, chega-se não só a múltiplas frustrações e conflitos nas relações do ser humano com *Deus*, mas sucede até chegar-se à *própria negação de Deus*. Se, efetivamente a existência do mundo como que abre o olhar da alma à existência de Deus, à sua sapiência, poder e magnificência, ao contrário, o mal e o sofrimento parecem ofuscar esta imagem por vezes de modo radical. E isto, sobretudo quando se vê o que acontece cada dia com a dramaticidade de tantos sofrimentos sem culpa e de tantas as culpas sem pena adequada. Esta circunstância, portanto – talvez mais do que qualquer outra, mostra como é importante a pergunta sobre o sentido do sofrimento e com que acuidade se devem tratar, quer a mesma pergunta, quer as possíveis respostas a dar-lhe.¹¹²

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, nº9.

¹¹¹ Cf. José António Pinheiro TEIXEIRA, «O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades», in *Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia* – Lisboa, Fascículo 1, Vol. XXX, 2000, 98.

¹¹² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº9.

A experiência atesta e ensina-nos que o sofrimento constitui um argumento existencialmente muito mais forte contra a fé em Deus do que todos os argumentos baseados na teoria do conhecimento, nas ciências, na crítica da religião e da ideologia. O ser humano, quando toma consciência do sofrimento, a tendência é de perder a sua confiança em Deus, pois que nenhuma sabedoria superior o consegue tranquilizar.

Durante muito tempo, pensou-se que a história do sofrimento poderia ser alterada se a humanidade, no âmbito ideal moderno da emancipação, assumisse a responsabilidade pelo seu próprio destino. Propunha-se neste sentido, que o lugar de Deus redentor fosse ocupado pelo Homem capaz de se redimir a si mesmo.

O problema reside sempre no confronto com os factos. É que nem a evolução científico-tecnológica nem a revolução político-social conseguiram, por si mesmas, introduzir uma mudança radical na história do sofrimento humano. Aliás, atualmente, é o próprio Homem que tem cometido delitos que põem em causa, não apenas o desenvolvimento, mas também a subsistência. Se for tomado mais pelo desejo do ter e do prazer do que pelo de ser e crescer, o Homem consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida.¹¹³ Dizia o servo de Deus cheio de tristeza: «esperávamos a paz, mas nada há de bom; esperávamos a hora do alívio, mas só vemos angústia» (Jr 14,19). Tratando o problema desta forma, em vez de uma teodiceia, tenta-se de produzir uma espécie de antrope-diceia. Perante a emancipação desejada, o ser humano procura fazer uma avaliação em que coloca abertamente o problema da sua culpa e da sua redenção.

Porém, não se pode confundir emancipação com a redenção. Os dois conceitos significam libertação, mas existe uma diferença fundamental entre eles. Enquanto a emancipação significa libertação do Homem pelo Homem, redenção significa libertação do Homem por Deus. Só a redenção liberta o Homem a partir de uma profundidade onde não pode chegar o dinamismo da emancipação. Esta não subtrai o ser humano do sofrimento e à

¹¹³ Cf. José António Pinheiro TEIXEIRA, «O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades», in *Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia* – Lisboa, Fascículo 1, Vol. XXX, 2000, 99.

morte. Diante do sofrimento tudo pára.¹¹⁴ Sendo o ser humano o interlocutor da Teologia atual, é ele que sofre, que faz a experiência concreta da infelicidade e que está consciente da finitude da condição humana.

A pessoa chega ao ponto de alterar a sua atitude para com Deus devido a intensidade do sofrimento e vai à bruxa. «O Homem pode dirigir tal pergunta a Deus, com toda a comoção do seu coração e com a mente cheia de assombro e de equidade. Deus espera por essa pergunta e escuta-a, como vemos na Revelação do Antigo Testamento. A pergunta encontrou a sua expressão mais viva no livro de Job»¹¹⁵. Também podemos citar Karl Rahner que colocou essa pergunta como título duma das suas obras: «Por que razão nos deixa Deus sofrer?»¹¹⁶.

Trata-se de uma questão muito preocupante que precisa de uma solução. «É, contudo, igualmente verdade que Deus modifica profundamente a questão do sofrimento. Não haveria sofrimento se não confrontássemos pelo menos de forma latente, a nossa existência limitada com uma existência plena. Uma vez que aspiramos à salvação, sofreremos com a nossa fragilidade. Se não houvesse o desejo de uma situação diferente, estaríamos conformados com o existente. Neste sentido, podemos encontrar Deus, não apenas na luz e na alegria, mas também na obscuridade e na doença»¹¹⁷.

A Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece aos Homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação; nem foi dado ao ser humano sob o céu outro nome, no qual devem ser salvos. Acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre. E afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo, o mesmo ontem, hoje, e para

¹¹⁴ Cf. *Ibidem*, 100.

¹¹⁵ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº10.

¹¹⁶ Cf. Karl RAHNER, *Porque razão nos deixa Deus sofrer?* Editorial franciscana, Braga, 2011.

¹¹⁷ José António Pinheiro TEIXEIRA, «O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades», in *Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia* – Lisboa, Fascículo 1, Vol. XXX, 2000, 99.

sempre. Aquele que vence, reina e impera. Quer, portanto, o Concílio Vaticano II, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogénito de toda a criação, dirigir-se a todos os Homens de boa fé, para iluminar o mistério do ser humano e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo.¹¹⁸

De Cristo passamos para o amor. «O Amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao Homem na Cruz de Jesus Cristo»¹¹⁹.

2. A reação de Job e seus amigos perante o sofrimento

O papa João Paulo II continua com a sua reflexão e diz que: «é conhecida a história deste homem justo que, sem culpa nenhuma da sua parte, é provado com inúmeros sofrimentos. Perde os seus bens, os filhos e as filhas e por fim, ele próprio é atingido por doença grave. Nesta situação horrível, apresentam-se em sua casa três velhos amigos que o procuram – cada qual com palavras diferentes – convencê-lo de que, por ter sido atingido por tão variados e tão terríveis sofrimentos, deve ter cometido alguma falha grave. Com efeito, - dizem-lhe eles, - o sofrimento atinge o Homem sempre como pena por uma culpa; é mandado por Deus, que é absolutamente justo e age por motivos que são da ordem da justiça. Dir-se-ia que os velhos amigos de Job querem não só convencê-lo da justeza moral do mal, mas, de algum modo, procuram defender, aos seus próprios olhos, o sentimento moral do sofrimento. Este, a seu ver, só pode ter sentido como castigo pelo pecado; e portanto, exclusivamente no plano da justiça de Deus, que paga o bem com bem e o mal com o mal. O ponto de referência,

¹¹⁸ Cf. CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral Sobre a Igreja no mundo atual, *Gaudium et Spes*, nº10.

¹¹⁹ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº13.

neste caso, é a doutrina expressa noutros escritos do Antigo Testamento, que nos apresentam o sofrimento como castigo infligido por Deus pelos pecados dos Homens»¹²⁰.

Os seus amigos eram desta linha de pensamento, (sofrimento por causa dos pecados), porém, Job mantém a sua inocência e a sua fé na existência de Deus, à custa de uma outra hipótese auxiliar, a de que todo o sofrimento é devido.¹²¹

Na convicção dos que explicam o sofrimento como castigo pelo pecado, como a falta do cumprimento da lei, como o momento de graça e de intercessão em benefício dos outros e finalmente como um elemento educativo e pedagógico, remeto o caro leitor ao primeiro capítulo, ponto 7 e suas alíneas onde a questão foi abordada com muita profundidade.

Quanto ao problema levantado, sobre o sentido, é no livro de Job que se procura dar uma resposta ao «porquê e ao para quê» do sofrimento à luz de um novo conceito de Deus.¹²² O abandono de Deus que Job experimenta, e que constitui o ponto de partida das lamentações do Antigo Testamento «meu Deus meu Deus porque me abandonaste?» (Sl 22,2), rejeitando o meu lamento, o meu grito de socorro? Este abandono depois torna-se o problema nuclear do próprio sofrimento.

O tema central é, portanto, a relação de ser humano com Deus. O prólogo do livro pretende explicar o sofrimento de Job pela intervenção de Satanás (Job 1,6-12). No entanto, os seus amigos, a sua esposa e ele próprio pensavam que a causa do sofrimento era Deus (Job 1,21; 2,9-10).¹²³

«Job no entanto, contesta a verdade do princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e fá-lo baseando-se na sua própria situação pessoal. Ele, efetivamente, tem consciência de não ter merecido semelhante castigo; e, por outro lado, vai expondo o bem que praticou durante a vida. Por fim, o próprio Deus desaprova os amigos de Job pelas suas

¹²⁰ *Ibidem*, nº10.

¹²¹ Sebastião José FORMOSINHO – Joaquim Oliveira BRANCO, *A pergunta de Job, o Homem e o Mistério do Mal*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 190.

¹²² Cf. José António Pinheiro TEIXEIRA, «O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades», *in Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia* – Lisboa, Fascículo 1, Vol. XXX, 2000, 104.

¹²³ Cf. *Ibidem*, 104.

acusações e reconhece que Job não é culpado. O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceite como um mistério, que o homem não está em condições de entender totalmente com a própria inteligência»¹²⁴. Assim, com a prova de Job, homem justo, já não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha carácter de castigo.

A revelação que é a palavra do próprio Deus, põe o problema do sofrimento do Homem inocente com toda a clareza: o sofrimento sem culpa. Desta forma chegamos a verificar que, Job não foi castigado; não havia razão para lhe ser infligida uma pena, não obstante ter sido submetido a duríssima prova.¹²⁵ Da reflexão do livro de Job, que coloca o sentido do sofrimento baseando-se na justiça, o que de certo modo poderia reduzir e empobrecer o conceito de justiça que encontramos na Revelação, concluímos que não é a última palavra da Revelação sobre este tema, apenas um anúncio de certo modo da Paixão de Cristo.¹²⁶

O papa, João Paulo II, na *Salvifici Doloris*, afirma: «ainda que há-de haver muita cautela em considerar o sofrimento do Homem como consequência de pecados concretos (como mostra precisamente o exemplo do justo Job), não pode contudo ser separado do pecado das origens, daquilo que em São João é chamado «o pano do fundo», nem do pano de fundo pecaminoso das ações pessoais e dos processos sociais na história do Homem. Se não é permitido aplicar aqui o critério restrito da dependência direta (como faziam os três amigos de Job), não se pode também, por outro lado, pôr absolutamente de parte o critério segundo o qual, na base dos sofrimentos humanos, há uma múltipla implicação com o pecado»¹²⁷.

¹²⁴ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº11.

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, nº11.

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, nº11.

¹²⁷ *Ibidem*, nº15.

3. Revelação da misericórdia¹²⁸

Estamos diante de um tema fundamental para a vida cristã. A revelação de Deus na Bíblia é a manifestação da sua misericórdia para conosco. Assim tem sido e assim continua a ser.¹²⁹ A misericórdia de Deus foi revelada em Jesus Cristo, «quem me vê, vê o pai» (Jo 14,9). É importante neste momento fazer menção às palavras de Filipe quando dizia: Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta. Jesus respondeu-lhe dizendo: Filipe quem me vê, vê o Pai, ainda não me conheces, há tanto tempo que estou convosco?¹³⁰ Partindo do latim, a palavra misericórdia significa um coração que se compadece. É exatamente a capacidade de atenção e de ajuda aos outros, deixar-se tocar pelas necessidades dos outros, ir ao encontro dos irmãos.¹³¹

Olhando para a sociedade hodierna, dominada pelas tecnologias, essa virtude quase que ficou reduzida a empresas de serviços sociais (bombeiros, pronto socorro...). Isto preocupou o papa João Paulo II a ponto de dedicar uma *Carta Encíclica* ao tema da misericórdia, como que um alerta de que o ser humano e o mundo precisam, mesmo que o não saibam. Nisto recorro-me no ditado popular que diz: “ninguém é pobre que nada tenha para dar e ninguém é tão rico que nada lhe falte ou possa receber”.

Em função do problema levantado, no Antigo Testamento notamos a orientação que tende a superar o conceito segundo o qual, o sofrimento teria sentido unicamente como castigo pelo pecado e ao mesmo tempo que se acentua o valor educativo da pena – sofrimento. Se o problema é visto desta forma, nos sofrimentos infligidos por Deus ao povo eleito, está contido o convite da sua misericórdia, que corrige para levar à conversão. «Estes

¹²⁸ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Dives in Misericordia*», *Rico em Misericórdia*, Roma, 30 de novembro de 1980, nº1.

¹²⁹ Cf. Manuel MORUJÃO, *Viver com qualidade, Virtudes Humanas e cristãs*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2003², 94.

¹³⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Dives in Misericordia*», *Rico em Misericórdia*, Roma, 30 de novembro de 1980, nº1.

¹³¹ Cf. Manuel MORUJÃO, *Viver com qualidade, Virtudes Humanas e cristãs*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2003², 93.

castigos não sucederam para a nossa ruína, mas são uma lição salutar para o nosso povo».¹³² É porém sinal de grande benevolência não deixar muito tempo impunes os pecadores, mas aplicar-lhes um castigo que é pedagógico e educativo (Pr 3,12; 20,30), para que se arrependam (Is 54,7-10; Heb 12,6; 2Pe 3,9).

Os nossos pais corrigiam-nos por pouco tempo e conforme entendiam; Deus corrige-nos para o nosso bem, para nos fazer participantes da sua santidade. É verdade que toda a correção, no momento que é aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; mais tarde, porém, produz um fruto de paz e de justiça nos que foram exercitados por ela (Heb 12,10-11). Deus que é rico em misericórdia, movido pela imensa caridade com que nos amou, restituiu-nos à vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos pelos nossos pecados e ainda hoje continua a vir ao encontro dos seus irmãos como bom samaritano.¹³³ Assim dizia S. Tomás de Aquino que: «a onipotência de Deus mostra-se sobretudo em perdoar e em oferecer misericórdia»¹³⁴.

Foi exatamente essa boa nova que Jesus Cristo veio trazer-nos de que Deus é rico em misericórdia (Ef 2,4). Uma misericórdia sem fronteiras, que tudo assume e perdoa. A parábola do filho pródigo, ou melhor dizendo, a parábola do pai do pródigo é um belíssimo retrato da pedagogia misericordiosa de Deus.¹³⁵ O sofrimento do outro só nos toca quando nós o tocamos e sentimos com o outro, fazer tua a dor do Irmão. Ser sensível, é ser próximo, acima de tudo ter um coração de carne.¹³⁶

¹³² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°12.

¹³³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Dives in Misericordia*», *Rico em Misericórdia*, Roma, 30 de novembro de 1980, n°1.

¹³⁴ Manuel MORUJÃO, *Viver com qualidade, Virtudes Humanas e Cristãs*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2003², 94.

¹³⁵ Cf. *Ibidem*, 95.

¹³⁶ Cf. François VARILLON, *O Sofrimento de Deus*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1996, 88.

Numa expressão tão bela, dizem os angolanos de cultura umbundu - «*okulungula yu okusole*», (quem te adverte, gosta de ti).¹³⁷ Deste modo, é afirmada a dimensão pessoal da pena.

Segundo a qual, tem sentido não só porque serve para contrabalançar o mesmo mal objetivo da transgressão com o outro mal, mas sobretudo porque oferece a possibilidade de reconstruir o bem no próprio sujeito que sofre.

Este é um aspeto importantíssimo do sofrimento. Está profundamente arraigado em toda a Revelação da Antiga e sobretudo da Nova Aliança. O sofrimento deve servir à conversão, isto é, a reconstrução do bem no sujeito, que pode reconhecer a misericórdia divina neste chamamento à penitência.¹³⁸

Todo o anúncio da palavra de Deus visa a conversão cristã, isto é, a adesão plena e sincera a Cristo e ao seu Evangelho mediante a fé. Tal conversão está conexas com o batismo, não só por força da prática da Igreja, mas por vontade do próprio Cristo – «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28,19). A exemplo de João Batista que preparava o caminho para Cristo, pregando um batismo de conversão em ordem ao perdão dos pecados (Mc 1,4), e a exemplo do próprio Cristo que afirmava o Reino estar próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho (Mc 1,14-15), a igreja chama a todos a conversão.

O Apóstolo Pedro depois do Pentecostes fala de modo convincente à multidão dizendo: convertei-vos e peça cada um o batismo para a remissão dos pecados, recebereis o dom do Espírito Santo (At 2,37-38) e neste dia foram batizadas cerca de três mil pessoas.¹³⁹ Mais ainda na ocasião da cura de um paralítico diz de novo – convertei-vos e mudai de vida, para que sejam apagados os vossos pegados (At 3,19). É da mesma forma que Jesus dizia a

¹³⁷ A cultura umbundu é a segunda maioritariamente falando em Angola, depois de kimbundu. A língua umbundu é falada quase por todo País.

¹³⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°12.

¹³⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, 7 de dezembro de 1990, n°47.

Nicodemos: Em verdade, em verdade te digo – quem não nascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,5). «O batismo de facto, regenera-nos para a vida de filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e unge-nos no Espírito Santo: não é um simples selo da conversão, à maneira de um sinal exterior que a comprova e atesta; mas é o Sacramento que significa e opera esse novo nascimento do Espírito, instaura vínculos reais e inseparáveis com a Trindade, torna-nos membros do corpo de Cristo, que é a Igreja»¹⁴⁰. Entretanto, para que o ser humano leve uma vida digna de louvor deve procurar superar o mal que, sob diversas formas, se encontra latente no Homem e consolidar o bem, tanto no mesmo Homem, como nas relações com os outros e, sobretudo, com Deus, é esta a finalidade da penitência.¹⁴¹

O Concílio Vaticano II exprime a realidade da penitência desta forma: «Aqueles que se aproximam do sacramento da penitência, obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa a Ele feita e ao mesmo tempo reconciliam-se com a Igreja, que tinham ferido com o seu pecado, a qual, pela caridade, exemplo e oração, trabalha pela sua conversão»¹⁴².

Na parábola do pai do filho pródigo, Jesus descreve maravilhosamente o movimento da conversão e da penitência, cujo ponto central é «o pai misericordioso» (Lc 15,11-14): o deslumbramento dum liberdade ilusória e o abandono da casa paterna; a miséria extrema em que o filho se encontra depois de delapidada a fortuna; a humilhação profunda de se ver obrigado a guardar porcos e, pior ainda, de desejar alimentar-se das bolotas que os porcos comiam; a reflexão sobre os bens perdidos; o arrependimento e a decisão de se confessar culpado diante do pai; o caminho do regresso; o acolhimento generoso por parte do pai; a alegria do próprio pai; são outros tantos aspetos, próprios do processo de conversão. O fato novo, o anel e o banquete festivo são símbolos da vida nova, pura, digna, cheia de alegria, que é a vida do Homem que volta para Deus e para o seio da família que é a Igreja. Só o coração de Cristo, que conhece a profundidade do amor de seu Pai, pôde revelar-nos o abismo da sua

¹⁴⁰ *Ibidem*, n°47.

¹⁴¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°12.

¹⁴² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática, Sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n°11.

misericórdia, de modo tão cheio de simplicidade e beleza.¹⁴³ Ainda mais, «tomar a sua cruz todos os dias e seguir Jesus é o caminho mais seguro da penitência»¹⁴⁴.

A parábola exprime, de maneira simples mas profunda, a realidade da conversão, que é mais concreta expressão da obra do amor e da presença da misericórdia no mundo humano. O verdadeiro significado da misericórdia não consiste apenas no olhar puro e simplesmente mas manifesta-se com a sua fisionomia característica quando reavalia, promove e sabe tirar o bem de todas as formas de mal existentes no mundo e no Homem.¹⁴⁵ E Cristo vai aconselhando: «Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por minha causa, salvá-la-á (Lc 9,24; Mt 16,25); Marcos ainda acrescenta, por causa de mim e do Evangelho» (Mc 8,35).

Encontramos várias expressões de penitência na Sagrada Escritura e se apresentam em três formas: o jejum, a oração e a esmola, que exprimem a conversão, em relação a si mesmo, a Deus e aos outros.¹⁴⁶ Para além destas formas ainda temos outros caminhos para nos convertermos. «A conversão realiza-se na vida quotidiana por gestos de reconciliação, pelo cuidado dos pobres, o exercício e a defesa da justiça e do direito, pela confissão das próprias faltas aos irmãos, pela correção fraterna, a revisão de vida, o exame de consciência, a direção espiritual, a aceitação dos sofrimentos, a coragem de suportar a perseguição por amor a justiça»¹⁴⁷. É importante salientar que o tempo da Quaresma durante o Ano Litúrgico e a memória da morte do Senhor a cada sexta-feira, são momentos fortes da prática penitencial da Igreja.

O sacramento da reconciliação termina com a fórmula de absolvição em uso na Igreja Latina, a qual exprime os elementos essenciais deste sacramento: Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de Seu Filho, reconciliou o mundo consigo e infundiu o

¹⁴³ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993, nº1439, 323.

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, nº323.

¹⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO II, «*Dives in Misericordia*», *Rico em Misericórdia*, Roma, 30 de novembro de 1980, nº6.

¹⁴⁶ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993, nº1434, 322.

¹⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 322.

Espírito Santo para remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. Vai em paz e não torne a pecar.

O comportamento do ser humano cada vez mais vai se acentuando na prática da maldade, cheio de orgulho e vaidade.

Afinal que proveito tem o Homem em não perdoar o seu Irmão? Os três evangelistas insistem nisso como vemos na seguinte tabela.

Mt 16, 26	Mc 8,36	Lc 9,25
Que aproveita ao Homem ganhar o mundo inteiro, se depois, perde a sua alma?	Que aproveita ao Homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?	Que aproveita ao Homem ganhar o mundo inteiro, perdendo-se ou condenando-se a si mesmo?

São as passagens bíblicas onde os Sinóticos se cruzam na mesma lição de conselho do Senhor para os seus irmãos. Se o ser humano não se converte, não conforma o seu ser ao agir, tem sentido rezar o “Pai-nosso”?

A quinta petição do Pai-nosso pressupõe um mundo no qual há ofensas: ofensas entre os humanos e ofensas a Deus; toda a ofensa entre as pessoas inclui de algum modo uma ferida da verdade e do amor e contrapõe-se assim àquele Deus que é a verdade e o Amor. A superação da ofensa é uma questão central de cada vida humana; a história das religiões gravita em torno desta questão.¹⁴⁸ «O Senhor é um Deus que perdoa, porque ama as suas criaturas; mas o perdão pode penetrar e tornar-se eficaz apenas naquele que, por sua vez, perdoa»¹⁴⁹.

É de facto impressionante ouvir os nossos irmãos afirmarem com toda a eloquência que não perdoam. Têm consciência e conhecimento de que se deve perdoar os que nos

¹⁴⁸ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 2008⁴, 207.

¹⁴⁹ *Ibidem*, 207.

ofendem, conhecem a doutrina de Cristo, vivem cristãmente a sua fé mas afirmam-se em não perdoar. «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem»¹⁵⁰. Foram exatamente as primeiríssimas palavras pronunciadas durante o ato da Cruz por Jesus.

Do Catecismo da Igreja Católica nos aprendemos 14 obras de misericórdia, das quais 7 corporais e 7 espirituais. *Corporais*: 1ª dar de comer a quem tem fome; 2ª dar de beber a quem tem sede; 3ª vestir os nus; 4ª dar pousada aos peregrinos; 5ª assistir aos enfermos; 6ª visitar os presos e 7ª enterrar os mortos. *Espirituais*: 1ª dar bom conselho; 2ª ensinar os ignorantes; 3ª corrigir os que erram; 4ª consolar os tristes; 5ª perdoar as injúrias; 6ª sofrer com paciência as fraquezas no nosso próximo e 7ª rogar a Deus pelos vivos e defuntos.

4. O Amor de Deus através de Jesus Cristo

«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4,16). Estas palavras da 1ª Carta de S. João exprimem com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do Homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, S. João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: «Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem»¹⁵¹.

No amor, o Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus fiel a si mesmo, fiel ao seu amor para com a humanidade e para com o mundo, que já se revelara no dia da criação. O Filho que não conhecera o pecado, Deus o fez sofrer por nós para que nos tornássemos n'Ele justiça de Deus. E sofreu Aquele que era absolutamente isento de qualquer pecado, fê-lo para revelar o amor que é sempre maior do que tudo o que é criado, maior do que o pecado, do que a fraqueza, do que a vaidade e mais forte do que a morte. O amor sempre pronto a ajudar e a perdoar, sempre pronto para ir ao encontro do filho pródigo, sempre em busca dos filhos de Deus que são chamados à glória futura; o amor que é Ele

¹⁵⁰ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 170.

¹⁵¹ BENTO XVI, Carta Encíclica «*Deus Caritas est*», *Deus é Amor*, Roma, 25 de dezembro de 2005, nº1.

próprio, porque «Deus é amor»¹⁵². Jesus veio a este mundo para nos conduzir à visão do Pai (Jo 1,18; 17,3) e quando Se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como é (1Jo 3,2). A encarnação do Filho representa um convite feito ao ser humano, a ver o Pai em Cristo: Quem Me vê, vê o Pai (Jo 14,9), não crês que Eu estou no Pai e o Pai está em mim? (Jo 14,10).¹⁵³

«Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16), são palavras dirigidas a Nicodemos. Com a centralidade do amor, a fé cristã escolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude. O crente Israelita, de facto, reza todos os dias com as palavras do Livro do Deuterónimo, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: «Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4-5). E no livro do Levítico «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Lv 19,18). Jesus uniu-os no Evangelho de S. Marcos (Mc 12,29-31) e fez deles um único preceito. Uma vez que foi Deus o primeiro a amar-nos (1Jo 4,10), agora o amor já não é apenas um «mandamento», mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro.¹⁵⁴ Com o Seu sofrimento, Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o «porquê» do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino.¹⁵⁵ E o diálogo de Jesus com Nicodemos, introduz-nos no próprio centro da acção salvífica de Deus. «Exprime também a própria essência da soteriologia cristã, quer dizer, da Teologia da salvação. E a salvação significa libertação do mal; e por isso mesmo está em relação íntima com o problema do sofrimento»¹⁵⁶.

¹⁵² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Redemptoris Hominis*», *O Redentor do Homem*, 4 de março, 1979, n^o9.

¹⁵³ Cf. António José COELHO, *Perguntas com Respostas, Reflexões sobre verdades Importantes da Fé cristã*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2007, 31.

¹⁵⁴ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica «*Deus Caritas est*», *Deus é Amor*, Roma, 25 de dezembro, 2005, n^o1.

¹⁵⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n^o13.

¹⁵⁶ *Ibidem*, n^o14.

Essa salvação consiste em crer, professar a fé e acolher o mistério do Pai e do seu Amor, que se manifesta e oferece em Jesus, por meio do Espírito. Assim se cumpre o Reino de Deus, preparado já no Antigo Testamento, realizado por Cristo e em Cristo, anunciado a todos os povos pela igreja que atua e reza para que ele se realize de modo perfeito e definitivo.¹⁵⁷ As palavras acima citadas do colóquio de Jesus com Nicodemos referem-se ao sofrimento no seu sentido fundamental e definitivo. Nesta perspectiva da Redenção, no Antigo Testamento, o justo Job de antemão já dizia cheio de esperança; sei de facto que o meu Redentor vive e que no último dia verei o meu Deus (Job 19,25-26). Ainda mais, S. João diz-nos: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10).

O amor que Cristo nos ensina e que Ele viveu primeiro, dando-nos exemplo, é um amor que expia e salva através do sofrimento. O amor dá sentido e torna aceitável o sofrimento. Realmente pode haver amor sem sofrimento, mas o sofrimento sem amor não tem sentido. Com o amor, aceite como Cristo aceitou, o sofrimento adquire um valor inestimável.¹⁵⁸

O Homem perece quando perde a vida eterna. O contrário da salvação não é, pois, somente o sofrimento temporal, qualquer sofrimento, mas o sofrimento definitivo: a perda da vida eterna, o ser repellido por Deus, a condenação. Cristo nos foi dado para proteger a humanidade do mal definitivo e do sofrimento definitivo. Por isso, na sua missão salvífica, deve atingir o mal nas suas próprias raízes transcendentais (pecado e a morte), que de facto estão na base da perda da vida eterna. E Cristo cumpre a sua missão, vence o pecado com a sua obediência até à morte, e vence a morte com a sua ressurreição.¹⁵⁹

«O Amor é a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento, esta resposta foi dada por Deus ao Homem na cruz de Jesus Cristo»¹⁶⁰. E na IVª

¹⁵⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, Roma, 7 de dezembro 1990, nº12.

¹⁵⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *O Rosário com João Paulo II*, Lisboa, 2003⁵, 37.

¹⁵⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº14.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*, nº13.

Oração Eucarística ressoa a bela expressão. Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. O sentido da vida encontra aqui, no Amor, a sua última inspiração. Na experiência de amar ou de ser amado por alguém. Como escreve o papa João Paulo II na Encíclica *Retemptor Hominis*, nº10. O ser humano não pode viver sem Amor. Ficaria incompreensível para si próprio. A sua vida ficaria sem sentido se o Amor não lhe for revelado, se não encontrar Amor, se o não experimentar e se o não fizer por si próprio. Pois que na nossa perspetiva cristã, a vida não acaba, apenas se transforma. A morte é assim, um elo necessário, uma porta de entrada na vida.¹⁶¹ Cada homem e cada mulher que quiser compreender-se a si mesmo profundamente – não apenas segundo critérios e medidas do próprio ser, imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes – deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Deve por assim dizer, entrar n'Ele com tudo o que é em si mesmo, deve apropriar-se e assimilar toda a realidade da encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Quando se verificar este processo profundo, então o Homem produz frutos, não somente de adoração a Deus, mas também de profunda maravilha perante si próprio. Que grande valor tem o ser humano aos olhos do Criador, mereceu ter tão grande Redentor, Deus deu o Seu Filho, para que o ser humano não pereça, mas tenha a vida eterna.¹⁶² Viver o Amor, é fazer entrar a luz de Deus no mundo, é este de facto o convite que o papa Bento XVI nos deixou na Encíclica *Deus é Amor*.¹⁶³

5. A missão salvífica de Cristo

Na sua atividade messiânica no meio de Israel, Cristo tornou-Se incessantemente próximo do mundo do sofrimento humano. Passou fazendo o bem, e adaptava este modo de

¹⁶¹ Cf. AA.VV. *Brotéria, Cristianismo e Cultura*, 3º Volume, Série Mensal, 2005, 251.

¹⁶² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Retemptor Hominis*», *O Redentor do Homem*, Roma, 4 de março, 1979, nº10.

¹⁶³ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, «*Deus Caritas est*», *Deus é Amor*, Roma, 25 de dezembro, 2005, nº39.

proceder em primeiro lugar para com os que sofriam e os que esperavam ajuda. Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os surdos da surdez, os cegos da cegueira, os leprosos da lepra, a todos do demônio e de diversas deficiências físicas. Por três vezes restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma.¹⁶⁴ Recordemos a resposta de Jesus aos discípulos de João Batista: reparai que os cegos vêem, os coxos andam e a Boa Nova é anunciada aos pobres (Mt 11,5).¹⁶⁵ Ao mesmo tempo proclama: fui enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres (Lc 4,18). Às vítimas da rejeição e do desprezo, declara: «bem-aventurados vós, os pobres» (Lc 6,20), fazendo-lhes inclusive, sentir e viver já uma experiência de libertação, estando com eles, partilhando a mesma mesa (Lc 5,30; 15,2), tratando-os como iguais e amigos (Lc 7,34), procurando que se sentissem amados por Deus, e revelando deste modo imensa ternura pelos necessitados e pecadores (Lc 15,1-32).¹⁶⁶

Com um ministério de amor, somos chamados a semear a alegria. O Cardeal Walter Kasper chama aos sacerdotes os servidores da alegria. Esse foi o sentido profundo do ministério de Jesus: «manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja perfeita» (Jo 15,11). Realmente a alegria que semeamos é a do Reino de Deus, tem a sua fonte no encontro amoroso com o Senhor, é a alegria da salvação que brota da experiência de se sentir amado por Deus em Jesus Cristo. Por isso, os Sacerdotes são os servidores da alegria e não a sua fonte. Os discípulos ficaram cheios de alegria quando viram o Senhor.¹⁶⁷

Jesus coloca no centro da sua missão, do seu ensino as oito bem-aventuranças. O Evangelho de S. Mateus e de S. Lucas nos apresentam a listas de bem-aventuranças: (Mt 5,3-12; Lc 6,20-23). Lucas apresenta-nos também umas mal-aventuranças, umas maldições (Lc

¹⁶⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº16.

¹⁶⁵ Cf. AAVV., *Jesus Cristo é o Senhor*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1992⁸, 121.

¹⁶⁶ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, Roma, 7 de dezembro, 1990, nº14.

¹⁶⁷ Cf. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas; Igreja, Mistério e Missão*, Editora, Universidade Católica, Vol.13, Lisboa, 2010, 81-82.

6,24-26) que anunciam pela negativa a mesma mensagem. Ainda nos Evangelhos encontramos outras proclamações de felicidade ou bem-aventurança: Maria é ditosa e feliz por ser a Mãe do Senhor e por ter acreditado no cumprimento da palavra de Deus: «Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que foram ditas da parte do Senhor, porque olhou para a humilde condição da Sua Serva» (Lc 1,45.48). São felizes todos os que escutam a palavra de Deus e a põem em prática (Lc 11,28), como são felizes os que acreditam sem terem visto (Jo 20,29).

Os dois Evangelistas situam as bem-aventuranças no conjunto de um grande discurso inaugural de Jesus sobre o Reino. São como que uma síntese, um resumo de toda a Boa Nova de Jesus e devem ser lidas e interpretadas à luz de todo o conjunto do Evangelho. Ao lermos as duas versões das bem-aventuranças, percebemos as suas diferenças, não apenas no número, mas também na perspectiva própria de cada Evangelista. Longe de nos perturbarem, essas diferenças completam-se mutuamente e enriquecem a nossa compreensão.¹⁶⁸

O livro do Apocalipse também proclama, bem-aventurados e felizes aqueles que seguem o Cordeiro, Jesus Cristo, e que são convidados para o encontro com o Senhor (Ap 1,3; 19,9; 20,6; 22,7).

No Antigo Testamento, encontramos várias proclamações de felicidade, sobretudo na literatura sapiencial e nos Salmos; é proclamado, feliz aquele que põe a sua confiança no Senhor (Sl 84,13), aquele que espera em Javé, que teme o Senhor (Sl 112,1) e cumpre a Sua lei (Sl 119,1), aquele que segue a sabedoria. São felizes os que habitam na casa do Senhor (Sl 84,5). «Os pobres são felizes não por serem pobres nem para que continuem pobres, mas porque chegou Jesus que os torna felizes, libertando-os dos seus sofrimentos, criando gestos e atitudes de solidariedade e de amor ao próximo em necessidade (parábola do Bom Samaritano): bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus (Lc 6,20). São felizes os que choram não porque, Jesus, queira que fique no seu sofrimento, se resigne e nada

¹⁶⁸ Cf. AA.VV., *Jesus Cristo é o Senhor, Secretariado Nacional da Educação Cristã*, Lisboa, 1992⁸, 120.

se faça, mas porque com Jesus encontrarão de novo a alegria da vida. Mas a felicidade do pobre não é tornar-se rico: «ai de vós os ricos porque recebestes a vossa consolação» (Lc 6,24), mas ter um coração de pobre: «bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus»¹⁶⁹.

Esta catequese de Jesus sobre as bem-aventuranças, não se pretende criar um apoio para o cristão e não são um apelo à resignação e à privacidade. São antes de mais um vigoroso desafio a uma nova maneira de viver e construir o Reino de Deus: na abertura de nós mesmo aos outros através da partilha, da solidariedade, da preocupação pelos mais necessitados, através do empenhamento ativo nas causas da paz, na justiça, do respeito por todos, através da proclamação do Reino de Deus por palavras e pela vida.¹⁷⁰

A liberdade e a salvação, oferecidas pelo Reino de Deus, atingem a pessoa humana tanto nas dimensões físicas como espirituais. São dois gestos que caracterizam a missão de Jesus: *curar e perdoar*. As múltiplas curas provam a Sua grande compaixão perante as misérias humanas; significam também que no Reino de Deus, não haverá doenças nem sofrimentos, e que a sua missão, desde o início, visa libertar desses males as pessoas. Na perspectiva de Jesus, as curas não são só para o corpo no seu exterior mas são também sinal da salvação espiritual, isto é, da libertação do pecado. Quando realiza gestos de cura, Jesus convida-nos à fé, convida-nos à conversão, ao desejo do perdão (Lc 5,24). Os gestos de libertação da possessão do demónio, mal supremo e símbolo do pecado e da rebelião contra Deus, são sinais de que o Reino de Deus chegou até vós (Mt 12,28).¹⁷¹

Por isso, a missão do Filho Unigénito consiste em vencer o pecado e a morte. Cristo venceu o pecado com a sua obediência até à morte, e venceu a morte com a sua ressurreição como referi anteriormente.¹⁷² A II Oração Eucarística, no seu prefácio esclarece essa missão

¹⁶⁹ *Ibidem*, 121.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 121.

¹⁷¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta encíclica «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, Roma, 7 de dezembro de 1990, nº14.

¹⁷² Cf. João PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº14.

de Cristo com as seguintes palavras: «Enviado por vós como Salvador e Redentor, fez-se homem pelo poder do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria. Para cumprir a vossa vontade e adquirir para vós um povo santo, estendeu os braços e morreu na cruz; e, destruindo assim a morte, manifestou a vitória da ressurreição»¹⁷³. E na IV Oração Eucarística: «Para cumprir o vosso plano salvador voluntariamente Se entregou à morte, e com a sua ressurreição destruiu a morte e restaurou a vida»¹⁷⁴. Não há comunhão de amor sem o dom do próprio corpo. Jesus na Ceia Pascal, exprime a profundidade de comunhão com a humanidade de todos os tempos, anunciando o dom do seu próprio corpo dizendo, isto é o meu corpo entregue por vós (Lc 22,19). Corpo entregue a nós e por nós, numa comunhão de amor que anuncia a nossa salvação.¹⁷⁵

É exatamente o que professamos no credo nos seus artigos: por nós Homens e para a nossa salvação, desceu dos Céus. E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e Se fez homem, padeceu e foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras... e espero a vida do mundo que há-de vir. Estamos todos cheios de esperança, por isso tem sentido a nossa fé em Jesus Cristo, tem sentido anunciar a Sua morte e proclamarmos a Sua ressurreição.

Deus quer que todo o ser humano se salve e chegue ao conhecimento da verdade (1 Tim 2,3); querer a salvação de todos, a vida eterna, é não querer a perdição de ninguém, que é a morte eterna, «que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste. A vida no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio, sozinho, nem mesmo por si só: aquela é uma relação, é relação com Aquele que é fonte da vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria vida e o próprio amor, então estamos na vida»¹⁷⁶. Assim, a salvação é o objeto próprio da esperança escatológica, é

¹⁷³ MISSAL ROMANO, Gráfica de Coimbra, 1992, 523.

¹⁷⁴ *Ibidem*, 539.

¹⁷⁵ Cf. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas; Igreja, Mistério e Missão*, Editora, Universidade Católica, Vol.13, Lisboa, 2010, 83.

¹⁷⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica «*Spe Salvi*», *Salvos na esperança*, Roma, 30 de novembro, 2007, nº27.

uma certeza absoluta, predicável como tal e, em geral, da história e da comunidade humana, a condenação é uma possibilidade, fatível e só em casos particulares.

6. A condenação eterna

Partimos do princípio da criação. Deus criou o Homem para ser feliz. E depois o condena eternamente sem piedade? Segundo as palavras de S. João, «quem não ama, permanece na morte» (1 Jo 3,47). Por isso, Cristo adverte-nos de que seremos separados d'Ele, se descurmarmos às necessidades graves dos pobres e dos pequenos, seus irmãos.¹⁷⁷ «Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus é a mesma coisa que morrer separado d'Ele para sempre, por livre escolha própria. E é este estado de auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designam pela palavra inferno»¹⁷⁸.

Fiodor Dostoievski no seu romance «os irmãos Karamasov», afirma que o inferno é o sofrimento de não poder amar; é a solidão, onde o amor já não pode entrar; é a recusa total do amor; é dizer não a Deus definitivamente. Deus não condena, nem manda ninguém para o inferno.

Na liturgia eucarística e nas orações quotidianas dos fiéis, a igreja implora a misericórdia de Deus, para que ninguém pereça, mas todos se convertam (2Ped 3,9). Mesmo os maiores facínoras da história podem ter-se salvo, porque Deus oferece todas as oportunidades de salvação, durante a vida, na hora da morte e até depois da morte.¹⁷⁹ Pois que a sua justiça não é igual a nossa, que implica, de acordo com aquilo que a pessoa fez. A justiça consiste em justificar-nos, reconciliar-nos com Ele, de uma maneira gratuita.

¹⁷⁷ Cf. António José COELHO, *Perguntas com Respostas, Reflexões sobre verdades Importantes da Fé cristã*, Editorial, Apostolado da Oração, Braga, 2007, 43.

¹⁷⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1993, nº1033, 233.

¹⁷⁹ Cf. António José COELHO, *Perguntas com Respostas, Reflexões sobre verdades Importantes da Fé cristã*, Editorial, Apostolado da Oração, Braga, 2007, 43.

Lembremos a parábola do proprietário para a sua vinha. No fim do dia receberam todos o mesmo salário e escandalosamente o proprietário começou a pagar aos que tinham trabalhado menos tempo.¹⁸⁰ E no Cânon Romano, isto é, na I Oração Eucarística rezamos: «aceitai benignamente, Senhor, a oblação que nós, vossos servos, com toda a vossa família, Vos apresentamos. Dai a paz a nossos dias, livrai-nos da condenação eterna e contai-nos entre os vossos eleitos»¹⁸¹.

7. Getsémani e Gólgota

«Na narrativa da paixão aparecem interligadas múltiplas alusões a textos veterotestamentários. Dois deles são de importância fundamental, porque abraçam e iluminam teologicamente, por assim dizer, todo o acontecimento da paixão: trata-se do Salmo 22 e de Isaías 53»¹⁸². A paixão de Cristo, à luz dos versículos de Isaías, quase se torna mais expressiva e comovente do que nas descrições dos próprios evangelistas. Passemos o olhar como nos é apresentado o verdadeiro Homem das dores.¹⁸³

Não tem beleza nem formosura para atrair os nossos olhares...

Foi desprezado e o último dos Homens,

homem das dores, familiarizado com o sofrimento;

Como pessoa da qual se desvia o rosto,

Desprezível e sem valor para nós.

Verdadeiramente tomou sobre si as nossas enfermidades

Carregou com as nossas dores,

E nós o julgámos como um leproso,

homem ferido por Deus e humilhado.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 44.

¹⁸¹ MISSAL ROMANO, Gráfica de Coimbra, 1992, 518.

¹⁸² BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 168.

¹⁸³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», sentido *crístico do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°17.

Mas foi trespassado por causa dos nossos delitos,
e espezinhado por causa das nossas culpas.
A punição que nos devia trazer a paz, caiu sobre ele
e fomos curados pelas suas chagas.
Todos nós andamos desgarrados como ovelhas,
cada um se extraviou no seu caminho;
o Senhor fez cair sobre ele
as culpas de todos nós.

Neste cântico, de certo modo podemos identificar os passos da paixão de Cristo: prisão, humilhação, bofetadas, escarros, rebaixamento da própria dignidade de prisioneiro, juízo injusto; e depois flagelado, coroado de espinhos e escárnio, caminhada com a cruz, crucifixão e agonia.¹⁸⁴ Cristo não escondeu aquilo que ia acontecer, sempre procurou esclarecer, estava «consciente de tudo e muitas vezes falou aos discípulos dos sofrimentos e da morte que O esperavam. Eis que subamos a Jerusalém; e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas, e eles condená-Lo-ão à morte e entregá-Lo-ão nas mãos dos gentios que o vão flagelar e matar. Mas três dias depois ressuscitará»¹⁸⁵. Um dos discípulos ouvindo as palavras de Jesus tomou-O de parte, (Pedro) e começou a repreendê-Lo, dizendo: Deus Te livre de tal, Senhor. Isso não há-de acontecer. E Cristo o repreendeu severamente (Mt 16,23).

E ainda quando Pedro cortou a orelha direita dum servo do Sumo Sacerdote de nome Malco, Jesus disse a Pedro: meta a espada na bainha, «porque todos os que usam a espada morrerão pela espada»¹⁸⁶. Ele em nenhum momento quis ser defendido dos inimigos; não precisou de guarda. Procurou ir ao encontro do cálice que o pai Lhe preparou e beber da sua amargura (Jo 18,10-11). «Na hora em que Ele Se entregava, para voluntariamente sofrer a

¹⁸⁴ Cf. *Ibidem*, nº17.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, nº16.

¹⁸⁶ Vilariño UGARTE, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Livraria, Apostolado da Imprensa, Porto, 1957², 92.

morte...»¹⁸⁷. Ele vai ao encontro da sua paixão e morte com plena consciência, para que se cumpram as Escrituras. Pois que é por meio do sofrimento que há-de fazer que o Homem não pereça, mas tenha a vida eterna.

Por meio da cruz atingirá as raízes do mal, que se emprenham na história da humanidade. «Era maltratado e ele sofria, não abria a boca; era como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda nas mãos do tosquiador. Com tirânica sentença foi suprimido; e quem se preocupa pela sua sorte, pelo modo como foi suprimido da terra dos vivos, e ferido de morte por causa da iniquidade do seu povo. Deram-lhe sepultura com os réus, e uma tumba entre os malfeitores, embora não tivesse cometido qualquer injustiça, nem se tenha encontrado engano algum na sua boca»¹⁸⁸.

Jesus sofre voluntariamente e também inocentemente como podemos ver na Sua oração no monte das Oliveiras na qual «temos cinco versões: antes de mais as três dos Evangelhos sinópticos (Mt 26,36-46; Mc 14,32-42; Lc 22,39-46); junta-se-lhes um breve texto no Evangelho de São João embora inserido pelo Evangelista na colocação dos discursos proferidos no templo durante o domingo de Ramos (12,27-28); e, por fim um texto da carta aos Hebreus, baseado numa tradição particular (5,7-10).¹⁸⁹ Mateus e Marcos dizem-nos que Jesus cai de rosto por terra: é a posição de oração que exprime a extrema submissão à vontade de Deus, o abandono mais radical a Ele; uma posição que a liturgia ocidental prevê ainda na Sexta-feira Santa, na profissão Monástica e também na Ordenação Diaconal, Sacerdotal e Episcopail.

«Diversamente, Lucas diz que Jesus reza de Joelhos. Deste modo, tomando por base a posição de oração, insere esta luta noturna de Jesus no contexto da história da oração cristã: Estêvão durante a lapidação, dobra os joelhos e reza (Act 7,60); Pedro ajoelha-se antes de ressuscitar Tabitá da morte (At 9,40); Paulo ajoelha-se quando se despede dos anciãos de

¹⁸⁷ MISSAL ROMANO, Gráfica de Coimbra, 1992, 526.

¹⁸⁸ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°18.

¹⁸⁹ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 128.

Éfeso (At 20,36), e outra vez quando os discípulos lhe dizem para não subir a Jerusalém (At 21,5). A propósito diz Andreas Stoer: Todos eles, perante a morte, rezam de joelhos; o martírio não pode ser superado senão através da oração. Jesus é o modelo dos mártires»¹⁹⁰.

A nossa reflexão leva-nos para a oração verdadeira e propriamente dita, na qual está presente todo o drama da nossa redenção. No dizer de S. Marcos, Jesus orava para que, «*se fosse possível, passasse dele aquela hora*» (Mc 14,35). Abbá, Pai, expressão central, se é possível passe de Mim este cálice e depois continuou porém, não seja como Eu quero, mas como Tu queres (Mt 26,39). Pela segunda vez orou dizendo: «*Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que Eu o beba, faça-se a tua vontade*» (Mt 26,42) e pela terceira vez repetiu as mesmas palavras da segunda oração (Mt 26,44). A agonia era terrível, a dor espantosa, o desconsolo mortal. Então apareceu-lhe um anjo do céu que o consolava.¹⁹¹

Estas palavras ajudam-nos a compreender o sofrimento mas não completamente, porque para isso seria necessário penetrar no mistério Divino e humano, mas pelo menos ajudam-nos a compreender a diferença e ao mesmo tempo a semelhança que se verifica entre todo o sofrimento possível do Homem e o de Deus.¹⁹²

Neste particular momento nas duas partes da oração de Jesus vemos uma manifestação da vontade natural de ser humano e outra que manifesta a vontade Divina. Ele sofre como Homem e sofre como Filho (Deus). Diante do sofrimento, na qualidade de possuir a natureza humana, Jesus se insurge contra o aspeto monstruoso e fatal e quer pedir que o cálice passe d'Ele. Mas a outra natureza de ser Filho do Pai abandona – Se pura e simplesmente à vontade total do Pai. Ainda procurando aclarar ou reforçar para melhor compreendermos o mistério das duas vontades de Jesus podemos lançar um olhar à versão joanina dessa oração. «Pai, salva-me desta hora» e «Pai, manifesta a tua glória»¹⁹³.

¹⁹⁰ *Ibidem*, 129-130.

¹⁹¹ Vilarinho UGARTE, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Livraria, Apostolado da Imprensa, Porto, 1957², 83.

¹⁹² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº18.

¹⁹³ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 131.

Meditando nos acontecimentos de Cristo em Getsémani notamos que Ele ali, viveu antecipadamente todo o processo da Paixão e da Cruz, com um sofrimento indivisível. Mas o mistério de Getsémani radica no facto de ali, Cristo poder revelar diante dos seus discípulos a debilidade, a fraqueza e, nesse paradoxo sentido, a perfeição da Sua humanidade. Como ser humano então sofre como um de nós e o sofrimento sobrou para os Apóstolos que antes tinham sido testemunhas das grandezas de Deus, antes àquelas dores e angústias.¹⁹⁴

Na Sua oração distinguem-se três momentos importantes: primeiro a experiência primitiva do medo, a perturbação diante do poder da morte e o pavor perante o abismo do nada, que O faz tremer, que O faz, aliás, segundo Lucas, suar gotas de sangue (Lc 22,44). Jesus experimentou a solidão extrema, toda a tribulação de ser humano. O abismo do pecado e de todo o mal penetrou até ao fundo da sua alma. Ali foi assaltado pela turvação da morte eminente. Ali O beijou o traidor Judas Iscariotes. Ali todos os discípulos O abandonaram. Ali Ele lutou também por todos nós.¹⁹⁵ Usando as palavras de S. Ambrósio: «Tomou Jesus minha tristeza para me dar Sua alegria, e por meus passos e caminhos desceu até à tristeza da morte, para que eu, por Seus passos e caminhos, fosse levado à vida»¹⁹⁶. O papa João Paulo II caracteriza Getsémani como um lugar onde precisamente o sofrimento, com toda a verdade expressa pelo profeta quanto ao mal que ele faz experimentar, se revelou quase definitivamente diante dos olhos da alma de Cristo.¹⁹⁷

Depois da reflexão das palavras de Jesus em Getsémani, passamos agora para as pronunciadas no Gólgota, já que estas atestam a profundidade – única na história do mundo – do mal, do sofrimento que se experimenta. Quando Cristo diz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste» (Sl 22,2). As suas palavras não são apenas expressão do abandono que, por diversas vezes, se encontram no Antigo Testamento, concretamente no Salmo acima citado do

¹⁹⁴ Cf. Javier ECHEVARRÍA, *Getsémani - Em Oração com Jesus Cristo*, Edição, DIEL – LD, 2011, 42.

¹⁹⁵ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 126.

¹⁹⁶ Vilariño UGARTE, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Livraria, Apostolado da Imprensa, Porto, 1957², 82.

¹⁹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº18.

qual provêm as palavras referidas. Sendo o Pai e o Filho Um só, estas palavras nascem porque o Pai fez cair sobre Ele as culpas de todos nós, na linha mesmo daquilo que São Paulo dirá: «A Ele, que não conhecera o pecado, Deus tratou-O, por nós como pecado»¹⁹⁸; Jesus homem das dores grita, mas esse grito na cruz não traduz a angústia dum desespero, mas a oração do Filho que, por amor, oferece a sua vida ao Pai pela salvação de todos. Sabemos que mais de três horas esteve o Senhor cravado na cruz. Durante essas horas, rogava a Deus por nós e oferecia o seu sacrifício pelos nossos pecados.

Depois de tanto sofrimento e de tanto interceder por nós, à «hora nona», cerca das três, exclamou Jesus com voz forte dizendo: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste»? (Sl 22,2). Todos O ouviram, queixou-se a seu Pai usando as palavras que o Rei David escreveu para que Ele as dissesse.¹⁹⁹ Os que O ouviram, fizeram troça, um jogo de palavras e disseram: Eis que chama por Elias! Dito isto pelos sacerdotes e pelos escribas baseando-se na semelhança das palavras Elí e Elias. Além disso, era uma zombaria cruel, porque os sacerdotes sabiam que Elias devia vir a anunciar o messias e como criam que o nosso Salvador era um falso messias, diziam que chamava por Elias, como se lhe pedisse que viesse anunciá-Lo como o Cristo. E o Elias já tinha vindo, era o João Batista (Mt 17,10-13). Enquanto a troça corria de boca em boca, sabendo Jesus que tudo estava consumado para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede (Jo 19,28).²⁰⁰ «Aos pés da cruz, participa Maria mediante a fé, no mistério desconcertante desse despojamento, o que constitui, talvez, a mais profunda «kénose» da fé na história da humanidade.

Mediante a fé, a Mãe participa na morte do Filho, na sua morte redentora. Bem diferente da fé dos discípulos, que se puseram em fuga, a fé de Maria era muito mais esclarecida. Sobre o Gólgota, Jesus confirmou definitivamente, por meio da cruz, ser o sinal de contradição predito por Simeão. Ao mesmo tempo, cumpriram-se aí as palavras dirigidas

¹⁹⁸ *Ibidem*, nº18.

¹⁹⁹ Cf. Luís De L. PALMA, *A Paixão do Senhor*, Viseu, 1991, 280.

²⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 290.

pelo mesmo ancião a Maria: «E a tua alma será trespassada por uma espada».²⁰¹ O velho Simeão, homem justo, dirigiu aquelas palavras à Mãe do Salvador no dia da apresentação do menino ao Templo. Mais ainda disse: agora Senhor segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a vossa salvação que ofereceis a todos os povos. Para ele foi o momento de muita alegria por ter-se concretizado a profecia de Malaquias.

Cristo por meio do sofrimento realiza a redenção e diz ao expirar: tudo está consumado. Desta forma foram cumpridas as Escrituras e realizaram-se definitivamente as palavras do Canto do Servo sofredor (aprouve ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento). É desta forma que o sofrimento humano atingiu o seu vértice na paixão de Cristo. Ao mesmo tempo, revestiu-se de dimensão completamente nova e entrou numa ordem nova: foi associado ao amor, àquele amor de que Cristo falava a Nicodemos, àquele amor que cria o bem, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da redenção do mundo foi tirado da cruz de Cristo e nela encontra permanentemente o seu princípio. Por conseguinte, a cruz de Cristo tornou-se fonte da qual brotam rios de água viva.²⁰²

Finalmente, estamos prontos para concluir este título com as palavras do papa João Paulo II quando dizia: «Cristo responde a esta pergunta, sobre o sofrimento, e sobre o sentido do sofrimento, não apenas com o seu ensino, isto é, com a Boa nova, mas primeiro que tudo, com o próprio sofrimento, integrado, de um modo orgânico e indissolúvel, nos ensinamentos da Boa Nova. Esta é, por assim dizer, a última palavra, a síntese desse ensino: «a palavra da Cruz», como dirá São Paulo»²⁰³. Não podemos deixar de se aperceber de que aquele a quem fazem a pergunta também Ele sofre e quer responder-lhes da cruz, do meio do seu próprio sofrimento. Cristo de facto, não responde diretamente e não responde de modo abstrato a esta pergunta humana sobre o sentido do sofrimento. O ser humano percebe a sua resposta

²⁰¹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, «*Redemptoris Mater*», *Mãe do Redentor*, Roma, 25 de março de 1987, n°18.

²⁰² Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°18.

²⁰³ *Ibidem*, n°18.

salvífica à medida que se vai tornando participante dos sofrimentos de Cristo ao longo da caminhada de encontros interior com o Mestre, é algo mais do que a simples resposta abstrata sobre o sentido do sofrimento. Tal resposta é, sobretudo, um apelo, uma vocação, quando nos diz: segue-Me! Vem! Participa com o teu sofrimento nesta obra da salvação do mundo que se realiza por meio do próprio sofrimento! Por meio da minha Cruz!²⁰⁴

²⁰⁴ Cf. *Ibidem*, nº26.

CAPÍTULO III – SOFRER POR COMPAIXÃO

Depois de termos abordado a questão da problematização e sentido cristão do sofrimento, agora vamos refletir olhando para o exemplo do povo sofredor, os doentes, os mártires (inocentes e conscientes). Uma passagem rápida pelo sim dos Apóstolos e depois para concluir a observação de que afinal a salvação que nos é oferecida na cruz é tão universal como o é do sofrimento.

1. O povo sofredor, ontem, hoje e sempre

O sofrimento existiu, existe e continuará a existir na vida das pessoas, não como uma realidade sem sentido, mas como «caminho obrigatório para a salvação e santificação».²⁰⁵ Cristo aparece para dar resposta a este problema verdadeiramente sobrenatural e também profundamente humano.

O Evangelho e a tradição na sua totalidade dão relevo aos mistérios da dor de Cristo, nos advertem constantemente que devemos percorrer em conjunto ou individualmente o caminho do sofrimento, tal como Cristo o traçou ao revelar n'Ele o Pai e o Seu amor misericordioso. É preciso olhar com muita fé para a mensagem que os Evangelistas nos transmitem a respeito das mulheres junto da cruz a contemplar de longe. Para além da Mãe de Jesus, S. Marcos fala também de Maria de Magdala, Maria Mãe de Tiago menor e de José e Salomé. Elas olhavam para o trespassado e o profeta Zacarias ajuda-nos com as suas palavras dizendo: «Chorarão por Ele como se chora um filho único e lamentá-lo-ão como se lamenta um primogénito»²⁰⁶. Na verdade foi esse sentimento que elas carregavam ao olhar para Cruz.

Jesus Cristo participou da nossa condição humana, sofreu, passou dificuldades até morrer. Ele soube falar com o povo sofredor, libertá-lo do pecado, abrir os seus olhos a um

²⁰⁵ COFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGESA, *O Rosário com João Paulo II*, Lisboa, 2003⁵, 36.

²⁰⁶ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, II Parte da entrada em Jerusalém até a ressurreição, 2011¹, 180.

horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. Cristo continua presente nas nossas Igrejas, nas famílias, nos nossos corações e em toda a nossa vida a ajudar-nos a levar a nossa cruz. O serviço da Igreja deve-se dirigir ou seja centralizar-se na pessoa humana, porque quanto mais for *antropocêntrico* tanto mais se deve confirmar e realizar de modo *teocêntrico*, isto é, orientar-se partindo de Jesus Cristo em direção ao Pai. Muitas correntes do pensamento humano, do passado e do presente têm sido influenciadas para separarem e até mesmo para contrapor o teocentrismo e o antropocentrismo.

Finalmente, a Igreja, seguindo Cristo procura uni-los conjuntamente na história do ser humano, de forma orgânica e profunda. Este é um dos princípios fundamentais e talvez o mais importante do magistério do último Concílio.²⁰⁷ Devemos tê-los com fé, com o espírito e com o coração aberto. Deus vai ao encontro da humanidade através de Cristo para que Este seja para os seus Irmãos o caminho para o Pai, a verdade e a vida. «Fiel é Deus, pois que fomos chamados à comunhão com o seu Filho Jesus Cristo Nosso Senhor» (1Cor 1,9). Cristo realiza a comunhão com a humanidade para a redenção de todos.

2. Os doentes como participantes do sofrimento de Cristo

Os doentes são os homens, mulheres, crianças e jovens a quem Deus chamou pelo seu nome para uma missão muito especial de colaborar com Jesus Cristo para a salvação dos pecadores. Ora bem, se encararmos o sofrimento desta forma, já não é o castigo nem tão pouco problema mas sim um mistério que só no Céu se descobrirá: a este tipo de sofrimento, o papa João Paulo II chama-lhe de «vocação»²⁰⁸.

²⁰⁷ Cf. JOÃO PAULO II, «*Dives in Misericordia*», *Rico em Misericórdia*, Roma, 30 de novembro de 1980, nº1.

²⁰⁸ Francisco Senra COELHO, «O sofrimento e a dor à luz do mistério pascal», in *Quereis oferecer-vos a Deus?* Movimento da mensagem de Fátima, Boletim nº8, 2012, 207.



(Figura 3: Papa João Paulo II, já doente, nos últimos tempos do seu pontificado)

Relativamente à doença, o papa considera-a como «parte essencial da experiência humana e também está necessariamente no coração de toda a experiência da fé»²⁰⁹. Nenhum ser humano está imune à doença. Essa afeta toda a pessoa, direta e indiretamente, no seu corpo ou na sua mente. O próprio papa não foi poupado neste aspeto e admira-nos a forma como ele viveu a sua longa doença. Aqui está uma das principais razões pelas quais estamos convencidos da santidade do papa João Paulo II. Os doentes são os nossos irmãos, os preferidos de Deus e sofredores com e em Cristo. A missão deles é muito difícil, pois que vivem num mundo onde por vezes não são compreendidos. O Padre Lombardi quanto a este assunto, usando as palavras do papa Bento XVI, da sua Encíclica *Spe Salvi* lembrou que a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. A comunidade que não paute por acolher, nem é capaz de contribuir mediante a compaixão para assim partilhar o sofrimento e assumi-lo mesmo de forma interior, é uma sociedade cruel e desumana.²¹⁰

As pessoas esquecem que se hoje são jovens a manhã serão velhos. Olhar para eles como Jesus olha com amor misericordioso, ajudá-los a encontrar a cura da sua doença, solidarizar-se com eles no seu sofrimento sem perder a esperança, ajudá-los a manter a vida e

²⁰⁹ *Ibidem*, 209.

²¹⁰ Cf. *Ibidem*, 211.

a fé, é de facto o que nós todos devemos fazer: visitá-los com amor, dar-lhes o carinho porque merecem e reconhecer que têm os mesmos direitos que os outros.

No cuidar o doente e dar-lhe a atenção especial é onde o papa João Paulo II encontrou a razão de instituir o dia mundial do doente, à 11 de fevereiro de 1992. Nisto o porta-voz do Vaticano, o Pe. Federico Lombardini, lembrou que «foi o papa João Paulo II quem quis que a Igreja comemorasse anualmente um dia mundial do doente, em fevereiro, no dia dedicado a Nossa Senhor de Lurdes»²¹¹.

Foi exatamente no dia 13 de maio de 1992, que o papa dirigiu a carta ao Cardeal Fiorenzo Angelini, presidente do conselho pontifício para a pastoral dos agentes sanitários com a finalidade de instituir a jornada mundial do enfermo. Na carta da instituição do dia Mundial do doente, o Santo Padre «lembrou que a data representa um momento forte de oração, de partilha, de oferta do sofrimento pelo bem da Igreja e de apelo dirigido a todos para reconhecerem na face do irmão enfermo a Santa Face de Cristo que, sofrendo, morrendo e ressuscitando, operou a salvação da humanidade»²¹².

O papa João Paulo II logo no primeiro ponto da carta, diz o seguinte: «comunico que decidi instituir a jornada mundial do enfermo, que se celebrará a 11 de fevereiro de cada ano, Memória Litúrgica da Virgem de Lurdes. De facto creio que é oportuno estender a toda comunidade eclesial uma iniciativa que se está a realizar em alguns países e regiões, com grandes frutos pastorais»²¹³. Olhando com ternura para os doentes, o papa deixou um alerta aos agentes da pastoral e recomendou que os doentes fossem instruídos sobre o valor do sofrimento, estimulando-os a oferecê-lo a Deus pelos missionários. Com esta oferta, os doentes tornam-se também missionários, como sublinha alguns movimentos sugeridos entre

²¹¹ *Ibidem*, 209.

²¹² <http://www.calendarr.com/portugal/dia-mundial-do-doente>.

²¹³ *Ibidem*.

eles e para eles»²¹⁴. Cuidar o doente, exige o dom abnegado de si mesmo ao próximo, de forma especial àqueles que vivem no sofrimento.

A parábola evangélica do Bom Samaritano salienta muito bem os sentimentos mais nobres e a resposta de uma pessoa, diante de outro ser humano que sofre e se encontra em necessidade. Todo o Homem que presta ajuda no sofrimento, seja qual for a sua espécie, é Bom Samaritano porque é capaz do dom de si mesmo, na sua ajuda põe todo o seu coração sem poupar nada nem se quer os meios materiais. É dar-se a si próprio, o seu próprio eu ao outro. Este modo de proceder constitui um dos pontos-chave da antropologia cristã.²¹⁵

Falando da obra do Bom Samaritano, tive uma experiência quase na mesma linha. Era na véspera da Páscoa de 2012, ia a caminho da Igreja da Loureira para o Sacramento da reconciliação. Encontrei um cruzeiro e de lado tinha uma capela. Ali parei e pensei que já tinha chegado, eram 18 horas, era já noite, não tinha ninguém que me pudesse dar uma indicação. A única solução foi esperar a beira da estrada. Passou o primeiro carro, estavam dois homens, fiz o sinal não param; veio o segundo era um homem e uma mulher também não pararam. Depois apareceu o terceiro carro eu estava meio desanimado mas decidi fazer a última tentativa, felizmente parou, reparei era uma mulher apenas, perguntei e deu-me indicação necessária. Admirei a coragem dela, os primeiros que passaram, apesar de estarem acompanhados não pararam e a senhora sozinha parou. Foi para mim neste dia a “Boa Samaritana”. Na *Salvifici Doloris* diz o papa que «a compaixão acaba por ser a única ou a principal expressão do nosso amor e da nossa solidariedade com o Homem que sofre»²¹⁶.

O sacrifício que fazemos em benefício do outro, faz-nos viver a Eucaristia quando o próprio Senhor Jesus Cristo diz: «fazei isto em memória de mim» (Lc 22,19). O papa na 10ª jornada mundial celebrada na Índia à 11 de fevereiro de 2002, sublinhou que o corpo dado e o sangue derramado, que nos foram oferecidos por Cristo, isto, diz respeito a este dom de Si

²¹⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, Roma, 7 de dezembro de 1990, nº78.

²¹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº28.

²¹⁶ *Ibidem*, nº28.

mesmo pelo próximo. Uma expressão particularmente significativa deste dom pessoal está latente no serviço aos enfermos e a quem sofre. Desta forma, aqueles que se dedicam a este serviço sempre encontrarão na Eucaristia uma inefável fonte de força e um estímulo para uma generosidade sempre renovada.

O papa João Paulo II nas suas mensagens das jornadas mundiais do doente procurou sempre agradecer e encorajar os Bispos, Presbíteros e todos os agentes da pastoral da saúde o empenho nesta tarefa. Adverte para que nunca falte aos enfermos a presença consoladora do Senhor através da palavra de Deus e dos Sacramentos.²¹⁷

A XIII jornada mundial do doente de 2005 e última do pontificado do papa João Paulo II teve lugar no continente africano, e o Santo Padre na sua mensagem no primeiro número referiu que «depois de dez anos, será de novo a África que hospeda as celebrações principais do dia mundial do doente, que se realizarão no Santuário de Maria Rainha dos Apóstolos, em Iauandé, nos Camarões»²¹⁸. Nesta mensagem e insistindo no mesmo ponto, o papa comparou a África atual com aquele homem que descia de Jerusalém para Jericó; ele cai nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e espancaram, o abandonaram, deixando-o meio morto. Depois da comparação passou a definir que «a África é um Continente onde inumeráveis seres humanos homens e mulheres, crianças e jovens jazem, de algum modo, prostrados na margem da estrada, doentes, feridos, indefesos, marginalizados e abandonados. Têm extrema necessidade de bons Samaritanos que venham em sua ajuda»²¹⁹. Olhando pela situação da África, o papa fez a promessa de que no próximo dia mundial do doente seja proclamada a esperança da saúde plena para o Continente e para toda a humanidade, que todos devemos nos comprometer a trabalhar com maior determinação ao serviço desta grande causa. Este comprometimento indica o como ou seja de que forma a África está a ser ajudada

²¹⁷ Cf. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/sick/index_po.htm.

²¹⁸ *Ibidem*.

²¹⁹ http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/sick/index_po.htm.

se muitos ainda hoje procuram explorar ao máximo os seus recursos (materiais e humanos), continuando a prejudica-la em vez de a fazer crescer e desenvolver.

Existe um princípio na minha língua que diz: “Nda walikuminhã otchipa, lolona vyatcho”, isto é, quem se predispõe a assumir a pele também de igual modo deve assumir as carraças. É a forma de carregar a cruz na sua totalidade, tudo isto, é motivo de sofrimento e tem razão o papa João Paulo II quando intitula a mensagem das jornadas mundiais do doente, celebradas em África em 2005 (Camarões): «Cristo, esperança para a África»²²⁰. Venha a nós Senhor, o vosso reino, iluminai com a vossa sabedoria a mente dos que procuram enganar de modo particular alguns governantes deste continente e dai-lhes o coração de carne.

Cristo é esperança para África, o consolador do povo que jaze nas trevas do sofrimento. É esta promessa que encontramos na página das Bem-Aventuranças, onde o Senhor proclama: «felizes os que choram porque serão consolados» (Mt 5,4). Neste aspeto, os africanos choraram e continuam a chorar demais. Vendo a situação tão dramática desse continente, o papa termina a sua mensagem com a oração à Virgem Imaculada pela África.

«Maria, Virgem Imaculada, Mulher do sofrimento e da esperança, sê bondosa com todas as pessoas que sofrem e obtém para cada uma a plenitude da vida. Dirigi o teu olhar materno sobretudo para quantos em África vivem na necessidade extrema, porque foram atingidos pela sida ou por outra doença mortal. Vela sobre as mães que choram os seus filhos; vela sobre os avós privados dos recursos suficientes para sustentar os netos que ficaram órfãos. Estreita todos ao teu coração de Mãe. Rainha da África e do mundo inteiro, Virgem Santíssima, reza por nós»²²¹! Durante o seu mandato foram realizadas XIII jornadas mundiais (I- 1993 e XIII- 2005).

Na sequência da realização das celebrações do XXII dia mundial do doente, o papa Francisco este Ano (2014), que tem como tema “Fé e caridade” disse-lhes: «Também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos» (1Jo 3,19). Dirigindo-se aos agentes da pastoral que

²²⁰ *Ibidem.*

²²¹ *Ibidem.*

lhes prestam assistência e aos próprios doentes em particular, referiu que a Igreja reconhece nos doentes a presença especial de Cristo sofredor. Afirmou que dentro do nosso sofrimento está o de Cristo que carrega connosco o seu peso e revela o seu sentido. O Filho de Deus não privou a experiência humana da doença nem do sofrimento mas, assumiu-os em si, transformou-os e reduziu-os. Reduzidos porque já não têm a última palavra, que é ao contrário a vida nova em plenitude; transformados porque em união com Cristo, de negativos podem tornar-se positivos.²²² Com a existência do sofrimento podemos cair no erro de pensar que a redenção operada por Cristo não foi completa. Não. Cristo operou a redenção completa e cabalmente mas não a fechou. A redenção operada por virtude do amor satisfatório, permanece constantemente aberta a todo o amor que se exprime no sofrimento humano. Cristo continua a abrir-Se sempre a todo o sofrimento e a todos os sofredores. É ali onde está a razão, pois que o sofrimento parece fazer parte da própria essência do sofrimento redentor de Cristo. A redenção continua a residir e a se desenvolver na história da humanidade. É algo dinâmico e não estático, sempre presente na história da humanidade.

Cristo na sua pregação procurou sempre lutar contra o mal, tratou e esforçou-se para curar os doentes de todo tipo de doença (Mc 6,5-6). Ele apresentou e continua apresentar-Se diante do doente como médico. Está ali a razão da administração do sacramento da Santa Unção aos enfermos, ou seja dos sacramentos de cura. E por compaixão acaba também por sofrer com os seus irmãos. Jesus não vê no doente, um castigado por Deus, mas um filho de Deus ofendido na sua dignidade de pessoa, então torna-Se o Seu próximo e toca-lhe.²²³ De muitos doentes por Ele curados podemos citar a título de exemplo alguns no Evangelho de S. Marcos: a cura do leproso (Mc 1,40); o possesso de Geresá (Mc 5, 19-20); a sogra de Simão (Mc 1,30); a cura de um paralítico (Mc 2,3-5); a cura de um possesso na sinagoga de

²²² Cf. http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/sick/documents/papafrancesco_20131206_giornata-malato_po.html.

²²³ Cf. Enzo BIANCHI - Luciano MANICARDI, *Ao lado do doente*, Editora Paulinas, S. Paulo, 2012, 50.

Cafarnaum (Mc 1,21-25); a cura da mão paralisada (Mc 3, 3-5); a cura da filha de Jairo e a mulher com fluxo de sangue (Mc 5,1-42).

Atualmente e com muita dedicação, a misericórdia de Jesus continua nos Evangelizadores e em todos os que encontram a ovelha perdida e ferida. É na misericórdia física, psíquica, moral e espiritual que é imprescindível a presença de pastores. A compaixão pelos que sofrem, a ajuda aos necessitados, a solicitude aos afastados e aos pecadores confere e exige uma ministerialidade específica. Pelo contrário, a frieza, a dureza e a intransigência constituem o lado negativo e um antitestemunho nada condizente.

A primeira atitude de misericórdia é *acolher* o irmão, seja qual for a sua condição: doença, raça, cultura (tribo) e religião. Para isso é necessário uma disposição interior de hospitalidade, de disponibilidade, de liberdade e de atenção ao outro. A segunda atitude é *transmitir* a vida, sentido, esperança e reconciliação. É poder dar uma mensagem, dar algo, dar uma lágrima de alegria, dar um pedaço do Evangelho. A terceira atitude é *praticar* a misericórdia no tratamento com todos os necessitados e os escutar nas suas calamidades.

Concluimos este título afirmando que «todo o sofrimento humano, em razão da sua união com Cristo no amor, completa o sofrimento de Cristo. Completa-o como a Igreja completa a obra redentora de Cristo»²²⁴. O sofrimento sendo um dos temas da Boa Nova de Cristo, isto é, do Evangelho do sofrimento, não significa a derrota, mas a revelação da força salvífica e do significado salvífico do sofrimento na missão de Cristo e da Igreja.²²⁵ Porém somos todos convidados a ter misericórdia na nossa evangelização, mas também a ser evangelizadores da misericórdia e da bondade de Deus.²²⁶ «Como o Apóstolo Paulo, também os enfermos podem dizer que completam em seu corpo o que falta à paixão de Cristo em benefício da igreja»²²⁷.

²²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº24.

²²⁵ Cf. *Ibidem*, nº25.

²²⁶ Cf. Adérito Gomes BARBOSA, *Jovens com Jesus Cristo*, Editorial Paulinas, 1996³, 59.

²²⁷ AA.VV., *Papa Wojtyła, que dizes de ...?*, Edições Salesianas, Porto, 1981, 185.

3. A doença da sida

A sida é uma doença recente e mais devastadora que a humanidade jamais conheceu. Ameaça a vida e é provocada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Foram identificadas duas estirpes do HIV: O HIV1 – que é o responsável pela maiorias dos casos de Sida e o HIV2 – que continua a ser cada vez mais encontrado no continente africano.²²⁸ O HIV/Sida é atualmente uma das primeiras causas do falecimento na África subsahariana. Em relação ao mundo inteiro esta doença é classificada em quarto lugar entre as mais mortíferas. Embora se tenha dito que essa doença é antiga, provavelmente enquanto estava ocultada por outras doenças infecciosas, ela é na realidade nova, porque foi só nos anos 70 que o Homem pela primeira vez teve poder dos meios conceituais e técnicos que permitiram identificar e isolar um retrovírus humano patógeno. É uma doença nova tanto para a África como para o resto do mundo. A partir deste momento marcou-se curiosamente o início da difusão da Sida.²²⁹

O HIV é transmitido de um indivíduo infetado ao outro por várias maneiras: através de contactos sexuais desprotegidos, o uso de agulhas contaminadas, por transfusão de sangue contaminado entre outras. Infelizmente para as crianças, estas podem ser infetadas antes do nascimento, durante o parto ou durante o aleitamento.

Manifestação da doença: a seguir à infeção pelo HIV, dentro de um período que varia de três semanas a três meses, alguns doentes desenvolvem um síndrome agudo e súbito semelhante à mononucleose, que pode perdurar mais catorze dias. Os sintomas incluem febre, sudorese, fadiga, dores musculares e articulares, cefaleias, dores de garganta, diarreia, eritema e adenopatias. Esta situação foi denominada de complexo relacionado com a sida (ARC).²³⁰ Neste momento não existe cura para a sida mas orientam-se alguns tratamentos para atenuar

²²⁸ Cf. AA.VV., *Anatomia e fisiologia*, Lisboa, 1997¹, 775.

²²⁹ Cf. André LUKAMBA, *O que não estão a dizer sobre a sida, centro de estudos teológicos*, Huambo, 2003, 13.

²³⁰ Cf. AA.VV., *Anatomia e fisiologia*, Lisboa, 1997¹, 775.

riscos graves. Assim o tratamento é dividido em duas categorias: «(1) tratamento das infeções secundárias ou neoplasias associadas a sida; e (2) tratamento da infeção por HIV, em si mesma»²³¹. No primeiro caso, isto é, no tratamento das infeções secundárias, utilizam-se alguns fármacos, como a pentamidina, o sulfametoxazole, retrovírus e o trimetoprim. No segundo caso utiliza-se um outro fármaco, a dideoxinosina que também pode evitar o HIV com eficácia comprovada. Uma outra abordagem utilizada tem a ver fundamentalmente com a produção de uma vacina que evite a doença, e nesse campo estão a ser investigadas diversas estratégias para o conseguir.

O vírus da imunodeficiência simiana (SIV), provoca um tipo de sida nos macacos. A vacina provocou uma pequena infeção que não causou doença mas induziu uma resposta imunitária em macacos rhesus. Uma vacina deste tipo poderia resultar no ser humano, mas existe um grande risco na utilização de HIV vivo, dando a possibilidade de não morrerem todos o vírus da vacina.²³² O risco de transmissão pode ser reduzido através da educação do público sobre as práticas sexuais seguras, a redução de número de parceiros sexuais, evitando o coito anal e preservativo. Não excluimos dar um alerta aos toxicodependentes o perigo do uso de agulhas contaminadas bem como a partilha de seringas.

Na mensagem das jornadas mundiais do doente de 2005, o papa João Paulo II referiu que «sem dúvida, são necessários recursos económicos para a investigação científica no âmbito da saúde e são ainda necessários outros recursos para tornar comerciáveis os remédios descobertos, mas perante imergências como a sida, a salvação da vida humana deve vir antes de qualquer outra avaliação»²³³. O n.º. 116 da exortação apostólica, *Ecclesia in África*, os Padres Sinodais preocupados com o trágico flagelo da sida, que tanto semeia sofrimento e morte em numerosas zonas da África, olhando pelas irresponsabilidades comportamentais sexualmente menos dignos que causam a difusão dessa doença, e não só, deixaram a seguinte

²³¹ Cf. *Ibidem*, 776.

²³² Cf. *Ibidem*, 776.

²³³ http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/sick/index_po.htm.

recomendação: «A amizade, a alegria, a felicidade, a paz que o matrimônio cristão e a felicidade proporcionam, bem como a segurança que a castidade oferece, devem ser continuamente apresentados aos fiéis, particularmente aos jovens»²³⁴. Ainda no mesmo número da exortação, os Padres manifestaram a preocupação de trabalhar na luta contra a sida e o papa aproveitou alertar os cientistas e os responsáveis políticos de todo o mundo, pedindo com muita insistência para o fim desse flagelo com urgência, sem olhar para as despesas na busca dos meios.²³⁵

Em 2009 durante o voo para os Camarões, a 17 de março, falando desta doença, sida, e a humanização da sexualidade, o papa Bento XVI, ao responder a pergunta que lhe foi dirigida pelo francês, Pe. Philippe Visseyrias, disse que não se pode superar o problema da sida só com o dinheiro, nem mesmo com a distribuição de preservativos, que pelo contrário aumentam o problema, é preciso que os africanos assumam a responsabilidade pessoal. Para ele, a solução pode resultar em primeiro lugar, numa humanização da sexualidade e num novo modo de se comportar, em segundo lugar, numa amizade verdadeira sobretudo com os doentes.²³⁶

É realmente aqui, que Jesus confiou à sua Igreja a missão de assistir e cuidar dos enfermos. Os cristãos são chamados, como indivíduos em que cada um deve sentir-se responsável na sua singularidade ao exercer o apostolado nas diversas circunstâncias de sua vida nessa missão.²³⁷

Com as orientações acima, dadas pelos Santos Padres, o papa João Paulo II e o papa Bento XVI, realmente tem se feito muito trabalho no combate dessa doença.

²³⁴ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica, «*Ecclesia in África*», Roma, 14 de setembro de 1995, nº116.

²³⁵ Cf. *Ibidem*, nº116.

²³⁶ Cf. BENTO XVI, *Luz do mundo, o papa, a igreja e os sinais dos tempos*, Principia Editora, Vaticano, 2010¹, 178.

²³⁷ Cf. Anísio BALDESSIN, *como organizar a pastoral da saúde*, Edições Loyola, São Paulo Brasil, 2007, 58.

4. Os martirizados por causa de Cristo

O martírio é o testemunho supremo prestado à verdade da fé; um testemunho que vai até a morte com todas as consequências possíveis. O mártir é aquele que sem medo nem reserva, dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, unindo-se a Ele na caridade. É aquele que dá testemunho heroicamente da verdade da fé e da doutrina cristã. É aquele que suporta a morte por um ato de fidelidade a Jesus Cristo.



(Figura 4: O massacre dos inocentes)

Os meninos da vila de Belém, massacrados pelo rei da Judeia, Herodes, conhecidos na Igreja como Santos Inocentes, também são considerados por muitos cristãos como primeiros mártires. O Evangelista Mateus descreve esse incidente como realização de uma passagem do Antigo Testamento, entendida como uma profecia de Jeremias. Onde Raquel no sepulcro dos seus filhos José e Benjamim, chora a tragédia dos seus descendentes. Não quer ser consolada porque eles já não existem (Jer 31,15). (Mt 2,16-18). O pranto de Raquel é aplicado à matança dos inocentes para manifestar que em Jesus se renova a história do povo de Deus. Assim, os Santos inocentes, portanto as crianças mortas em Belém, (Mt 2,16-18), embora não tenham sido batizadas na água, diz-se que receberam o Batismo de sangue porque foram mortas no lugar de Jesus. E a Igreja Católica reconhece como válido o chamado Batismo de sangue.²³⁸

²³⁸ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_Santos_Inocentes.

A paixão dos Apóstolos e discípulos primitivos

Nos primórdios da Igreja, o número dos mártires foi pequeno, pois que os Atos dos Apóstolos registam os martírios de S. Estêvão e S. Tiago. O número aumentou consideravelmente com as perseguições movidas pelos imperadores romanos a partir de Nero e sobretudo no tempo de Diocleciano.

Santo Estêvão, o primeiro mártir cristão por consciência, cuja memória afixada pela igreja logo a seguir ao dia da natividade de Jesus (26 de dezembro) justamente para sublinhar a ligação entre a encarnação e o martírio. Estêvão, primeiro Diácono foi também o primeiro mártir da igreja. Aceitou a sua morte como Jesus aceitou a Sua, isto no ano 36 da nossa era. De acordo com a Bíblia, Estêvão foi apedrejado (At 7,54-60), morreu orando e suas últimas palavras foram «Senhor Jesus, recebe o meu espírito»²³⁹ e fazia parte da primeira comunidade cristã de Jerusalém.

São Tiago Maior, é o protomártir entre os Apóstolos, irmão de João, pescador e natural de Betsaida. A pedido de Maria voltou para Jerusalém e, no ano 41, foi martirizado durante a perseguição do rei Herodes Agripa. Ainda de acordo com a tradição, o seu corpo sepultado em Jerusalém foi depois transferido pelos seus discípulos para a Galiza. Os seus restos mortais são venerados na catedral de Santiago de Compostela. Tiago junto com seu irmão João e com Pedro, fazia parte de uma tríade privilegiada dentro da comunidade dos Doze. Eles foram testemunhas de momentos singulares, que aos outros discípulos não foram concedidos. Eles acompanharam o Redentor em momentos gloriosos e também dolorosos. Contemplaram a *Transfiguração* no Monte Tabor, que ardentemente desejaram prolongar, e se não tivessem sucumbido ao sono, os três teriam testemunhado ainda a terrível agonia de Jesus no *Getsêmani*, porque eram os que estavam mais perto do Senhor naquela hora. Tiago estava presente quando Jesus devolveu milagrosamente a saúde à sogra de Pedro e ressuscitou

²³⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protom%C3%A1rtir>.

a filha de Jairo. Teve a graça de ver o Mestre, já Ressuscitado, na aparição às margens do lago de *Tiberíades*, e estava em Jerusalém no momento da vinda do Espírito Santo. O livro dos Atos dos Apóstolos nos informa que ele foi decapitado, a mando de Herodes Agripa I (At 2,2).

Simão Pedro foi príncipe dos apóstolos, cabeça visível da Igreja de Jesus Cristo, coluna imóvel da fé, segundo o concílio de Éfeso; pedra e base da religião como diz o calcedonense; vigário de Cristo na terra, cimento, diz Santo Agostinho, sobre que se fundou e sobre que assenta a Santa Igreja.

No momento da perseguição, o povo apercebeu-se que Nelo procurava razões para o matar e rogou insistentemente a Pedro que fugisse da cidade. O apóstolo aceitou mas ao chegar à porta da cidade, viu Jesus a ir ao seu encontro e perguntou: “Senhor aonde vais?” “Vou ser crucificado de novo”, disse Jesus. Então Pedro voltou para a cidade, dispôs-se para o martírio, compreendeu que era de seu sofrimento que o Senhor falava. Segundo Orígenes e S. Jerónimo queriam o crucificar ao modo ordinário mas o apóstolo pediu que fosse crucificado de cabeça para baixo por se julgar indigno de ser crucificado da mesma maneira que o Senhor²⁴⁰ (*sua Memória no dia 29 de Junho*).

Paulo de Tarso, apóstolo das gentes biblicamente falando, era judeu da tribo de Benjamim e chamava-se Saulo. Nasceu dois anos depois do nascimento de Jesus em Tarso, cidade da Cilícia. Autor de catorze epístolas. Foi preso na Ásia pelo fim do ano 66. Foi trazido acorrentado para Roma estando preso escreve à Timóteo dizendo. «Quanto a mim estou pronto para o sacrifício; e o tempo da minha partida já se aproxima. Combati um bom combate, terminei a minha carreira e guardei a fé. Já nada me resta senão receber a coroa da justiça que o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia, e não só a mim, mas também aqueles que desejam a sua vida» (2 Tim 4,6-8). Foi-lhe cortada a cabeça à entrada de Óstia na

²⁴⁰ Cf. José LEITE, *Santos de cada dia* II, maio, junho, julho e agosto, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2003, 247.

localidade chamada Tre Fontane²⁴¹. No prefácio encontramos a bela frase: «Agora associados na mesma coroa de glória, (Pedro e Paulo) recebem do povo fiel a mesma veneração» (*sua Memória em 29 de Junho*).

Embora castigados, maltratados e mortos, os cristãos sempre continuaram a dar o seu testemunho e a sua firmeza na fé. O testemunho dos mártires de ontem e de hoje coloca-nos numa evidência da qual, se o sofrimento material faz parte da experiência humana, para o crente ele é conatural por ser cristão e no seu testemunho de fé. O cristão sofre para provar com a sua vida o que afirma com palavras. Para Santo Inácio de Antioquia, «se não estamos dispostos a morrer com Cristo, para imitar a sua paixão, a sua vida não está em nós»²⁴². Pois que para o crescimento da Igreja é preciso o adubo e esse vem do sangue dos mártires (Tertuliano, um dos pais da Igreja). Nesta perspetiva da fé em Cristo, é importante sublinhar que não há parto sem dor nem nova vida sem morte, como também não há vitória sem combate, nem glória sem cruz.²⁴³ Assim quanto mais se proibia o cristianismo, muito mais as pessoas reconheciam a Cristo como Senhor Salvador, vindo com isso a morrer por causa da sua fé no arquimártir.²⁴⁴

Embora se registre sempre os mártires, na história da Igreja costa que o século XX teve o maior número. Muitos deles foram vítimas dos regimes políticos totalitários ateístas e de massacres de populações cristãs em conflitos étnico-religiosos.²⁴⁵ Ainda no mesmo século, encontramos muitos Sacerdotes que durante o seu ministério procuraram ajudar os cristãos que sofrem e são perseguidos, por fim deram a sua vida. Uns deram a vida por causa da fé, e outros na defesa da justiça, defenderam os mais pobres e fracos, e que de alguma forma se

²⁴¹ *Ibidem*, 252.

²⁴² Isidro LAMELAS, «Deus sofre nos seus amigos: os mártires», in *Communio, revista internacional católica*, nº6, 2003, 203.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, 504.

²⁴⁴ *Ibidem*, 505.

²⁴⁵ Cf. Manuel Franco FALCÃO, *Enciclopédia católica portuguesa*, Editora Paulinas, 2004¹, 314.

opuseram aos grandes e poderosos deste mundo ou simplesmente apanhados na onda de violência.²⁴⁶

O Bispo Arménio, Católico de Mardin, Mons Maloyan, homem de paz, acusado injustamente, foi preso e obrigado a fazer uma longa marcha com um grupo de cristãos. E para ser salvo fizeram-lhe a proposta de renunciar a fé. Humildemente respondeu que: «Nós morremos, mas morremos por Jesus»²⁴⁷. Morreu mártir com os seus fiéis em 1915 (*mártir da fé*).

Os cristãos cheios de coragem, deram um testemunho de uma Igreja que não teme as duas últimas bem-aventuranças do Evangelho de S. Mateus. «Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados sereis quando vos maltratarem, vos perseguirem e disserem contra vós toda a espécie de mentiras por minha causa. Alegrai-vos e regozijais-vos, porque a vossa recompensa será grande nos Céus» (Mt 5,10-11).

Cristo diante de Pilatos, proclamou que veio ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18,37). Por isso, o cristão não tem que se envergonhar de dar testemunho do Senhor (2Tm 1,8). Secundo o Concílio Vaticano II, «todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o Homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos de tal modo que os demais Homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam mais plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana»²⁴⁸.

À luz do ensinamento do Concílio Vaticano II, hei-nos aqui uma lição referente ao martírio de S. Cipriano. Quando S. Cipriano foi preso, o pretor interrogou-o em frente da multidão. Tu és Thascius Cyprianus? Respondeu: – “Sou eu”. “Olha os santos imperadores

²⁴⁶ Cf. John PONTIFIFEX - John NEWTON, *Sacerdotes heroicos, testemunhos de fé no séc, XXI*, Edição, Fundação AIS, 2010, 83.

²⁴⁷ François Xavier Nguyen Van THUAN, *Testemunhas da esperança, exercícios espirituais da cúria Romana com a presença de S. S. João Paulo II*, Gráfica de Coimbra, 2000, 126.

²⁴⁸ CONCÍLIO ECUMÁNICO VATICANO II, Atividade Missionária da Igreja, *Ad Gentes*, nº11.

ordenam-te que sacrifiques”. – Respondeu Cipriano: “Não o faço, pois que numa coisa não justa não há necessidade de nenhuma reflexão”. Thascius Cyprianus serás condenado à morte pela espada”. – Respondeu S. Cipriano: “Graças à Deus”. A escolha de Cipriano atuou como uma força magnética, levando os seus fiéis a seguirem-no, como uma só pessoa, ao lugar do martírio.²⁴⁹

Para nós cristãos do século XXI, a lição anterior é um exemplo a seguir e escolher. O heroísmo dos mártires tem vindo aceite todos os dias numa vida plena de amor, de mansidão e de fidelidade de várias formas. Escrevia Isaac o Sírio: «Deixa-te perseguir, mas tu não persigas. Deixa-te crucificar, mas tu não crucifiques. Deixa-te ultrajar mas tu não ultrajes»²⁵⁰.

Não quero deixar de parte o trabalho que as nossas irmãs consagradas têm feito, o sofrimento que têm suportado para salvar a vida das pessoas. Em 1995, seis Irmãs morreram durante a epidemia do Ébola no Congo (África) por contágio com pessoas infetadas. As Irmãs apresentaram-se no local para tratar os doentes. Depois vieram outras para ajudar, infelizmente todas morreram tendo sobrado apenas a Irmã Dinarosa Belleri. A essa perguntaram se não tinha medo de estar sempre no meio daqueles doentes. Ela respondeu: «A minha missão é servir os pobres. O que fez o meu fundador? Eu estou aqui para seguir os seus passos. O Pai eterno vai-me ajudar»²⁵¹. O amor pelos pobres vale mais do que salvar-se a si mesmo. Os missionários não abandonaram as suas comunidades no momento do perigo e tombaram, enquanto os outros estrangeiros partiam. O medo não fez desaparecer o amor (*mártires do amor*).

O papa João Paulo II também no dia 13 de maio de 1981, sofreu um grande atentado na praça de S. Pedro, durante uma audiência geral. Foi um evento dramático e único na história do pontificado romano do séc. XX, um ato realizado não por um louco isolado, mas por alguém de quem atrás se perfilam cenários obscuros. São visíveis os sinais que nos levam

²⁴⁹ Cf. François Xavier Nguyen Van THUAN, *Testemunhas da esperança, exercícios espirituais da cúria Romana com a presença de S. S. João Paulo II*, Gráfica de Coimbra, 2000, 58.

²⁵⁰ *Ibidem*, 127.

²⁵¹ *Ibidem*, 126.

a interpretar as causas desse atentado. Dez dias antes do atentado, Gianni Baget Bozzo, um pensador católico original, criticou o apelo do papa Wojtyla contra o aborto lançado a partir de Sotto il Monte a terra natal de João XXIII.²⁵² Na mesma linha da oposição ao papa, está o vaticanista britânico Peter Nichols, tendo afirmado que o papa mesmo que tente se apresentar como uma personalidade internacional, não compreende o mundo.²⁵³ Foi impressionante para o papa o assassinio de Vittorio Bachelet, efetuado pelas brigadas vermelhas dentro da universidade de Roma. O Santo Padre sentia a vida da Igreja mergulhada num período difícil, senão mesmo dramático.

Na linha das perseguições ao papa estão inclusivamente até os serviços italianos de inteligência. Consta no relatório de 1990 do Cesis, o órgão de coordenação da inteligência italiana que, «o KBG preparou um plano para desacreditar o papa com ações de espionagem no Vaticano, de desinformação e outras coisas, prevendo se necessário um atentado.²⁵⁴ O texto continua afirmando que os serviços do leste ativaram operações de espionagem no Vaticano posicionando as microcâmaras espias numa estátua de Nossa Senhora em direção ao gabinete do cardeal Casaroli.²⁵⁵ Os anos passam pelas pessoas e elas continuam na mesma. Infelizmente ainda hoje o mesmo problema do aborto continua a ser colocado e a igreja tem estado firme na defesa da vida humana, antes e depois do nascimento. O papa chegou mesmo ao ponto de dizer que «a Igreja encontra-se num período de perseguição tal que não é inferior à dos primeiros séculos, antes até a supera pelo grau de crueldade e do ódio. *Sanguis martyrum – semen christianorum*. E, além disso, muitas pessoas desaparecem inocentemente, mesmo nestes países em que vivemos»²⁵⁶.

O Espírito Santo foi inspirando e guiando os passos do vigário de Cristo, com as suas próprias palavras profetiza seis meses antes o seu atentado, numa das suas visitas em Fulda, Alemanha, pelo que passo na íntegra o texto. «Devemos estar prontos para as grandes

²⁵² Cf. Andrea RICCARDI, *João Paulo II, Biografia*, Editora Paulinas, 2011, 207.

²⁵³ Cf. *Ibidem*, 208.

²⁵⁴ *Ibidem*, 210.

²⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 211.

²⁵⁶ *Ibidem*, 211.

provações próximas, que até poderão exigir o sacrifício da nossa vida. As provas poderão ser reduzidas com a vossa e a nossa oração, mas não poderão ser evitadas, porque só deste modo pode acontecer uma verdadeira renovação. Sejamos fortes e preparemo-nos, confiando em Cristo e em Sua Mãe»²⁵⁷.

5. O sofrimento de Maria do nascimento à morte de Jesus

A Mãe do Menino Jesus começa a sofrer logo após o nascimento do Filho. Foi exatamente nestes dias que o imperador romano César Augusto decretou o registo dos bebés do sexo masculino. O Anjo do Senhor anuncia à José dizendo: «Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe e fuge para o Egipto e fica lá até que eu te diga, pois Herodes vai procurar o Menino para O matar» (Mt 2,13). Deixaram Nazaré, percorreram difícil e longa distância através do deserto, sujeitaram-se a viver entre pagãos e enfrentaram as maiores dificuldades e carências.

Depois de ter passado quarenta dias, em obediência à lei de Moisés (Ex 13,11-13), a Virgem Maria e José levaram o Menino Jesus ao templo com finalidade de O apresentar ao Senhor. No mesmo instante, de Jerusalém veio o Velho Simeão movido pelo Espírito Santo. Simeão recebeu o Menino em seus braços e bendisse a Deus exclamando: «Agora senhor segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a vossa salvação, que pusestes ao alcance de todos os povos» (Lc 2,29-32). Depois de manifestar a sua alegria, dirigiu-se à Maria e disse: «Este Menino foi estabelecido para que muitos caiam ou se levantem em Israel e para ser sinal de contradição, uma espada trespassará a tua alma (Lc 2,33-36). A apresentação revestiu-se de dois mistérios: *gozoso e doloroso*. A apresentação do Menino no templo, de modo muito particular a profecia de Simão (*portadora de esperança*), indica-nos a revelação de um outro momento da vivência do mistério do

²⁵⁷ *Ibidem*, 211.

sofrimento para a Virgem Maria, que atingirá o seu ponto culminante no Calvário, quando Jesus oferecer a Sua vida e o Seu sangue, como preço da nossa redenção.

Aquilo que o Velho Simeão diz, representa-se como uma segunda anunciação à Maria, uma vez que indica a dimensão histórica concreta em que o Filho realizará a Sua missão, ou seja, na incompreensão e na dor. Se este outro anúncio confirma a sua fé no cumprimento das promessas divinas da salvação, também lhe revela que ela terá que viver a sua obediência de fé no sofrimento, ao lado do Salvador que sofre, e que a sua maternidade será obscura e marcada pela dor.²⁵⁸

O papa João Paulo II na *SD*, sublinha a presença notória de Maria santíssima ao lado de Cristo sempre em primeiríssimo lugar dando com toda a sua vida o testemunho exemplar do Evangelho específico do sofrimento. «A sua subida ao Calvário e aquele seu estar aos pés da Cruz com o discípulo amado foi participação muito especial na morte redentora do Filho»²⁵⁹. A Mãe de Jesus na qualidade de testemunha da paixão pela sua presença, participante pela sua compaixão, ofereceu um grande contributo no Evangelho do sofrimento. Viveu o que S. Paulo afirma no princípio da *Salvifici Doloris*. «Ela tem títulos especialíssimos para poder afirmar que completa na sua carne – como igualmente no seu coração – aquilo que falta nos sofrimentos de Cristo»²⁶⁰.

Cristo convida a todos e não esconde a necessidade do sofrimento, faz deste a condição para o seguir. «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia a pós dia, e siga-Me» (Lc 9,23). Seguir Cristo com o sofrimento significa ir a busca da revelação da força salvífica e do significado salvífico do mesmo.²⁶¹ Para os mártires cristãos, sofrer em e por Cristo não é uma escolha mas um dom, não uma opção mas o fruto de uma sementeira onde alguns frutificam cem por cem (Mt 13,8).

²⁵⁸ Cf. http://www.franciscanos.org.br/?page_id=5516.

²⁵⁹ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°25.

²⁶⁰ *Ibidem*, n°25.

²⁶¹ Cf. *Ibidem*, n°25.

Finalmente, o testemunho dos mártires não é outra coisa senão a consumação deste estar com e em Cristo.²⁶²

6. A universalidade da salvação

A salvação é um dom de Deus e consiste em crer e acolher o mistério do Pai e do Seu amor, que se manifesta e se oferece em Jesus, por meio do Espírito.

O Antigo Testamento atesta que Deus escolheu para Si e formou um povo, para revelar e cumprir o seu plano de amor. Ao longo da história o povo de Israel toma consciência que a sua eleição tem um significado universal. No monte do templo do Senhor acorrerão todas as gentes, virão muitos povos e dirão: «Vinde, subamos a montanha do Senhor à casa do Deus de Jacob, Ele nos ensinará os seus caminhos e nós andaremos pelas suas veredas (Is 2,2-3). Em nome do Senhor todas as nações se reunirão e não voltarão a ir atrás da maldade do seu perverso coração (Jr 3,17).

No Novo Testamento encontramos o imperativo no último capítulo do Evangelho de S. Mateus, «ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19). «Quem acreditar e for batizado será salvo, mas quem não acreditar será condenado» (Mc 16,16). A missão dos discípulos nasce basicamente nestes capítulos e versículos, é o mandato de Jesus Cristo e se realiza através dos séculos, com a proclamação do mistério de Deus, Filho e Espírito Santo, como acontecimento de salvação para toda a humanidade na sua universalidade. É assim que rezamos no credo - e por nós Homens, e para a nossa salvação desceu dos céus e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem.

Os testemunhos neo-testamentários afirmam claramente que o pai enviou o Seu Filho como salvador do mundo (1Jo 4,14), Ele é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo

²⁶² Cf. Isidro Pereira LAMELAS, «Deus sofre nos seus amigos: os mártires», in *Communio, revista Internacional católica*, nº6, 2003, 504.

1,29). Pedro no seu discurso para justificar a cura do aleijado desde o nascimento proclama que: não há salvação em nenhum outro «pois não existe debaixo do céu outro nome dado aos Homens, pelo qual tenhamos de ser salvos» (At 4,12). O Apóstolo João afirma: Deus amou de tal maneira o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o Homem que acredita n'Ele não se pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para este ser salvo por Seu intermédio (Jo 3,16-17).

No Novo Testamento, a vontade salvífica universal de Deus está estreitamente ligada à única mediação de Cristo: Deus quer que todos os humanos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois que Deus é um só, e um só também o Mediador entre Deus e os Homens. Esse Mediador é Jesus Cristo, que Se entregou à morte para resgatar a todos (1Tm 2,4-6).

Na carta encíclica, *Redemptoris Missio*, o papa João Paulo II dedica todo o primeiro capítulo a Jesus Cristo, como o único salvador. A encíclica missionária, procura acentuar o anúncio constante da Igreja, como única e universal mediação de Cristo. Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os Homens. Estes não podem entrar em comunhão com Deus, se não por meio de Cristo, sob a acção do Espírito Santo. Esta única e universal mediação, longe de ser um obstáculo no caminho para Deus, é a vida estabelecida pelo próprio Deus.²⁶³ A encíclica opõe-se sobretudo a posição pluralista e relativista que entendem atribuir o mesmo grau potencial e o mesmo valor salvífico a todas as mediações religiosas, sem reconhecer Jesus Cristo como o valor mais soteriológico. Ainda na mesma encíclica, depois do Concílio ter afirmado que a solução da problemática humana focaliza-se na dimensão central do Mistério Pascal, declarou que: «Na verdade, se Cristo morreu por todos e a vocação última do ser humano é realmente uma só, isto é, a divina, nós devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados no

²⁶³ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica «Redemptoris Missio», Missão de Cristo Redentor*, Roma, 7 de dezembro de 1990, n°5.

Mistério Pascal»²⁶⁴. Com as encíclicas morais *Veritatis Splendor* (6 de Agosto de 1993) e a *Evangelium Vitae* (25 de Março de 1995), o papa continua a sua linha cristológica, reconhecendo o valor moral à sua fonte na pessoa de Jesus Cristo, verdade e vida. A carta apostólica, às *Portas do Terceiro Milénio*, vive desta centralidade: «Cristo é o único mediador entre Deus e os Homens; é o Senhor da história; e é o Senhor do tempo»²⁶⁵. É por isso que o papa deu ao jubileu (1997-2000), uma estrutura cristocêntrica-trinitária, dedicada à reflexão sobre Cristo, Verbo do Pai, feito homem, por obra do Espírito Santo. O jubileu celebrou a encarnação do Filho de Deus, mistério da salvação para todo o género humano. Os anos de (1994-1996) referem-se à primeira parte, e a segunda fase destaca o ano de 1997 para Jesus Cristo, 1998 para o Espírito Santo e o de 1999 foi dedicado ao Pai.²⁶⁶

A Igreja acredita que Cristo, morto e ressuscitado por todos oferece à humanidade, pelo Seu Espírito, luz e força que Lhe permite corresponder à sua última vocação. Ela acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e Mestre.²⁶⁷

Desta forma a consciência da fé não consiste apenas em acolher o Reino de Deus, a mensagem e as obras de Cristo, mas acolher a pessoa, o próprio Cristo verbo de Deus feito homem. Ele que tem para o género humano e para a história da humanidade o significado e o valor singular e único. O Concílio Vaticano II nesta perspectiva, ensina que o Verbo de Deus, por quem todas as coisas foram feitas, encarnou como homem perfeito, a fim de salvar a todos e recapitular todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para o qual tendem os desejos da história e da civilização. É aquele a quem o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou a sua direita, constituindo-O juiz dos vivos e dos mortos.²⁶⁸ A sua ressurreição não é algo do passado mas contém uma força sem igual, que penetrou no mundo ontem, hoje e vai

²⁶⁴ *Ibidem*, nº10.

²⁶⁵ Adérito Gomes BARBOSA, *Jovens com Jesus Cristo*, Editorial Paulinas, 1996³, 24.

²⁶⁶ *Ibidem*, 24.

²⁶⁷ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATIVANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual, *Gaudium et spes*, nº10.

²⁶⁸ Cf. *Ibidem*, nº22.

penetrar sempre. As vezes quando mergulhamos na dor, nos esquecemos deste valor absoluto (ressurreição). Da voz do papa Francisco vem o seguinte conselho: «Muitas vezes parece que Deus não existe. Vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que mais cedo ou mais tarde, produz fruto»²⁶⁹.

Finalmente, é esta singularidade única de Cristo que Lhe confere um significado absoluto e universal, pelo qual, enquanto nesta história, é o centro e fim: « o Alfa e Omega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim»(Ap 22,13).

Felizes os que lavam as suas vestes, para terem direito a árvore da vida e poderem entrar pelas portas da cidade. Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os impúdicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira» (Ap 22,14-15).

²⁶⁹ Papa FRANCISCO, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, Roma, 24 de novembro de 2013, n°276.

CONCLUSÃO

No final deste percurso dado ao longo dos três capítulos do nosso trabalho, hei-nos aqui cheios de alegria e esperança porque encontramos a resposta do sentido do sofrimento humano.

O sofrimento tem o duplo sentido: é verdadeiramente sobrenatural e simultaneamente humano. Por um lado é sobrenatural, porque radica no mistério divino da redenção do mundo. Por outro lado é profundamente humano, porque nele a pessoa se aceita a si mesma, com a sua humanidade, dignidade e missão.²⁷⁰ Continua a ser um mistério, uma realidade intangível aos olhos do ser humano. Usando aqui a linguagem do Concílio Vaticano II o exprime desta forma: «na realidade, o mistério do Homem só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente»²⁷¹. Jesus Cristo com a sua morte e ressurreição, por amor do ser humano constitui a resposta e solução da problemática humana. Ao oferecer aos Homens o Seu Espírito, a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação entrega-se a Si mesmo, como alimento de vida eterna. É Ele o Messias, o esperado; não foi dado a humanidade sob o Céu outro nome no qual deve ser salva. Cristo é a chave, o centro e o fim de toda a história humana.²⁷² Ele assumiu sobre Si o sofrimento físico e moral do ser humano, para que encontre no amor o sentido salvífico do próprio sofrimento e respostas válidas a todas as suas interrogações.

Com a solução encontrada, tem sentido concordar com as palavras do Apóstolo Paulo no princípio da *Salvifici Doloris* quando dizia: «completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, que é a Igreja e alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa

²⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*», *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, nº31.

²⁷¹ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual, *Gaudium et spes*, nº22.

²⁷² Cf. *Ibidem*, nº10.

causa»²⁷³. O Apóstolo sente a alegria porque descobriu o sentido do sofrimento no próprio sofrimento. É um sofrimento iluminado pela palavra de Deus para a salvação de todos.

Para afirmar a universalidade do sofrimento e total presença na vida e na história da humanidade, o papa João Paulo II, dizia: «trata-se de um tema universal, que acompanha o Homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre»²⁷⁴. Da mesma forma que não podemos separar o sofrimento no Homem, também a graça nos foi dada na sua universalidade sem fronteiras. Afirma claramente que o pai enviou o Seu Filho como salvador do mundo (1Jo 4,14); Ele é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29). Para nós que hoje também nos detemos junto de todas as cruzes, invocando os Santos que no decorrer dos séculos foram de modo especial participantes nos sofrimentos de Cristo, peçamos à Maria Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, que nos proteja e nos ampare.²⁷⁵

²⁷³ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Salvifici Doloris*» *sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, 11 de fevereiro de 1984, n°1.

²⁷⁴ *Ibidem*, n°2.

²⁷⁵ Cf. *Ibidem*, n°31.

ANEXO

Em anexo aís aqui as inúmeras viagens apostólica do papa João Paulo II. Em todos os tempos foi o Papa que mais países visitou para levar a sua mensagem. Quebrou um costume secular dos Papas de não se deslocarem do Vaticano ou de fazê-lo pouquíssimas vezes apenas em circunstâncias especiais ou excepcionais.

no	Dia/Mês	Local(is)	Observações
1979	25/1 a 1/2	República Dominicana (Santo Domingo) , México e Bahamas	
	2/6 a 10/6	Polónia	Em Varsóvia , perante centenas de milhar de fiéis, desafia as autoridades comunistas, ao exortar: “Não excluam Cristo da História!”
	29/9 a 8/10	Irlanda , Estados Unidos e Brasil (Rio de Janeiro)	
	28/11 a 30/11	Turquia	
1980	2/5 a 12/5	Zaire , República do Congo , Quénia , Gana , Alto Volta e Costa do Marfim	
	30/5 a 2/6	França	
	30/6 a 12/7	Brasil	Em 5 de julho esteve em Curitiba .
	15/11 a	Alemanha Ocidental	

	19/11		
198 1	16/2 a 27/2	Paquistão , Filipinas , Japão , e Guam e Anchorage(EUA)	
198 2	12/2 a 19/2	Nigéria , Benim , Gabão e Guiné Equatorial	
	12/5 a 15/5	Fátima (Portugal)	A 13 de Maio, na Capelinha das Aparições , em Fátima, diante da imagem de Nossa Senhora, agradece à Virgem a ‘mão maternal que desviou a bala’ no atentado da Praça de São Pedro , e recita o Acto de Consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria. Na noite desse dia, quando se prepara para abençoar os milhares de peregrinos que enchem o Santuário, escapa a uma nova tentativa de atentado por parte do padre espanhol Krohn.
	28/5 a 2/6	Grã-Bretanha	Intervenção junto à Rainha Elizabeth II em busca da solução para a Paz com a Argentina, por conta da disputa das Ilhas Malvinas.
	10/6 a 13/6	Argentina	Intervenção junto ao Governo Argentino em busca da solução para a paz com o Reino Unido da Grã-Bretanha, por conta da disputa das Ilhas Malvinas. Após as visitas, ambos os países

			anunciaram a interrupção do conflito armado e iniciaram as tratativas de paz. Durante a viagem a Argentina, fez escala no Brasil, tendo, inclusive, falado aos brasileiros.
	15/6	Genebra (Suíça)	
	29/8	São Marino e Rimini (Itália)	
	31/10 a 9/11	Espanha	
198 3	2/3 a 10/3	Passa por Lisboa, Portugal , a caminho da Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma , e segue para a Costa Rica , Nicarágua , Panamá , El Salvador , Guatemala , Honduras , Belize e Haiti .	
	16/6 a 23/6	Polónia	
	14/8 a 15/8	Santuário de Nossa Senhora de Lourdes (França)	
	10/9 a 13/9	Áustria	
198 4	2/5 a 12/5	Coreia do Sul , Papua-Nova Guiné , Ilhas Salomão , e Tailândia	Em Seul , beatifica 103 mártires coreanos.
	12/6 a 17/6	Suíça	
	9/9 a 20/9	Canadá	

	10/10 a 13/10	Saragoça (Espanha) , Santo Domingo (República Dominicana) e São João (Costa Rica)	
198 5	26/1 a 06/2	Venezuela , Equador , Peru e Trinidad e Tobago	
	11/5 a 21/5	Países Baixos/Holanda , Bélgica e Luxemburgo	
	08/8 a 19/8	Togo , Costa do Marfim , Camarões , República Centro-Africana , Zaire , Quênia e Marrocos	
	08/9	Kloten (Suíça) e Liechtenstein	
198 6	31/1 a 10/2	Índia	A 4 de Fevereiro, encontra-se com Madre Teresa de Calcutá .
	1/7 a 8/7	Colômbia e Santa Lúcia	
	4/10 a 7/10	França	
	18/11 a 1/12	Bangladesh , Singapura , Fiji , Nova Zelândia , Austrália e Seychelles	
198 7	31/3 a 13/4	Uruguai , Chile e Argentina	
	30/4 a 4/5	Alemanha Federal	
	8/6 a 14/6	Polónia	

	10/9 a 21/9	Estados Unidos da América e Forte Simpson (Canadá)	
198 8	7/5 a 19/5	Uruguai , Bolívia , Paraguai e Lima (Peru)	
	23/6 a 27/6	Áustria	
	10/9 a 20/9	Zimbabué , Botswana , Lesoto , Suazilândia e Moçambique	
	8/10 a 11/10	Cidades de Estrasburgo , Metz e Nancy (França)	
198 9	28/4 a 6/5	Madagáscar , Ilhas Reunião , Zâmbia e Malawi	
	1/6 a 10/6	Noruega , Islândia , Finlândia , Dinamarca e Suécia	
	19/8 a 21/8	Santiago de Compostela e Região das Astúrias (Espanha)	
	6/10 a 10/10	Seul (Coreia do Sul), Indonésia , Maurícia e Timor-Leste	
199 0	25/1 a 1/2	Cabo Verde , Guiné-Bissau , Mali , Burkina Faso e Chade	
	21/4 a 22/4	Checoslováquia	
	6/5 a 14/5	México e Curaçao	

	25/5 a 27/5	Malta	
	1/9 a 10/9	Tanzânia , Burundi , Ruanda e Yamoussoukro	
199 1	10/5 a 13/5	Fátima , Portugal , como ‘peregrino de Fátima’	
	1/6 a 9/6	Polónia	
	13/8 a 20/8	Polónia e Hungria	
	12/10 e 21/10	Brasil	2ª Visita ao Brasil
199 2	19/2 a 26/2	Senegal , Gâmbia , e Guiné	Na ilha de Goré , Senegal, visita a Casa dos Escravos e pede perdão por erros praticados por outros: a escravatura e o tráfico de negros africanos.
	4/6 a 10/6	Angola e São Tomé e Príncipe	
	9/10 a 14/10	Santo Domingo (República Dominicana)	
199 3	3/2 a 10/2	Benim , Uganda e Sudão	
	25/4	Albânia	

	12/6 a 17/6	Espanha	
	9/8 a 16/8	Jamaica , Mérida (México) e Denver (EUA)	
	4/9 a 10/9	Lituânia , Letónia e Estónia	
199 4	10/9 a 11/9	Zagreb , (Croácia)	
199 5	12/1 a 21/1	Manila (Filipinas) , Port Moresby (Papua-Nova Guiné) , Sydney (Austrália) e Colombo (Sri Lanka)	Em Colombo canoniza três mártires.
	20/5 a 22/5	República Checa	Na República Checa beatifica Jan Sarkander e Zdislava di Lemberk .
	3/6 a 4/6	Bélgica	Na Bélgica, beatifica o padre Damiaan de Veuster .
	30/6 a 3/7	Eslováquia	Na Eslováquia, canoniza os mártires de Kosice (1619), Marko da Krizevci , Stefano Pongracz e Melchiorre Grodziecki .
	14/9 a 20/9	Yaoundé (Camarões) , Joanesburgo e Pretória(África do Sul) e Nairobi (Quénia)	No dia 14, em Yaoundé, torna pública a Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Africa</i> ("A Igreja de África").
	4/10 a	Sede da ONU (Organização das Nações Unidas) e as dioceses de Newark , Nova	

	9/10	Iorque, Brooklyn e Baltimore	
1996	5/2 a 12/2	Guatemala, Nicarágua, El Salvador e Venezuela	
	14/4	Tunísia	
	17/5 a 19/5	Eslovénia	
	21/6 a 23/6	Alemanha	Pronuncia um discurso histórico no Portão de Brandemburgo (Berlim) .
	6/9 a 7/9	Hungria	
	19/9 a 22/9	França	
1997	12/4 a 13/4	Sarajevo (Bósnia e Herzegovina)	
	25/4 a 27/4	República Checa	
	10/5 a 11/5	Beirute (Líbano)	Em Beirute, dá a conhecer a Exortação Apostólica "Uma esperança nova para o Líbano".
	31/5 a 10/6	Polónia	Na Polónia, canoniza a rainha polaca Edviges , falecida em 1243.
	21/8 a	França	

	24/8		
	2/10 a 6/10	Brasil	No Rio de Janeiro , celebra o II Encontro Mundial da Família. É a última visita do Pontífice ao Brasil.
1998	21/1 a 26/1	Cuba	Com celebrações em Havana , Santa Clara , Camagüey e Santiago de Cuba .
	21/3 a 23/3	Nigéria	Na Nigéria, beatifica o sacerdote nigeriano Cyprian Michael Iwene Tansi pelo seu exemplo de fé.
	19/6 a 21/6	Áustria	
	2/10 a 4/10	Croácia	Na Croácia, beatifica o Cardeal Alojzije Stepinac , vítima de perseguição comunista.
1999	22/1 a 28/1	Cidade do México e Saint Louis (EUA)	No dia 23, na celebração litúrgica realizada na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe , entrega aos bispos da América a Exortação Apostólica <i>Ecclesia in América</i> ("A Igreja na América").
	7/5 a 9/5	Roménia	

	5/6 a 17/6	Polónia	No dia 17, consagra a Igreja e toda a Polónia à Virgem Negra de Częstochowa .
	19/9	Eslovénia	
	5/11 a 9/11	Nova Deli (Índia) e Geórgia	Em Nova Deli, preside ao encerramento da Assembleia Especial para a Ásia do Sínodo dos Bispos. No dia 6, na Catedral do Sagrado Coração , assina a Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Asia</i> ("A Igreja na Ásia").
2000	24/2 a 26/2	Monte Sinai , no Egipto	Onde Moisés teria recebido de Deus os Dez Mandamentos .
	20/3 a 26/3	Terra Santa , em Israel	
	12/5 a 13/5	Fátima (Portugal)	Beatifica os pastorinhos Francisco Marto e Jacinta Marto em Fátima.
2001	4/5 a 9/5	Grécia , Síria e Malta	“nas pegadas do apóstolo São Paulo ”.
	23/6 a 27/6	Ucrânia	
	22/9 a 27/9	Cazaquistão e Arménia	

200 2	22/5 a 26/5	<u>Azerbaijão e Bulgária</u>	
	23/7 a 1/8	<u>Canadá, Guatemala e México</u>	
	16/8 a 19/8	<u>Polónia</u>	
200 3	3/5 a 4/5	<u>Espanha</u>	Em Espanha, canoniza os religiosos <u>Pedro Poveda</u> , <u>José Maria Rubío</u> , <u>Genoveva Torres</u> , <u>Ângela da Cruz</u> e <u>Maria Maravillas</u> .
	5/6	<u>Croácia</u>	
	22/6	<u>Bósnia e Herzegovina</u>	
	11/9 a 14/9	<u>Eslováquia</u>	
200 4	5/6 a 6/6	<u>Berna (Suíça)</u>	
	14/8 a 15/8	Santuário de <u>Lourdes (França)</u>	

276

²⁷⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Viagens_apost%C3%B3licas_de_Jo%C3%A3o_Paulo_II.

BIBLIOGRAFIA

1) Documentos do Magistério

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica, «*Salvifici Doloris*», *Sentido cristão do sofrimento humano*, Roma, (11 de fevereiro, 1984) AAS 76 (Março1,1984).

_____, Carta Encíclica, «*Redemptor Hominis*», *O Redentor do Homem*, Roma, (4 Março 1979) AAS 71 (1979).

_____, Carta Encíclica, «*Laborem Exercens*», o trabalho humano, Castel Gandolfo, (14 de setembro de 1981) AAS 73 (14-9-1981)

_____, Carta Encíclica, *Rico em Misericórdia*, «*Dives in misericordia*», Roma, (30 de novembro de 1980) AAS 72 (12-12-1980).

_____, Carta Encíclica, «*Redemptoris Mater*», *Mãe do Redentor*, Roma, (25 de março de 1987) AAS 79 (1987).

_____, Exortação Apostólica, «*Christifideles Laici*», *Vocação e Missão dos leigos na Igreja e no mundo*, Roma, (30 de dezembro de 1988) AAS 81 (1989).

_____, Carta Encíclica, «*Redemptoris Missio*», *Missão de Cristo Redentor*, Roma, (7 de dezembro de 1990) AAS 83 (1991).

_____, Exortação Apostólica «*Pastores Dabo Vobis*», *Os Sacerdotes no mundo atual*, Roma, (25 de março de 1992) AAS 84 (1992).

_____, Carta Encíclica «*Veritatis Splendor*», *O Esplendor da Verdade*, Roma, (6 de agosto de 1993) AAS 85 (19-12-1993).

_____, Exortação Apostólica pós-sinodal, «*Ecclesia in África*», 1995) AAS 88 (1996).

_____, Carta Apostólica, «*Novo Millennio Ineunte*», *À entrada do novo milénio*, Vaticano, (6 de janeiro de 2001) AAS 93 (2001).

_____, *Diálogo com os Homens*, Edições 70, 1990

BENTO XVI, Carta Encíclica, «*Deus Caritas est*», *Deus é Amor*, Roma, (25 de dezembro de 2005) AAS 98 (2006).

_____, Carta Encíclica, «*Spe Salvi*» *Salvos na esperança*, Roma, (30 de novembro de 2007) AAS 99 (2007).

_____, Exortação Apostólica pós-sinodal, *Compromisso da África*, Benim, (19 de novembro de 2011).

Papa FRANCISCO, Exortação Apostólica, «*Evangelii Gaudium*» *Alegria do Evangelho*, 24 de novembro de 2013.

_____, *O verdadeiro poder é servir*, Braga, 2013¹.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, COIMBRA, 1993.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituições, Decretos e Declarações, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1987¹⁰.

MISSAL ROMANO, Gráfica de Coimbra, 1992.

2) Geral

AA.VV., *Papa Wojtyla, que dizes de ...?*, Edições Salesianas, Porto, 1981.

AA.VV., *Brotéria, Cristianismo e Cultura*, 3 vol.160, 2005.

AA.VV., *A Dor e o Sofrimento, Campo das Letras – Editores, S.A.*, 2001.

AA.VV., *Communio, Revista Internacional Católica*, 2003.

AA.VV., *Celebração Litúrgica, Revista de Liturgia e Pastoral, nº4, Tempo comum*, Edições Licel Braga, Ano C (2012-2013).

AA.VV., DIDASKALIA, *Revista da Faculdade de Teologia – Lisboa, Fascículo 1, Volume XXX*.

AA.VV., *Jesus Cristo é o Senhor, Secretariado Nacional da Educação Cristã*, Lisboa, 1992⁸.

AA.VV., *Didaskw, ensinar*, I Volume, Huambo Angola, 2013.

AA.VV., *Mensagens para a paz, Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz*, fevereiro de 2002¹.

ALBISETTI, Valério, *Como atravessar o sofrimento*, Editora Paulinas, 2011².

VAZ, Armindo dos Santos Nuno, *O sentido último da vida projectado nas origens*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2011.

BARATA, António Martins, *Tu que Sofres, Sentido cristão da dor*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1989².

BALDESSIN, Anísio, como *organizar a pastoral da saúde*, Edições Loyola, São Paulo, 2007.

BARBOSA, Adérito Gomes, *Jovens com Jesus Cristo*, Editorial Paulinas, 1996³.

BERMEJO, José Carlos, *A morte ensina a viver*, Paulus Editora, Lisboa, 2012.

BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, 2008⁴.

_____, *Luz do Mundo, o papa, a Igreja e os sinais dos tempos*, Principia Editora, Vaticano, 2010¹.

_____, *Jesus de Nazaré, da entrada em Jerusalém até à ressurreição*, fevereiro de 2011¹.

BIANCHI, Enzo - MANICARDI, Luciano, *Ao lado do doente*, Editora, Paulinas, S. Paulo, fevereiro de 2012.

BOFF, Leonardo, *A cruz nossa de cada dia: Fonte de vida e de ressurreição*, Editora vozes, Brasil, 2012.

CANTALAMESSA, Raniero, *Poder da Cruz*, Edições Loyola, Abril de 2009⁵.

CASTRO, Nuno Jorge Monteiro de, *Comunicação Social e Evangelização, Leitura das Mensagens do Papa João Paulo II e do Papa Bento XVI para o Dia Mundial das Comunicações Sociais*, Dissertação Final, Braga, 2012.

COELHO, Francisco Senra, «O sofrimento e a dor à luz do mistério pascal», in *Quereis oferecer-vos a Deus? Movimento da mensagem de Fátima*, Boletim nº28, 2012.

COELHO, António José, *Quem me vê, vê o Pai, Deus revelado em Cristo*, Editorial Apostolado de Oração, Braga, abril de 2009.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *O Rosário com João Paulo II*, Lisboa, 2003⁵.

COSTA, Ana Lúcia Alves da, *no fim da linha: o sofrimento do doente em fim de vida e sua Família*, Gráfica Vilaverdense – Artes gráficas, 2011.

DIAS, Abel, *Valores de sempre*, Editorial Além – Mar, Lisboa, 2012¹.

DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, *Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume III, Inspiração – Natureza, Edições Loyola, S. Paulo, 1970.

_____, *Conceitos Fundamentais da Teologia atual*, Volume

V, Edições Loyola, S. Paulo, 1971.

DUQUE, João Manuel, *O excesso do Dom, sobre a identidade do cristianismo*, Edição Alcalá, 2004.

_____, *A transcendência do conceito, estudos para uma metafísica teológica*, Edições Didaskalia, Lisboa, 2010.

ENCICLOPEDIA LUSO-BRASILEIRA de Cultura, Edição Século XXI, Editorial Verbo, Col. Direita, Lisboa/São Paulo, 2003.

ECHEVARRÍA, Javier, *Getsémani - Em Oração com Jesus Cristo*, Edição, DIEL – LD, 2011.

FOLLO, Monsenhor Francesco, *Meditações com o Beato João Paulo II*, Paulus, Editora, Lisboa, 2011².

FORMOSINHO, Sebastião J - BRANCO, J. Oliveira, *O bratar da criação, um olhar dinâmico pela ciência, a filosofia e a Teologia*, Universidade Católica editora, Lisboa, 1997¹.

_____, *A pergunta de Job, o Homem e o Mistério do Mal*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003.

HUME, Cardeal Basil Osb, *O Mistério da Cruz*, Paulus Editora, Apelação, 2002².

MORUJÃO, Manuel, *Viver com Qualidade, Virtudes Humanas e Cristãs*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2003².

NOUWEN, Henri, *O regresso do filho pródigo*, Editorial Apostolado de Oração, Braga, 2007⁶.

LUKAMBA, André, *O que não estão a dizer sobre a sida, centro de estudos teológicos*, Huambo, 2003.

LOURENÇO, João Duarte, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico. Releituras hermenêuticas de Isaías 53*, Ed. UCP, Lisboa, 2006.

PALMA, Luís De La, *A Paixão do Senhor*, Viseu, 1991.

PEREIRA, Miguel (coord.), *Teologia do corpo*, Lisboa, 2013.

PIRES, António de Azevedo, *Pio XII e os grandes problemas do Homem*, 1ª Série, Lisboa, 1957.

POLICARPO, D. José da Cruz, *Obras Escolhidas; Igreja, Mistério e Missão*, Editora, Universidade Católica, Vol.13, Lisboa, 2010.

_____, *Mensagens para a paz, textos de Paulo VI ao João Paulo II para a celebração do mundial da paz*, principia, publicações universitárias e científicas, 2002.

RATZINGER, Joseph Cardeal - BOVONI, Alberto, *Liberdade cristã e libertação, congregação para a doutrina da fé*, Editorial, Apostolado da Oração, Braga, 1987³.

RAHNER Karl, *Porque razão nos deixa Deus sofrer?* Editorial franciscana, Braga, 2011.

THUAN, François Xavier Nguyen Van, *Testemunhas da Esperança, Exercícios espirituais da cúria Romana com a presença de S.S. João Paulo II.*, Gráfica de Coimbra, 2000.

TCHOMBELA, Pedro Gabriel, *Ondjembo, Elementos epistemológicos do éskaton antropológico na paidéia “Hanha” entre os Ovimbundos,?????*

UGARTE, Vilariño, *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, Livraria, Apostolado da Imprensa, Porto, 1957².

VARILLON, François, *O sofrimento de Deus, Editorial*, Apostolado da Oração, Braga, 1996.

_____, *A Páscoa de Jesus, Viver o Evangelho – III*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2007.

VAZ, Armindo dos Santos Nuno, *O sentido último da vida projectado nas origens*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2011.

3) Netgrafia

[http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA\(A\)ANO%20SANTO%20DA%20REDECAO%20!.PDF](http://www.ourladyoffatimachurch.net/ENCICLOPEDIA(A)ANO%20SANTO%20DA%20REDECAO%20!.PDF).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Jo%C3%A3o_Paulo_II.

<http://www.calendarr.com/portugal/dia-mundial-do-doente/>.

http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=29&did=123905.

[http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130930-papa-francisco-anuncia-canonizacao-de-dois-
WWW.e_biografias.net/joao_paulo_ii/](http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130930-papa-francisco-anuncia-canonizacao-de-dois-
WWW.e_biografias.net/joao_paulo_ii/).

[http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130930-papa-francisco-anuncia canonização-de-dois-Antecessores](http://www.portugues.rfi.fr/geral/20130930-papa-francisco-anuncia_canonizacao-de-dois-Antecessores).

www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/sick/index_po.htm.(sofrimento em África).

http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/sick/documents/papa-francesco_giornata-malato_po.html.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_dos_Santos_Inocentes.

[http://www.franciscanos.org.br/?page_id=5516.p://pt.wikipedia.org/wiki/Protom%C3%](http://www.franciscanos.org.br/?page_id=5516.p://pt.wikipedia.org/wiki/Protom%C3%9A1rtir.)

[A1rtir.](#)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Viagens_apost%C3%B3licas_de_Jo%C3%A3o_Paulo_II

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I – PARA UMA FENOMENOLOGIA DO SOFRIMENTO	07
1. Apresentação da Carta Apostólica <i>Salvifici Doloris</i>.....	07
2. Resenha biográfica do papa João Paulo II (1920-2005)	09
3. Noção e considerações gerais.....	15
4. Formas de sofrimento	21
5. A solidariedade humana.....	25
6. O mal e sua origem.....	30
7. O sofrimento na Sagrada Escritura	32
7.1. O Antigo Testamento.....	34
7.1.1. O sofrimento e o comportamento humano.....	35
7.1.2. O sofrimento como consequência do incumprimento da lei Dt 30,15-20..	39
7.1.3. O Sofrimento como um caminho vivencial para a descoberta de Deus....	41
7.1.4. O sofrimento como um elemento educativo e pedagógico.....	44
7.2. O Novo Testamento.....	51
8. A universalidade do sofrimento.....	53
CAPÍTULO II - PROBLEMATIZAÇÃO E SENTIDO CRISTÃO DO SOFRIMENTO	55
1. O sofrimento perante Deus	55
2. A reação de Job e seus amigos perante o sofrimento.....	59
3. Revelação da misericórdia	62
4. O amor de Deus através de Jesus Cristo.....	68
5. A missão salvífica de Cristo.....	71

6. A condenação eterna.....	76
7. Getsémani e Gólgota.....	77
CAPÍTULO III – SOFRER POR COMPAIXÃO.....	85
1. O povo sofredor, ontem, hoje e sempre.....	85
2. Os doentes como participantes do sofrimento de Cristo.....	86
3. A doença da sida.....	94
4. Os martirizados por causa de Cristo.....	97
5. O sofrimento de Maria antes e depois do nascimento de Jesus.....	104
6. A universalidade da salvação.....	106
CONCLUSÃO.....	110
ANEXO.....	112
BIBLIOGRAFIA.....	123